



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
FACULDADE DE HISTÓRIA

PAULO HENRIQUE SANTOS DOS SANTOS

**REFLEXÕES DE HISTÓRIA AMBIENTAL EM MARAJÓ DE DALCÍDIO**  
**JURANDIR: olhares e sentidos sobre a natureza**

Ananindeua  
2021

PAULO HENRIQUE SANTOS DOS SANTOS

**REFLEXÕES DE HISTÓRIA AMBIENTAL EM MARAJÓ DE DALCÍDIO**

**JURANDIR:** olhares e sentidos sobre a natureza

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Wesley Oliveira Kettle.

Ananindeua

2021

PAULO HENRIQUE SANTOS DOS SANTOS

**REFLEXÕES DE HISTÓRIA AMBIENTAL EM MARAJÓ DE DALCÍDIO**  
**JURANDIR: olhares e sentidos sobre a natureza**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História, pela Universidade Federal do Pará.

Data de aprovação: 25/03/2021

**Banca Examinadora:**

---

Orientador: Prof. Dr. Wesley Oliveira Kettle

---

Avaliador (a): Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo

---

Avaliador (a): Prof. Dr. Wesley Garcia Ribeiro Silva



## **AGRADECIMENTOS**

O caminho até aqui não foi fácil, muito pelo contrário! Com a chegada da Pandemia, as dificuldades se intensificaram ainda mais. É por isso que escolho agradecer, primeiramente, ao meu Deus que se distancia de ódio, ganância e qualquer oposição a vida. Foi nele que busquei refúgio em momentos de dúvida e medo nesses tempos sombrios.

Em segundo lugar, aos meus pais Sandra Borges e Paulo Sérgio que sempre me acolheram independente das minhas escolhas, demonstraram compreensão quando decidi correr atrás do sonho que era cursar História na Universidade Federal do Pará, que tornaram o caminho mais suportável quando eu senti que estava falhando ou duvidei da minha capacidade. É por vocês e pela nossa história que busco dar o meu melhor a cada dia, tentando ser não apenas um bom profissional, mas um bom ser humano.

A partir daqui, gostaria de mencionar que não há uma hierarquia, pois todos foram extremamente importantes nas etapas que vivi ao longo do curso. Agradeço ao meu professor e orientador Wesley Oliveira Kettle por ter me apresentado a História Ambiental e indicações de livros que mudaram a minha vida, pelo incentivo que ofereceu as minhas ideias, por ter feito a universidade se tornar um espaço onde consegui colocar um pouco do Paulo músico e produtor. A minha amiga e maior dupla do curso Victória Murakami, que guardo no coração cada conversa, risada e as brigas semestrais, o rumo que nossa amizade tomou vai muito além dos muros da universidade, e espero que continue assim daqui em diante. Minha amiga Fernanda Reis que, mesmo começando a fazer parte da minha vida em 2019, me trouxe um enorme apoio emocional, principalmente no ano de 2020 onde me desesperei ao pensar em perder as pessoas ao meu redor.

Por fim, aos meus queridos amigos Allan, Phillippe, Netto, Pedro e Roberto que considero cada conversa um aprendizado, mesmo com todas as diferenças que nos cercam, entendemos o quão sortudos somos por pertencer a um grupo cheio de pessoas excepcionais, que não medem esforços para ajudar um ao outro quando necessário.

Agradeço muito a todos vocês!

*“Sua maternidade se fundia com a da natureza, comunicavam-se com os cheiros, os desejos, a moleza e o torpor que havia na mulher e na terra.”*

*(Dalcídio Jurandir)*

## RESUMO

O presente trabalho analisa as relações entre seres humanos, natureza e o passado a partir do romance *Marajó* (1947) de Dalcídio Jurandir, sob a perspectiva da história ambiental. Estabelecemos diálogos entre a historiografia e a literatura para demonstrar uma ampliação da compreensão sobre os problemas resultantes da desigualdade social encontrada principalmente nos municípios paraenses de Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari na primeira metade do século XX. Destacamos a permanência prejudicial de estruturas historicamente construídas ao longo tempo nessa sociedade. Demonstramos as diferentes relações com a terra entre grupos oprimidos e opressores, a presença ativa dos animais não humanos que exercem uma importante influência na dinâmica local e a subversão de uma tradição literária em que a natureza é representada de forma abundante e harmônica, dando lugar a denúncia de degradações ambientais relacionadas a exploração por parte dos grandes fazendeiros.

Palavras-chave: História Ambiental; Marajó; Dalcídio Jurandir.

## **ABSTRACT**

This work analyzes the relations between the human beings, nature and the past, based on Dalcídio Jurandir's romance *Marajó* (1947), under an environmental history perspective. We established dialogues between literature and historiography to demonstrate a magnification of the comprehension of the problems caused by social inequality found mainly in the cities of Ponta de Pedras and Cachoeira do Arari in the Brazilian state of Pará in the first half of the 20th. We highlight the harmful permanence of historically constructed structures over time in this Society. We demonstrated the different relationships between oppressed social groups and the Earth, the active presence of non human animals that exert influence in the local dynamics and the subversion of a literary tradition in which nature was represented in an abundant and harmonic form, giving way to the complaints of environmental degradation related to the exploitation made by the great farm owners.

Keywords: Environmental History; *Marajó*; Dalcídio Jurandir.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA, LITERATURA E NATUREZA.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Diálogos entre a História e Literatura.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Leituras da História e Natureza.....</b>	<b>27</b>
<b>2.3 História Ambiental e a Literatura.....</b>	<b>37</b>
<b>3 HISTÓRIA E NATUREZA: AMBIVALÊNCIA, BICHOS E ANTIBUCOLISMO.....</b>	<b>52</b>
<b>3.1 Natureza Ambivalente: Diferentes relações com a terra entre oprimidos e opressores.....</b>	<b>54</b>
<b>3.2 Bichos e Lendas no romance do arquipélago.....</b>	<b>68</b>
<b>3.3 O Antibucolismo em Dalcídio Jurandir.....</b>	<b>83</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura vem cada vez mais demonstrando ser uma fonte em potencial para compreensão de complexos processos históricos e, também, diversificadas interpretações a partir da perspectiva dos historiadores. Não obstante disso, os escritos de Dalcídio Jurandir, autor nascido em 1909 no município de Ponta de Pedras, região do Marajó, Estado do Pará, que já proporcionaram algumas produções de trabalhos para o campo da história em âmbitos sociais e políticos, dos quais o autor demonstrou por meio de suas entrevistas e experiência como colunista um interesse em abordar, acabam expressando a importância e riqueza existente nestes romances do escritor marajoara. Desta vez a análise retrata uma vertente do romance não muito comum, que é sob o olhar da História Ambiental, percebendo como a natureza e história estão presentes no segundo livro intitulado de “Marajó” publicado em 1947.

Minha proposta de trabalhar com a literatura surgiu ao longo do curso de graduação pela Universidade Federal do Pará, em disciplinas como Amazônia Oitocentista ministrada pelo meu professor e orientador Wesley Oliveira Kettle, onde tive a oportunidade de ler Marques de Carvalho e Inglês de Sousa. Ter contato com os escritos desses autores me causou um tipo de recepção, como se estivesse enxergando minhas memórias em livros que haviam sido escritos há mais de 100 anos. Ler sobre os búfalos pela rua, o prego atrás da porta para pendurar roupas, as frutas costumeiras da região e lendas amazônicas foi um grande choque e ao mesmo tempo, muita empolgação, tanto que concluí o livro Hortência – primeira vez publicado em 1888 e escrito por Marques de Carvalho – em apenas um dia.

Minha empatia com essa literatura não foi por acaso, pois minha família por parte de mãe reside até hoje no município de Soure e na Vila do Pesqueiro, – região do Marajó, Estado do Pará – comunidade que fica a 12km do centro de Soure. Antes dos meus 6 anos de idade morei em Soure e, mesmo após a mudança para Ananindeua – região metropolitana de Belém, Pará – minha infância e adolescência foram marcadas pelas visitas em períodos festivos e de férias escolares neste município do Marajó. Tive uma vivência que guardo e lembro com muito carinho, tios pescadores, vizinhas rezadeiras, corridas pela mata e medo de lendas que os adultos contavam. Foi comum, na Vila do Pesqueiro, notar casas de palafita sem cercas ao redor, um quintal com uma enorme floresta atrás onde pude ver macacos

que faziam minha tia a esconder os pães e frutas da mesa, a preguiça estirada nas árvores e as galinhas que corriam por debaixo das casas. Com a chegada de responsabilidades de trabalho e vida adulta, acabei não mais conseguindo voltar a Soure e as vivências acabaram se tornando apenas lembranças, porém, ao conhecer trabalhos como o do Marques de Carvalho e, principalmente, Dalcídio Jurandir, me encontrei como pesquisador e historiador de uma forma muito mais concreta do que nunca havia imaginado antes, ao ponto de me reconectar novamente com um lugar que, hoje em dia, entendo e afirmo ser o meu lugar.

Em novembro de 2019, em contato com o grupo de Antropologia Visual intitulado “Visagem” – do qual atualmente faço parte – liderado pela professora Denise Machado Cardoso, tive a feliz oportunidade de retornar ao meu lugar no projeto Incursões Etnográficas em Soure, com a proposta de ministrar oficinas e entrevistar professores de comunidades remanescentes quilombolas dos municípios de Soure e Salvaterra. Reencontrar minhas tias e tios, primos e aquela terra foi algo inacreditável, de reconexão tão forte que a motivação da minha pesquisa – neste tempo já sendo desenvolvida – acabou se tornando mais evidente no meu entendimento. Acompanhamos os Jogos Quilombolas de Salvaterra com a reunião de 15 comunidades, evento que transmitiu a luta e resistência dessas comunidades perante as investidas de expropriação dos grandes proprietários da região, sentei em rodas de conversas escutando a história de ancestrais e de lendas, mas dessa vez, também com olhos e ouvidos de pesquisador. Essa experiência causou muito impacto no meu retorno à escrita do Trabalho de Conclusão de Curso sobre Dalcídio Jurandir, pois foi onde passei a notar que o autor já em meados da primeira metade do século XX estava apontando a existência de conflitos agrários.

A escolha pelo campo da História Ambiental está intrincada com a minha constituição como pessoa, pois já pequeno ouvia críticas a grandes empresas, grandes propriedades, a pesca e caça intensiva que acabavam depredando a vida das comunidades como a dos meus familiares na Vila do Pesqueiro que dependem do rio para a subsistência. Desde pequeno sentia necessidade de zelar por aquele espaço ao meu redor. Quando encontrei-me com a História Ambiental na academia, pude ver uma outra maneira de contribuir com a luta pela preservação e cuidado com a natureza, além de mostrar que árvores, rios e animais não humanos também possuem história.

Dessa forma, o segundo romance de Dalcídio Jurandir acabou por englobar todas as experiências que tive ao longo da minha infância e adolescência na região do Marajó, ao mesmo tempo que pude ver um enorme potencial para a perspectiva da História Ambiental como pesquisador. Este conjunto me fez optar por tornar o Marajó (1947) como a minha fonte do trabalho de conclusão da graduação em História.

O romance intitulado de “Marajó” do autor Dalcídio Jurandir se passa no Marajó oriental, região que comporta os municípios de Ponta de Pedras, Cachoeira do Arari, Salvaterra, Soure, entre outros. Em outras palavras, retrata a região dos campos onde há uma maior atividade agrícola e pecuarista, apresentando as problemáticas sociais que vivem os mais pobres através do olhar de um protagonista que faz parte do grupo que detém as fontes de riquezas e o poder, que são os fazendeiros. Em meio a privatização da terra, de rios e da miséria causada por estes fatores, podemos perceber, também, as diferentes formas de usos da natureza que não é algo homogêneo, pois os mais ricos e mais pobres se diferenciam em alguns sentidos neste quesito. Investigando pontos com a perspectiva da História Ambiental, podemos perceber que a natureza exposta pelo autor marca um importante papel na dinâmica social destes povos do Marajó, com o maior foco em Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari.

Para analisar os papéis da natureza no romance, me sustento em teóricos como Donald Worster que traz certos fundamentos necessários do trabalho que a história ambiental exerce, pegando a literatura como objeto de pesquisa. Outros autores, mesmo não sendo autodenominados historiadores ambientais, também estão contribuindo para análise como o Keith Thomas e Raymond Williams, sendo fundamentais nesta investigação.

O trabalho está organizado em duas partes, na primeira seção atendo-me ao debate de alguns autores do campo da história e literatura, história e natureza e outros que já se debruçaram sobre a mesma metodologia de análise de romances e poemas com a ótica da História Ambiental. Apresento, inicialmente, trabalhos já feitos sobre os livros do Dalcídio Jurandir em diversos aspectos, inclusive de críticos literários e, claro, de historiadores. A subseção seguinte está destinada aos teóricos da história ambiental e outros que passam a ter certas proximidades em relação a leitura da natureza, que me trouxeram um leque de possibilidades na análise do romance. A última subseção é o momento de alguns trabalhos que me ofereceram

referências de como desenvolver este trabalho, como historiador ambiental, pegando como objeto a literatura.

Na segunda seção é onde proponho minhas perspectivas sobre o livro analisado, sendo dividida em três subseções. A primeira no debate dos diferentes modos de valores e usos atribuídos à natureza, pegando como exemplo os fazendeiros e os menos favorecidos, apontando que estes conflitos vividos pelos dois grupos, também são causados por estas duas formas de se relacionar com a natureza. Na subseção seguinte trabalho a ideia de como os animais acabam influenciando certas questões nas dinâmicas sociais como a ideia de poder e do campo mítico que envolve as lendas. Já na última subseção apresento um segmento que aproxima o autor Dalcídio Jurandir de um gênero literário que envolve uma outra forma de trazer a natureza para a sua escrita, que é o antibucolismo apresentado por Raymond Williams, onde Dalcídio Jurandir, em um tom de denúncia, comenta sobre depredações ambientais causadas pela dinâmica social onde o grupo mais poderoso é o dos fazendeiros.

## **2 REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA, LITERATURA E NATUREZA**

Intitulado de 'Marajó' e publicado em 1947, o segundo livro da obra Ciclo do Extremo Norte<sup>1</sup>, do autor Dalcídio Jurandir, traz uma série de problemáticas vividas na região de Ponta de Pedras, ambiente cercado de terras conflituosas, pobreza, desigualdade e uma natureza que marca bastante a sua presença. Começando por um dos personagens mais polêmicos do romance, o Missunga, filho de Coronel Coutinho e Dona Branca, sendo o pai possuidor de extensas terras pela região e uma grande influência no local. Manuel Coutinho – verdadeiro nome de Missunga – se encontra em um grande dilema que é o de continuar os estudos e se tornar um doutor, como sonha o pai, ou assumir o lugar do mesmo e administrar suas terras espalhadas pelos campos do Marajó. De início, o Dalcídio Jurandir nos apresenta um personagem bem indeciso e angustiado, que larga os estudos e fica na ociosidade da vida no campo, como entretenimento ele caça, se envolve com várias mulheres, bebe e meio que isso se torna uma válvula de escape para que o mesmo não fique pensando a todo momento sobre o que fazer. Há, também, a presença de personagens que são importantes na obra e próximos de Missunga, como D. Ermelinda que passa a ser a amante de Coronel Coutinho, principalmente após a morte de D. Branca, também temos Sá Felismina que é a ama de leite de Missunga, Lafaiete que é o tabelião do local, Nelson Coutinho, seu Tio, Calilo, o comerciante e descendente de Sírios, e também, Alaíde, Ormindia e Guíta que são mulheres com quem o protagonista se envolve ao longo do romance.

Um dos principais pontos que pretendo explorar, a partir do romance, é os papéis e visões voltados para a natureza, que também chega a ter seu protagonismo diversas vezes, assim como qualquer outro personagem. Em Dalcídio Jurandir percebemos a voz do índio, negro, caboclo, ribeirinho, mulher, ou seja, dos oprimidos em geral, porém, não se pode deixar de perceber a voz que a natureza exerce em seu romance, quase sempre influenciando no contexto das passagens expostas pelo autor. Inclusive, o livro em si já tem a natureza como debate central, pois percebemos que todo conflito, todo o drama em que se encontram os personagens de Marajó (1992)<sup>2</sup>, é através de uma luta por espaço, da contraposição entre fazendeiros – representados pela família Coutinho – e os oprimidos que são as pessoas menos favorecidas de Paricatuba. Essa natureza, ao mesmo tempo que se encontra privada, proibida do uso – pois as cercas impostas por Coronel Coutinho

---

1 Conjunto de 10 livros publicados por Dalcídio Jurandir.

2 JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 3ª. ed. Belém: CEJUP, 1992.

cada vez mais estreitam-se sob os pequenos proprietários e pessoas que buscam sobreviver nos campos de Ponta de Pedras e Cachoeira –, ainda é essencial para diversos desfechos e valores presentes na cultura popular – a relação com os rios, com os animais e elementos pertencentes a mata –, assim como também fornece, na medida do possível, recursos para que estes ainda possam conseguir se alimentar. Desse modo, Dalcídio Jurandir pode contribuir muito além da história regional, é uma escrita que representa a dinâmica rural no Brasil ao longo das primeiras décadas do século XX, é a realidade enfrentada por pescadores, pequenos agricultores, nordestinos imigrantes que vieram em busca de oportunidades para a Amazônia, entre outros.

É importante mencionar que Dalcídio Jurandir nasceu em Ponta de Pedras no dia 10 de janeiro de 1909<sup>3</sup>. Desse modo, já há um vasto estudo biográfico sobre o autor em que podemos fazer certas associações que demonstram influência de seu cotidiano na sua escrita. Por exemplo, a sua experiência como inspetor escolar<sup>4</sup> que possibilitou que Dalcídio Jurandir viajasse por algumas regiões do Marajó, conhecendo e vivendo mais ainda a realidade desses povos que tanto estão presentes na sua literatura.

Na questão de seu interesse em retratar a vida dos mais desfavorecidos, também podemos relacionar o seu papel político, já que o autor participou da Aliança Nacional Libertadora – conhecida como ANL, onde foi preso devido a sua atuação e posição política no período<sup>5</sup>. Se considerarmos a situação política em que o livro ‘Marajó’ foi escrito – passa pela década de 30 e 40, onde encontramos Golpe de Estado e a Era Vargas, também temos a Segunda Guerra mundial e um árduo combate contra o comunismo<sup>6</sup>, percebemos ao longo da leitura da obra que a sua intenção em demonstrar miséria, uma política que só faz predação famílias e moradores menos abastadas de Ponta de Pedras e, também, certas contradições na busca pelo poder, são correlacionadas com sua experiência vivenciada durante o período em que se encontrou.

---

3 JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Marques Editora, Belém – Pará, 2016.

4 DALCÍDIO Jurandir. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19092/dalcidio-jurandir>>. Acesso em: 07 de Jan. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

5 JURANDIR, 2016, p. 331.

6 PRESSLER, Gunter K. O Comunista e o Escritor Dalcídio Jurandir. **Princípios** (São Paulo), v. 102, p. 62-66, 2009.

## 2.1 Diálogos entre a História e Literatura

É perceptível que a literatura vem demonstrando cada vez mais o seu papel como uma fonte igualmente relevante às demais que são tão estimadas pelos historiadores. Importantes autores buscam cada vez mais demonstrar o quão benéfico pode ser esse diálogo que, não é exclusividade dos estudos desenvolvidos em âmbito contemporâneo, pois alguns estudiosos da temática já apresentaram a polêmica em torno desse par que veio com o surgimento do racionalismo científico do século XIX, tal como aponta Silvana Seabra<sup>7</sup>. Assim, podemos refletir sobre como esse período reformulou o fazer história e, de certo modo, passou a problematizar a semelhança com a produção literária, já que, para grande parte dos historiadores do período, possuir aproximação com textos ficcionais era estar distante da categoria de ciência e, cada vez mais, próximo de uma leitura fantasiosa<sup>8</sup>. No entanto, há também a ideia de que o século XIX possui uma produção que demonstra o interesse de aproximação da história com a literatura, e que essas incertezas em torno da relação entre as duas ciências acabou por influenciar, também, a dinâmica no século seguinte, onde se encontraram as mesmas problemáticas<sup>9</sup>. Desse modo, a presença das polêmicas em torno do tema proporcionaram uma maior reflexão e novas formas e métodos para se trabalhar com obras literárias, historiadores passaram a trazer mais fortemente este diálogo a partir de 1970 onde houve uma crise no modelo que foi proposto pelos *Annales*, não sendo mais considerado o suficiente para a historiografia<sup>10</sup>.

No século XX foi possível perceber um retorno do interesse em maior escala dos historiadores pela produção dos romances, principalmente nas três últimas décadas onde autores do mesmo século passaram a discutir mais dessa aproximação entre literatura e história<sup>11</sup>. Ou seja, não se trata de uma simples percepção ou implicância egocêntrica entre historiadores e estudiosos da literatura, e sim de um processo que também pode ser visto como historicamente construído

---

7 SEABRA, Silvana. **De vizinhas tricoteiras a companheiras distantes?** Alguns apontamentos sobre o debate entre História e Literatura. Juiz de Fora: Locus, 2011. p. 17-37.

8 WEINHARDT, Marilene. **Ficção e História:** retomada de antigo diálogo. Curitiba: UFPR. 2002. p. 105 – 120.

9 CAMILOTTI, Virígnia. NAXARA, Márcia Regina C. **História e Literatura:** fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. Curitiba: UFPR. 2009. p. 15-49.

10 SANTOS, Zelo Aparecida Martins. **História e Literatura:** uma relação possível. Curitiba: R.cient./FAP, 2007. p. 117-126.

11 WEINHARDT, op. cit., p. 106.

através de um discurso instituído para o estabelecimento da ciência histórica no século anterior, tal como aponta Sandra Jatahy Pasavento<sup>12</sup>.

O que pode ser considerado como benefício, ao tornarmos a produção literária como fonte para o campo da historiografia, já foi exemplificado por vários autores, tendo em vista seus vários métodos de trabalho e, até mesmo, a possibilidade de relacionar essas fontes ao lado de outras – dados estatísticos, documentos, iconografias – para maior contribuição no trabalho do historiador. Toda essa repercussão do debate sobre o diálogo entre os dois campos causou surpresa dos próprios estudiosos da literatura ao perceberem suas produções e área sendo tão discutidas nessa nova perspectiva que surgia no século XX, pois notar que seu trabalho e produção agora passaram a se posicionar como um paradigma para uma ciência histórica causou certo espanto<sup>13</sup>.

Houve uma colocação muito específica em torno da polêmica entre história e literatura, contudo, outro ponto chave para a compreensão dessa dinâmica entre os historiadores e estudiosos da literatura também pode ser acrescida do processo de exigência da veracidade histórica. Existem trabalhos que já apontam uma preocupação desse compromisso com a verdade no tempo de Tucídides e Heródoto, com essa perspectiva do pensamento ocidental em afastar a história da ficção, como ressalta em seu trabalho Sandra Jatahy Pasavento<sup>14</sup>. A forma como a prática de escrever foi constituída nas sociedades modernas ocidentais representa como o espaço existente neste campo sempre foi conflituoso, por exemplo, a separação e definição de escrita e oralidade. Michel de Certeau<sup>15</sup> afirma que com a instituição dos aparelhos *escriturísticos* na sociedade moderna ocidental, houve também o surgimento de duas separações, a do povo em relação a burguesia, e a da voz em relação à escrita:

Daí a convicção que, longe, bem longe dos poderes econômicos e administrativo, "o Povo fala". Palavra ora sedutora ora perigosa, única, perdida (malgrado violentas e breves irrupções), constituída em "Voz do povo" por sua própria repressão, objetivo de nostalgias, controle e sobretudo imensas campanhas que hoje rearticulam sobre escritura por meio da escola.<sup>16</sup>

---

12 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto**: leituras da história e da literatura. Pelotas: UFPel, 2003, p. 31-45

13 WEINHARDT, op. cit., 107.

14 PESAVENTO, op. cit., 34.

15 CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

16 Ibid, 1994, p.222

À vista disso, o autor retrata como ao longo de 4 séculos o processo escriturístico foi designando formas de se estabelecer cada vez mais no cotidiano, "se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim, fazer história"<sup>17</sup>. A origem e valorização da história passou a ter cada vez mais valor por meio das escrituras, deixando de lado a oralidade, prática essa que se distanciava da legitimidade científica e política. Essa mentalidade foi se modificando até os dias atuais, mesmo assim, gostaria de mencionar alguns dos vestígios deixados por ela através da ótica de Certeau (1994). O autor refere-se a escrever como uma atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, que é a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado, e nisso menciona três níveis; o primeiro é a página em branco, onde há autonomia, distância da ambiguidade, um espaço próprio de expressão. Em segundo, a construção do texto, onde se utilizam de elementos textuais e mentais, dando um trajeto e sentido de um mundo não recebido, mas fabricado. Em terceiro, explicita que a construção do texto não é apenas um jogo, uma forma de entretenimento, e sim que há reivindicações em relação a sua própria realidade, uma forma de expressar e sugerir mudanças a partir de um espaço próprio<sup>18</sup>. Portanto, as informações das quais dispõe Michel de Certeau constata que a escrita é um campo cheio de singularidades e que cada texto é um mundo, mas um mundo onde se conecta a vários outros, podendo ser esse até mesmo o espaço de vivência do seu criador, tendo em vista que o mundo criado pode trazer ideias de uma busca pela maior eficácia social.

Dessa forma, a preocupação com a narrativa histórica não é enredo apenas de um cenário reformulado do século XIX. Pode-se trazer a tona uma reflexão juntamente desse contexto para o lado literário, já que o século XX é cercado de autores que utilizam fontes da vida real para escrever seus romances e obras que tanto marcaram uma geração, por exemplo, Jorge Amado com o livro *Capitães da Areia*<sup>19</sup> que utiliza fontes de jornal. Olinda Batista Assmar<sup>20</sup> menciona que a literatura brasileira possui uma tendência a referência documental, principalmente se tratando de autores modernistas. Outro exemplo que pode ser encaixado nesse contexto é o do próprio autor Dalcídio Jurandir, que tem muita influência de sua realidade vivida

---

17 Ibid., p.224

18 Ibid., 225.

19 AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Record, 2002

20 ASSMAR, Olinda Batista. **Dalcídio Jurandir: um olhar sobre a Amazônia**. Rio de Janeiro, Galo Branco. 2003.

na Amazônia ao escrever suas obras, sendo ele um sujeito que nasceu em Ponta de Pedras, uma das ilhas que formam o Marajó, e após essa experiência acabou por morar na atual capital do Pará, Belém, para concluir seus estudos. Também foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como colunista em um jornal e, após um período, retornou a Belém. Esse breve resumo cabe no que pretendo demonstrar neste trabalho sobre as influências de Dalcídio Jurandir levadas para o livro *Marajó* (1992) possuindo referência desses três ambientes anteriormente mencionados – Rio de Janeiro, Belém e Ponta de Pedras, fora outros como Cachoeira, Gurupá, Santarém, Soure e Muaná. Além disso, também é possível notar, no romance, personagens que foram inspirados em pessoas presentes em sua vida, como o caso de Alfredo, nome do pai e filho de Dalcídio.

Alguns pesquisadores já trouxeram várias reflexões sobre a obra do romancista paraense, sendo vista como uma riquíssima fonte de informações sobre as primeiras décadas do século XX. A tese de Maíra Oliveira Maia<sup>21</sup> traz uma gama de análises dos livros *Belém do Grão-Pará* e *Passagem dos inocentes*, buscando compreender a cidade de Belém do Pará nos anos de 1920. Afirma que, muito além de uma análise possível do contexto social desse período, a literatura de Dalcídio Jurandir pode ajudar a compreender a experiência dos literatos da região em seu tempo, tendo possíveis desavenças por meio de conflitos políticos, barreiras da profissão e região, além de demonstrar também a influência exercida de suas realidades em suas próprias escritas, dessa maneira, enfatizando o autor e a obra ao contexto do qual ele escrevia<sup>22</sup>. A literatura dalcidiana também nos faz escutar certas vozes que foram atenuadas pela escrita da história, mas que vêm cada vez mais ganhando seu espaço:

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o cento de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público.<sup>23</sup>

---

21 MAIA, Maíra Oliveira. **Para Além da Decadência:** a “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História) - Instituto de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, p.296. 2017.

22 Ibid., p.35.

23 CERTEAU, 1994, p.57.

A autora Maia (2017) apresenta a ideia de que o literato marajoara tinha suas proximidades com os historiadores e escritores do século XIX, já que se preocupava com uma história diferente das oficiais, da perspectiva dos grandes nomes e sujeitos de destaque, ou seja, Dalcídio Jurandir se preocupava em representar os sujeitos “subalternos”, seus iguais que são esquecidos e, geralmente, predados pelos de cima, dando ênfase neste conflito social<sup>24</sup>. Neste sentido, a literatura, diferente das “grandes fontes documentais” que os historiadores do século XX e XIX valorizaram e destacaram bastante, pode colaborar com a nossa compreensão dos grupos sociais marginalizados e invisibilizados, como Dalcídio faz em seus livros, apresentando costumes, língua, ambiente, trabalho, intrigas, ou seja, ao invés do agrupamento genérico com teor de estereótipo, os textos de romancistas acabam humanizando essas pessoas, dando a elas o seu devido protagonismo de suas próprias histórias. Cabe ao historiador analisar e perceber as colocações presentes.

O antropólogo, musicólogo e folclorista Vicente Salles (1996) também se propôs analisar a produção de Dalcídio Jurandir, dando destaque para o seu segundo romance, *Marajó*, que afirma não ter sido prestigiado ou recebido o devido valor quando foi publicado pela primeira vez<sup>25</sup>. Mesmo recebendo a 1º premiação pelo livro *Chove nos Campos de Cachoeira*, Salles (1996) afirma que o romancista não foi beneficiado, apenas visto como um autor premiado, reiterando as dificuldades enfrentadas pelos literatos paraenses<sup>26</sup>. De qualquer maneira, Dalcídio Jurandir nunca deixou de insistir na representação de seu povo, de sua experiência pessoal, mesmo se utilizando da ficção para o fazer, afirma Salles (1996):

Já que sua obra se baseia, antes de tudo, numa longa experiência pessoal sem, no entanto, carregar os seus romances com o pitoresco e o documento exigido pelo figurino regionalista. Isto é verdade por que Dalcídio Jurandir não mergulha no seu universo regionalista fazendo saltos ornamentais. Ele não extrai desse universo qualquer imagem idealizada. As experiências foram vividas e, por isso, permitiram-lhe fazer com autenticidade a literatura do cotidiano, nos campos de Marajó, como nos bairros pobres de Belém.<sup>27</sup>

O romance do arquipélago do Marajó, mesmo não sendo uma continuidade exclusiva do primeiro livro, não deixa de fazer parte e acrescentar ao sentido do ciclo

---

24 MAIA, 2017, p.35.

25 SALLES, Vicente. Chão de Dalcídio. **Asas da Palavra**: Revista de Graduação em Letras, v. 13, n, 26, 1996.

26 Ibid., p.66.

27 SALLES, 1996, p.66.

do extremo norte, tendo o seu papel de focar apenas no mundo marajoara e suas lutas com a opressão exercida pelos fazendeiros representados pelo Coronel Coutinho. A ótica mencionada dentre opressores e oprimidos é investigada e apontada por Salles (1996), sendo considerada como uma forma de Dalcídio Jurandir espelhar a continuidade de estruturas coloniais, marginalizando de todas as formas negros e indígenas, explicando inclusive o sentido de apelido do personagem Missunga:

O apelativo de Missunga, o "príncipe", indica pois o "sinhozinho" da melhor tradição brasileira, e está expresso pelo próprio étimo quibundo: mi ou mu, prefixo diminutivo, e sunga, menino. É vocabulário de negros e negras da casa grande.<sup>28</sup>

As peculiaridades e intenções do autor de Ponta de Pedras foram brevemente expressas em sua entrevista com a cronista paraense Eneida de Moraes<sup>29</sup>, quando demonstra sua preocupação social, sua paixão pela escrita e, ainda, a influência das suas memórias na produção dos romances. Deixou claro em resposta a pergunta da entrevistadora que não se considerava neutro:

Sim, meus romances tomam partido. Sou um pequeno escritor de estritos, inclináveis compromissos. Estes em dão a liberdade que necessito, pois ser um pouco livre é muito difícil[...] Eu me prezo, honradamente, de ser bem parcial.<sup>30</sup>

Este compromisso mencionado por Dalcídio Jurandir é em questão de seus laços com o seu lugar, com a sua terra, onde deixa bem explícito que, mesmo viajando para o Rio de Janeiro, nunca arredou o pé de sua essência, da farinha d'água de seus beijos<sup>31</sup>. Os elementos presentes em seu segundo romance também demonstram o esforço do autor ao descortinar através dos campos de Cachoeira, Paricatuba e Ponta de Pedras, uma dimensão de elementos específicos da região: língua, práticas alimentares, conflitos, relação com a natureza, entre outros. A literatura dalcidiana "revela-nos a sua obra, dimensões inéditas do homem em seu contexto rural e/ou (sub)urbano"<sup>32</sup>, as desilusões vividas por Alfredo sobre a cidade de Belém se assemelham, de certa maneira, a de alguns personagens que se

28 Ibid., p.67.

29 Eneida entrevista Dalcídio (transcrição da entrevista publicada na Folha do Norte em 23/10/1960). IN: Asas da Palavra, vol.3, nº4. Belém: UNAMA, 1996.

30 Ibid., p.51.

31 Ibid., p.50.

32 SALLES, 1996, p.66.

encontram no romance ilha, que sonham em encontrar na capital um novo recomeço, uma maneira de ascenderem na vida, já que o campo também está em decadência pelas atitudes predatórias dos latifundiários. O problema é que quando conseguem, finalmente, chegar na capital, não encontram um espaço cheio de oportunidades, essas pessoas são deixadas de lado, criando aglomerados de pobreza às margens da cidade.

Dalcídio também viveu isso, chegou ainda menino na cidade e morou em casa de parentes, mencionando essa referência ao comentar sobre o livro *Belém do Grão Pará* onde o autor faz questão de relatar os seus encantos, o primeiro amor pela cidade, mas também o seu desprezo e enjoo pelo que a enfeita, disfarçando a miséria e violência presente no cotidiano belenense<sup>33</sup>.

Sobre a decadência envolvida na escrita de Dalcídio Jurandir, nos chama atenção os vestígios de um tempo de grandeza econômica, uma europa tropical, é o que aponta a autora Marlí Tereza Furtado (2004), expondo como o declínio da borracha tornou os palácios, teatros, palacetes que deram ares europeus em um local de altas temperaturas, acabaram se tornando ruínas, situação que futuramente ganhando mais destaque em alguns livros do ciclo do extremo norte<sup>34</sup>. O final do século XIX em Belém ainda possuía o glamour dessa cultura burguesa que se enquadrava aos moldes de Paris, mas que a partir do início do XX acabou por tomar outro rumo:

Observando esse cenário de decadência da exportação do produto então, como entender essa crise numa cidade em que o viajante francês, Jean de Bounnefous, ao passar por Belém, no final do século XIX, teria observado a dinamização da cidade, chegando a comparar Belém a Bordéus com “um movimento de veículos de toda a sorte, um vai-e-vem contínuo, que parecia mais um grande centro europeu do que uma cidade tropical”? Tratava-se de uma capital com inúmeras casas comerciais e casas de diversões como o Café Chic, o Café da Paz, local preferido pelos políticos, o Moulin Rouge, o Chat Noir, o Café Madri e o Café Riche, este último considerado um dos locais favoritos da sociedade paraense. Aliás, havia determinados locais da área central da cidade que eram comumente frequentados por intelectuais e por isso eram espaços marcados no cenário paraense.<sup>35</sup>

As transformações econômicas trouxeram também modificações sociais, sendo interesse tanto de historiadores quanto dos literatos que passaram a registrar

---

33 ENEIDA, 1996, p. 51.

34 FURTADO, M. T. Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir. **Sínteses** (UNICAMP), v. 1, p. 169-180, 2004.

35 SARGES, Maria de Nazaré. **A árvore das patacas secou**: o comércio português em Belém no primeiro quartel do século XX. Brasil-Portugal: Pontes sobre o Atlântico. p. 99-109, 2017.

através de seus escritos a maneira como o pós-1910 com o decaimento dos lucros da indústria gomífera passaram a trazer sérias consequências para a cidade<sup>36</sup>. Dalcídio Jurandir é o exemplo desta intenção em registro das ruínas a partir do seu livro *Belém do Grão Pará (1960)* que utiliza os Alcântara, família que ainda busca manter sua influência de poder, mas que se encontra com o lar devastado, em ruínas.

Sobre a organização da obra, Furtado (2004) constrói uma cronologia interessante, dividindo o Extremo Norte em três núcleos, sendo o primeiro os livros: *Chove nos Campos de Cachoeira, Marajó, Três Casas e um Rio*. Estes são mais situados pela ilha homônima, onde Belém é apenas um sonho distante, aparece de maneira mítica, alvo de planejamentos para o futuro dos personagens como Alaíde presente em *Marajó (1992)* ou Alfredo, protagonista icônico de 9 dos 10 livros<sup>37</sup>. Além disso, a autora também divide os personagens do romance ilha em dois grupos, um representado pelos opressores e influentes na região, os Coutinhos, e o outro grupo de oprimidos que é representado pelas mulheres: Alaíde, Guita e Orminda.

Os conflitos sociais, mesmo que de forma desigual, no segundo livro de Dalcídio Jurandir são bem presentes. Missunga se encontra nesse grande dilema, pois mesmo sendo o filho da maior figura dentre os fazendeiros em Ponta de Pedras, possui suas proximidades com os personagens que fazem parte da margem, dos trabalhadores e trabalhadoras que lutam todo dia para sobreviver na realidade desse mundo dos latifundiários. Em alguns momentos demonstra contestar as ideias do pai, até cogita criar um projeto para beneficiar a população mais pobre, que é o projeto felicidade:

Missunga olhava o estirão, uma ou outra sumaumeira grande e pensava: Pudesse derrubar tudo isto. Estender minhas plantações. Ali um trapiche. O sírio expulso. Adiante o armazém, casas de colonos, o arrozal nas baixas. Algodoads branquejando na luz da manhã. A trepidação dos tratores. Caminhão buzinando longe na estrada e a felicidade entrando pelos olhos de toda gente.<sup>38</sup>

Em outro momento, mais à frente, percebemos que este plano não passou de uma ideia utópica quando logo nos primeiros passos e primeiro surgimento de problemas o filho de Coronel Coutinho acaba, por má organização e administração,

36 Ibid., p. 99.

37 FURTADO, 2004, p. 16.

38 JURANDIR, 1992, p. 68.

desistindo e abrindo mão do projeto. O resultado desse episódio foi o cenário de famílias sendo expulsas do local, doentes e com fome. Uma questão interessante neste trecho é o deboche feito pelos trabalhadores e trabalhadores ao saírem daquelas terras, como se soubessem da possível falha do aspirante a Coronel/Fazendeiro:

Uma mulher havia arrancado a tabuleta para utilizá-la como remo. Um caboclo riu alto e mulheres não reprimiam também o riso. Missunga sentiu que podia ser vaiado e logo sorriu ao refletir que eles não se atreveriam. Mas, pior do que vaia, tudo aquilo humilhava-o e o expulsava também. Uma velha cabocla tremendo de febre lhe lançou um olhar não de acusação, de escárnio.<sup>39</sup>

Para Willi Bolle (2011) dentro o ciclo do extremo norte, considera o segundo romance de Dalcídio Jurandir como o maior possuidor de informações sobre a cultura dos povos do Marajó. Além disso, afirma que a obra é a mais documental do autor, enfatiza que Marajó se aproxima dos estudos historiográficos e sociais<sup>40</sup>. A perspectiva de Willi Bolle (2011) se assemelha ao debate anteriormente citado sobre o declínio da borracha, mas, em vez de focar na mobilização dessa mão de obra do Marajó para a cidade de Belém, o romance foca nas pessoas que permanecem na ilha e lutam constantemente pela sobrevivência, utilizando-se de eventos presentes no contexto histórico da região:

Assim, temos algumas referências aos primeiros colonizadores do arquipélago, nos séculos XVII e início do XVIII: os padres jesuítas, que instalaram engenhos e fazendas de gado, onde usavam como escravos os índios que eles caçavam e os negros trazidos da África. Há também informações sobre a segunda fase da colonização, a partir de meados do século XVIII, quando os jesuítas foram expulsos pelo governo português e substituídos por latifundiários leigos, os quais, apesar do movimento da Cabanagem (1835 - 1840), que foi derrotado, e da Abolição (1888), continuavam o seu domínio sobre a ilha, com estruturas coloniais, que eles mantiveram até o início do século XX.<sup>41</sup>

Este é um dos motivos que faz a literatura de Dalcídio Jurandir despertar bastante o interesse de pesquisadores da história, sociologia, dentre outros. Sua proximidade com o contexto social da realidade amazônica o torna uma fonte importante para a compreensão do espaço, encorajando, assim, profissionais como

---

39 Ibid., p. 163.

40 BOLLE, Willi. A escrita da história de Marajó, em Dalcídio Jurandir. **Novos Cadernos NAEA**, v. 14, p. 43-78, 2011.

41 BOLLE, 2011, p. 45.

os historiadores a serem interdisciplinares, quebrando antigos paradigmas e aprendendo a colaborar juntamente a antropólogos, psicólogos, sociólogos e literatos<sup>42</sup>.

A figura de Coronel Coutinho é muito presente, em alguns momentos ganha bastante destaque, podendo assim colaborar na perspectiva de analisar a atuação de estruturas patriarcais e autoritárias nas regiões afastadas da cidade de Belém. Bolle (2011) salienta que o latifundiário, representado pelo pai de Missunga, possuía quatro pilares para sustentar o seu poder: a posse de terras extensas, os grandes rebanhos de gado pela região, o fato de ter o povo na mão e ter à sua disposição as mulheres caboclas<sup>43</sup>. O último pilar – mulheres caboclas – é marcante até mesmo durante o desenrolar do romance, pois um dos maiores esforços do protagonista é influenciado pelo desejo de conquistar as três mulheres: Orminda, Guíta e Alaíde.

Já a figura da mulher no romance é colocada sempre como a sombra do homem, praticamente sem escolhas e poder de decisão, encontra-se muitas vezes sujeita aos desejos da elite local representada por fazendeiros, comerciantes, funcionários públicos, entre outros. No exemplo de Coronel Coutinho, este que durante sua juventude até o momento de sua velhice, se relaciona constantemente com diversas moças, que geralmente acabam grávidas, mas após este ato some sem prestar auxílio algum. Nessa ideia, o Coronel é colocado para as crianças da região como “padrinho”, prometendo como única regalia uma promessa de trabalho quando estas estiverem maiores. Ou seja, para C. Coutinho essas práticas também faziam parte das suas investidas intencionais para preservação do poder influente que exercia, mentalidade esta que passa a ficar clara durante a leitura do livro, aliás, desde o início Dalcídio já nos aponta tal contexto quando denuncia as intenções do patriarca Coutinho ao exhibir seus feitos romanescos para seus amigos em Belém, tratando as mulheres como parte de seu gado.<sup>44</sup>

Neste contexto, a atuação feminina na literatura de Dalcídio Jurandir já foi analisada em trabalhos como o de Furtado (2004) que fez um tópico apenas voltado para o assunto. Em Marajó as três personagens – Alaíde, Orminda e Guíta – são centrais para compreensão do espaço da mulher em um ambiente de opressão que tem seus moldes no processo de colonização:

---

42 BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

43 BOLLE, op. cit., p. 52.

44 JURANDIR, 1992, p. 28.

Os caminhos das mulheres de Marajó só se garantem à sombra do caminho dos homens. Mesmo às brancas e bem posicionadas, pouco focalizadas no texto, é o casamento que lhes afirma reconhecimento social e lhes garante futuro, não felicidade, caso de d. Branca, mulher de Coronel Coutinho, de dona Guilhermina, mulher de Lafaiete. Se negras, ou caboclas, e pobres, o casamento ou amasiamento com os de sua igualha ainda lhes assegura uma certa respeitabilidade. Sem os maridos, há poucos caminhos para sobreviverem e criarem os filhos. Trabalho há muito, mas nada que lhes garanta o sustento independentemente. De qualquer forma, poucas escapam à marca das reses do latifundiário<sup>45</sup>.

A sociedade em que essas mulheres estão inseridas exigem determinados modos e comportamentos que, quando não seguidos, causam grande estranhamento, ou até mesmo atitudes trágicas<sup>46</sup>. É o exemplo da personagem Orminda que, sendo alvo de mitificação pelas mais diversas bocas, é uma mulher que não se adéqua a submissão masculina, se dá o direito de escolher mesmo que usufruindo de favores dos homens – é o que acontece ao ser expulsa de casa. Porém, este comportamento é, também, o que lhe leva ao desfecho trágico de um ferimento no rosto causado pelo facão de um homem do qual ela recusou ser a parceira de dança. De todo modo, percebemos como Orminda não cedeu a violência do agressor e revidou com uma mordida no braço e cuspe, mas como o ego patriarcal em Dalcídio Jurandir é representado como frágil e intocado, a personagem acaba recebendo um ferimento feito por lâmina no rosto.<sup>47</sup>

Mesmo em um ambiente totalmente hostil e impossibilitado de oportunidades para ascender de maneira independente, as mulheres do romance ilha demonstram resistir por meio das brechas existentes, utilizando até mesmo dos próprios costumes e mentalidade masculina. Não podemos deixar de notar que as atitudes dos homens, mesmo os que fazem parte da elite, muitas vezes são condicionados pelas figuras femininas<sup>48</sup>.

A moça que não mede esforços ao trabalho e para ajudar sua gente, Alaíde, alvo dos desejos de Missunga que os concretiza, após os eventos da colônia – Felicidade – irem por água a baixo e o fim de seus romances que fracassaram com dois abortos, passa a tomar frente de seu próprio futuro, almejando sua carreira nas fábricas de Belém. Não foi uma realização concluída no livro, há possíveis menções

---

45 FURTADO, 2004, p. 222.

46 Ibid., p. 228.

47 JURANDIR, op. cit., p. 161.

48 SANTOS, Alinnie. **O Feminino em Dalcídio Jurandir: entre a opressão e a subversão**. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH. Florianópolis, 2015.

de Alaíde e Ormindia em outros livros com um tom mais mitificado, heroico, mas, de todo modo, a atitude da personagem já demonstra um ar de busca pelo afastamento da sombra masculina que envolve as mulheres<sup>49</sup>. Este desejo fica mais evidente na passagem em que a personagem está prestes a morrer e Alaíde faz o convite de partida para Belém, na esperança que Ormindia a reconhecesse.<sup>50</sup>

É importante para o historiador que a fonte e documento sempre sejam analisados no contexto em que foram criados, esse panorama não isenta a produção literária, pois o escritor também é influenciado por uma série de fatores envolvidos em sua vivência – espaço, cultura, entre outros –, a literatura não se distancia de seu meio e cultura em que foi produzida, pelo contrário, nutre-se dela.<sup>51</sup>

O autor da obra *Ciclo do Extremo Norte* é da geração de literatos paraenses de 1930, considerada parte da geração de modernistas que surgia na década anterior, onde se encontrava o grande autor Bruno de Menezes, líder do grupo de intelectuais “Peixe Frito”<sup>52</sup>. Teresinha Chaves comenta como essa geração de autores modernistas no Brasil trouxe um novo caráter para a narrativa de literatura, sendo este um caráter também científico, de investigação, observação e representação a partir da sua escrita, tal como exemplo do Euclides da Cunha que marcou o pré-modernismo escrevendo *Os Sertões*, que muito além de demonstrar seu lado escritor, também trouxe um olhar de geógrafo usando referências ambientais para enriquecer cada vez mais sua narrativa<sup>53</sup>.

Vejamos então uma análise em torno da agregação de sentido do termo *Ficção* em determinados meios, considerando o exemplo da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2003)<sup>54</sup> que aponta uma certa contradição entre a definição do dicionário Aurélio, que busca origem no latim “*fictione*, duas acepções: ato ou efeito de fingir, simulação, fingimento, ou coisa imaginária: fantasia, invenção, criação.” que é um apontamento claro da capacidade humana em criar o não existente. Já o outro lado vem por meio da percepção do autor Carlo Gizburg “*Ficção a fictio*, ligada

---

49 Ibid., p. 7.

50 JURANDIR, 1992, p. 362.

51 ASSMAR, 2003, p. 16.

52 PEREIRA, Carla Soares; SILVA, Katia de Souza da; AMIN, Vanda do Socorro Furtado; NUNES, Paulo Jorge Martins. **Belém e a Academia do Peixe Frito**: fisiognomias em Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 3, p. 1025-1043, set.-dez. 2019.

53 CHAVES, Teresinha Gema Lins Brandão. **A relação homem e natureza**: o contexto ambiental na literatura. Revista Crioula (USP), v. Único, p. nr.1, 2007.

54 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto**: leituras da história e da literatura. Pelotas: UFPel, 2003, p. 31-45

a figulus, oleiro que implicam uma construção a partir do real.”. Dessa forma, a autora traz o apontamento de que a Ficção também pode ser vista como uma referência a experiências do mundo real vivido pelo sujeito, o que é associável para o historiador ao se deparar com fontes literárias, que possuem determinadas informações que se aproximam de uma realidade em um específico meio<sup>55</sup>.

Partindo ainda da ideia anterior, Carlo Ginzburg<sup>56</sup> pronuncia sua percepção sobre história e ficção através da análise de eruditos do século XVII em debate no que concerne ao uso de literatura da idade média. O diálogo entre os escritores Chapelain, Ménage e Sarasin acaba trazendo ricas informações sobre como os intelectuais da modernidade lidaram com o conceito de fonte. Chapelain aponta uma relevância de conteúdo contida na obra de Lancelot, que para Ménage é uma literatura pobre e vulgar, e na intenção de distinguir mais ainda, menciona Homero – que para o Ménage, é uma literatura nobre e sublime. Mas Ginzburg afirma que há proximidades entre as duas obras, pois ambos trabalham com narrações inventadas, exemplificando que Aristóteles teria avaliado e notado de forma tranquila estes dois detalhes: uma utiliza a magia, outra há presença e intervenção dos deuses<sup>57</sup>.

Seguindo o mesmo raciocínio, Ginzburg<sup>58</sup>, reforçando através de Chapelain e Lancelot para exemplificar como as fontes literárias de ficção podem ajudar a compreender processos históricos, demonstra como, na perspectiva do escritor Sarasin, também do século XVII, aquele texto ficcional era visto como um antiquário, assim como tapetes e vasos antigos, sendo expressão e produto de um período. Enfatizando mais ainda o interesse pelo texto como possibilidade de extração de informações históricas, Ginzburg apresenta mais um intelectual que desbravou a obra Lancelot, que foi o Chantreau La Fèvre que fez dessa literatura uma forma de entender as relações medievais, tratados de feudos – a exemplo do rompimento do pacto feudal entre vassalo e senhor.

Desse modo, podemos levar em consideração que ao escrever seus livros, Dalcídio Jurandir também tem intenção de retratar possíveis realidades e experiências vivenciadas na região, no caso do Marajó, um livro que possui uma imensidão de informações que podem contribuir para o trabalho do historiador<sup>59</sup>.

---

55 Ibid., p. 34.

56 GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

57 GINZBURG, 2007, p. 81.

58 Ibid., 82.

“Tudo o que existe é identificado, percebido, nomeado, qualificado e expresso pelo pensamento e linguagem.”<sup>60</sup>. O trecho destacado nos traz a ideia de que a forma de influência do cotidiano e ambiente em que se vive passa a se tornar presente não apenas na produção do literato, mas, também, na do historiador. Desse modo, a realidade é a todo momento ressignificada pelo imaginário e linguagem do ser humano, é atribuída a partir de suas formas e valores que também é designado ao próprio sujeito definir, entretanto, uma das diferenças que cabe ser destacada aqui, é que, no caso da historiografia, essa produção tem seus limites, o historiador precisa, muitas vezes, que um fato tenha ocorrido para poder iniciar sua pesquisa, então só depois atribuir sua interpretação de vida na sua narrativa, na forma como quer abordar determinado conteúdo<sup>61</sup>.

Assim, podemos imaginar uma linha de produção entre essas duas áreas – a História e a Literatura –, em casos como já mencionados anteriormente, o processo de elaboração é semelhante, porém, pode se dizer que o historiador ainda está limitado por esse compromisso com a verdade, enquanto o literato possui liberdade e licença poética para desenvolver sua narrativa.

## 2.2 Leituras da História e Natureza

De acordo com Donald Worster<sup>62</sup>, a história sempre possuiu um objetivo bem claro, e grande parte dele foi relacionado com o estudo e compreensão dos desfechos políticos do estado, entretanto, isso foi se modificando – mais especificamente em meados de 1970 – a partir do momento em que as demandas de interesse da sociedade foram se alterando, os movimentos sociais passaram a ter maior papel e diversas pautas para reivindicar, uma delas foi em relação ao meio ambiente e sua devastação. Desse modo, Donald Worster<sup>63</sup> enfatiza como essas demandas acabaram por influenciar não apenas os historiadores, mas várias áreas do conhecimento na academia – como a antropologia e ciências sociais. A nova forma de se pensar a história voltada para o meio ambiente trouxe diferentes

---

59 SEABRA, Silvana. **De vizinhas tricoteiras a companheiras distantes?** Alguns apontamentos sobre o debate entre História e Literatura. Juiz de Fora: Locus, 2011. p. 17-37.

60 CASTORIADIS, 1982 apud PESAVENTO, 2003. p.35.

61 PASAVENTO, 2003, p. 35.

62 WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, Vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.

63 WORSTER, 1991, p. 199.

perspectivas e uma vertente política na maneira de se abordar essa temática, todavia, não se tornou a única forma, pois futuramente alguns historiadores interessados pelo mesmo tema passaram a trazer, também, outras preocupações.

Esses apontamentos podem nos fazer examinar o quão abrangente é o potencial do campo da história, deixando brevemente de lado antigos paradigmas e demonstrando, apenas pela sua existência, reflexões em torno do próprio fazer da pesquisa historiográfica. Entender o processo de estabilização da história ambiental e seus objetivos é uma tarefa que cabe igualmente aos próprios pesquisadores do campo, por isso o autor Paulo Martinez (2006)<sup>64</sup> atenta-nos, antes de adentrar ao debate sobre o papel do historiador dessa área, uma breve proposta introdução sobre a importância de se analisar o espaço do qual, aos poucos, estamos inserindo-nos na historiografia:

A história ambiental pode desempenhar um importante papel nesse esforço de decifração do mundo, ao mesmo tempo em que abre aos historiadores mais uma oportunidade de explorar um campo de trabalho em expansão. Daí a importância de sensibilizar pesquisadores, professores e estudantes para esse tema tão presente no cotidiano das pessoas e dos profissionais de História.<sup>65</sup>

José Augusto Pádua<sup>66</sup> apresenta argumentos de que esse novo olhar do ser humano com o meio ambiente não é exclusivo do século XX, já que vários pesquisadores da área, por exemplo, apontam que “a preocupação intelectual com os problemas ambientais esteve presente, ao menos no mundo de expressão europeia, desde o final do século XVIII, ocupando lugar relevante no processo de construção do pensamento moderno (...)”<sup>67</sup>. Dessa forma, podemos perceber que há um conteúdo relevante que pode ser explorado e analisado em torno dos diferentes olhares humanos com a natureza, que vem cada vez mais demonstrando ter um enorme potencial no campo da historiografia. Indo mais adiante, Martinez (2006) pensa que, com o distanciamento entre ser humano e natureza, o interesse de uma possível reaproximação acabou surgindo posteriormente em um mundo mais

---

64 MARTINEZ, Paulo Henrique. Os historiadores e o meio ambiente. **Revista de Estudos Amazônicos**, v. 1, p. 11-26, 2006.

65 MARTINEZ, 2006, p.3.

66 PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. In: **Estud. av.** [online]. 2010, vol.24, n.68, p 81-101.

67 Ibid., p. 82.

industrializado, sendo este olhar direcionado, identicamente, aos povos que estão se relacionando de maneira mais íntima com a natureza.<sup>68</sup>

Podemos ter em mente, a partir dos comentários de Donald Worster<sup>69</sup>, que a história ambiental se dedica bastante em compreender as transformações que os seres humanos influenciam na natureza, assim como, inversamente, a natureza estimula essas modificações no ser humano, seja na subsistência, religião e cultura em geral. Leandro Guimarães (2008)<sup>70</sup>, ao expor algumas opiniões em torno da história ambiental, demonstra uma perspectiva interessante do ramo, pois não basta apenas generalizar o papel da natureza e a forma como o ser humano se relaciona, essa maneira é diversa, influenciada tanto pelo tempo, espaço e cultura, também sendo resultado do tempo histórico em que se vive, dando a possibilidade de percebermos diferentes formas de relação com a natureza em diferentes tempos e espaços.<sup>71</sup> Qualquer sociedade está a todo momento compartilhando experiências e significados, e um dos campos mais importantes de serem analisados para a compreensão é o da cultura, pois a constituição do indivíduo é derivada de seu meio, o que pode ser encaixado na concepção e uso da natureza, ideia esta que vem sendo definida histórica e culturalmente.<sup>72</sup> Por isso, é necessário ter em mente que diferentes sociedades terão diferentes dinâmicas em relação à natureza e, às vezes, até mesmo uma única sociedade possui suas divergências internas.

Múltiplas leituras e narrativas sobre a natureza foram presentes em diversos espaços do globo, podendo servir como análise, as primeiras investidas europeias ao lidar com diferentes povos. Os primeiros contatos do homem branco europeu com o Outro – povos orientais e do atual continente americano – trouxe uma série de dúvidas e suposições, sendo elas positivas ou negativas, navegadores, missionários e intelectuais passaram a registrar algumas das perspectivas dessas pessoas que eram vistas como parte ou mais íntimas a “natureza crua”, François Laplantine (1988)<sup>73</sup> explana um tanto desses relatos sobre o imaginário direcionado às novas sociedades que passam a ser temidas e admiradas. Assim como os homens não faziam parte da “helenidade” eram chamados de bárbaros, os povos

---

68 MARTINEZ, op cit., p.3.

69 WORSTER, 1991, p. 200.

70 GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-ação** (Goiânia), v. 33, p. 87-101, 2008.

71 Ibid., p. 87.

72 Ibid., p. 88.

73 LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

indígenas eram vistos como selvagens, ao mesmo tempo que para outros, estavam propostos a admiração pela forma simples e “pura” de proximidade com a natureza não atingida pelo domínio humano, porém, o termo que mais se perdurou em direção aos povos indígenas – principalmente ao longo do século XIX – foi o “primitivo”.<sup>74</sup>

Essas associações também afetaram a forma de se entender o valor do ambiente onde viviam os Outros povos, semelhante aos pensamentos positivos e negativos, mas agora visando um espaço de naturalidade rica ou de hostilidade e grandes perigos. Como exemplo, o dito “Novo Mundo” foi cercado de curiosidades em relação a seus mistérios que, para os europeus, deixava-o em posição de especulações.<sup>75</sup>

O processo de entendimento dos povos europeus em relação a natureza acabou, também, influenciando na maneira de se estabelecer uma forma de lidar com os espaços antes não conhecidos no “Novo Mundo”, dando abertura para o uso capitalista da terra, é o que Paulo Martinez (2006) também nos faz refletir sobre a História Ambiental no Brasil que tem um grande potencial no estudo Agrário, nas formas de apropriação, exploração e devastação da natureza, dando abertura para diversas pesquisas em grande potencial.<sup>76</sup>

Para elucidar o papel da história ambiental no Brasil, José Augusto Drummond (2002)<sup>77</sup> discorre uma série de possibilidades sobre possíveis temáticas a serem exploradas na área, tornando, assim, um caminho viável para os pesquisadores que se interessam pelo assunto que dispõe de séculos tangíveis de investigação. São práticas desenvolvidas desde a chegada dos europeus na região do “Novo Mundo” que podem ser analisadas em seus vestígios que perduram até a contemporaneidade:

Vários ramos produtivos brasileiros que consomem quantidades maciças de recursos naturais e energia atingem altas posições nos rankings globais — aço e metalurgia, máquinas e motores, aviões, automóveis, caminhões e máquinas agrícolas, celulose, papel e papelão, cimento, confecções, sapatos, mineração etc. Há ainda setores agrícolas e pecuários modernizados que consomem insumos modernos e com grande produção e enormes áreas plantadas, como soja, milho, café, frutas e sucos cítricos, açúcar. O país tem grande efetivo de bovinos (e extensas pastagens),

---

74 LAPLANTINE, 1988, p. 27.

75 GUIMARÃES, 2008, p. 89.

76 MARTINEZ, 2006, p. 5.

77 DRUMMOND, José Augusto. Por que estudar a história ambiental do Brasil? - ensaio temático. **Varia História** (UFMG. Impresso), Belo Horizonte, v. 26, n. jan 2002, p. 13-32, 2002.

suínos e aves. O Brasil é uma das maiores potências mundiais de hidroeletricidade (produção e consumo), tem o maior parque metalúrgico do mundo movido a carvão vegetal e detém enormes reservas minerais.<sup>78</sup>

Sobre estes vestígios, podemos perceber e associá-los a forma como a teologia acabou por impactar na ótica ocidental da natureza, Keith Thomas (2010)<sup>79</sup> evidencia a maneira como o ser humano vivendo em período medieval se portava perante os animais e plantas, quais os aspectos de relacionamento com o mundo natural e o que fundamentava a dinâmica dessa relação.

A cosmologia cristã na Idade Média – que possui uma tradição bíblica em raízes do Antigo Testamento – retira o criador da natureza, como se este não fizesse parte dela, algo que não condiz com a cosmologia da antiguidade ocidental que não retrata algo existente fora da Natureza. Porém, no século XII houve um esforço para que houvesse uma aproximação entre as duas concepções, sendo proporcionada pela redescoberta e tradução de obras da antiguidade – como as de Aristóteles e Platão, mudando a imagem da natureza dentro e fora do homem<sup>80</sup>.

Para Keith Thomas (2010), por exemplo, na Inglaterra entre os séculos XV e XVII o cenário natural visível partia da noção de servidão às necessidades do homem, principalmente se tratando dos animais que tinham o objetivo de alimentar, ajudar em tarefas diárias – como plantação, colheita ou locomoção – e uma das formas de se afirmar essas definições da vida dos seres vivos não humanos, vinha por parte de estudos dos textos da antiguidade, sendo retratados por teólogos e intelectuais. A bíblia e os filósofos foram formas de embasar e concretizar a superioridade humana concebida por vontade divina e, também, pelo destaque da racionalidade que fornecia maneiras de se modificar os recursos naturais. A análise do livro cristão feita por Thomas (2010)<sup>81</sup> é interessante, começando pelo ponto de que na origem da criação onde o homem vivia de forma harmoniosa com os outros animais no Éden, não havia maldade, o ser humano não era carnívoro e os bichos não ofereciam risco algum. Desde este período de surgimento o ser humano já possuía influência e domínio sobre o restante, sendo respaldado pelo criador. Porém, ao cair em pecado e tentação, este mundo foi modificado, os animais agora

---

78 DRUMMOND, 2002, p. 15.

79 THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1983].

80 KESSELRING, Thomas. **O conceito de natureza na história do pensamento Ocidental**. Episteme: Porto Alegre, n. 11, p. 153-172, jul./dez.2000.

81 THOMAS, Keith, 2010. p. 27. et. seq.

estavam ferozes, hostis e as plantas que antes continuam frutos, passaram a ter espinhos e veneno, as pragas de insetos surgiram como moscas, larvas, além dos répteis que passaram potencializar mais ainda os problemas para a sobrevivência, e o solo onde se podia plantar facilmente agora estava pedregoso, difícil até mesmo para se andar. Mesmo com todos os empecilhos, a influência do homem sobre o restante dos seres continuou inabalável, como se esta ainda fosse a vontade divina, foi uma das maneiras de justificar as atitudes. Vale ressaltar que o autor deixa bem claro que não busca culpabilizar o cristianismo como um meio totalmente antropocêntrico que concretizou os usos da natureza na atualidade, mas, que, de certo modo, aqueles que o pregavam e propagavam seus ideais no início da modernidade o eram.

Nesta linha, é como menciona, igualmente, o autor Thomas Kesselring (2000) em relação ao que fez parte da influência dos olhares modernos da natureza no ocidente:

Para compreender o conceito de Natureza na primeira fase da Idade Moderna, deve-se considerar três pontos: 1) algumas heranças do pensamento teológico da Idade Média; 2) o fato de a Antiguidade ter sido redescoberta no século XV (o que marca o humanismo da época); 3) o aprofundamento de uma tradição experimental na pesquisa científica sobre a Natureza, tradição essa que se formara por volta do século XIII.<sup>82</sup>

O pouco comentado neste aspecto de compreensão das formas humanas de se relacionar com a natureza não vêm com o objetivo de esclarecer as atitudes ou posturas contemporâneas, mas sim de demonstrar que existe uma gama de ações e olhares sobre ela que coexistem em determinado tempo e espaço, ainda sim, temos antecedentes aos nossos conceitos de natureza que não surgem por si sós. Estes foram fortemente defendidos e estiveram presentes por séculos, não há um que se destaca mais que o outro, e sim uma ressignificação através da mescla de todas as experiências contidas em nossa cultura<sup>83</sup>. É normal o estranhamento ao lidarmos com diferentes culturas, às vezes este passa até ser motivo de pirraça, que é o caso dos relatos dos viajantes que apresentavam a outra maneira de se relacionar com a natureza das religiões orientais, dando valor a vida dos animais, plantas e até

---

82 KESSELRING, Thomas. 2000, p. 158.

83 CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza. **A Concepção de Natureza na História**. IHAB: Fortaleza, 2007.

mesmo os pequenos como os insetos, o resultado foi o desdém e repúdio do homem branco e cristão<sup>84</sup>.

Entendendo estes conceitos, é possível perceber tais diferenças de se relacionar com a natureza através do romance de Dalcídio Jurandir (1992) onde temos dois lados com duas maneiras específicas de se entender e estabelecer maneiras de uso do o meio ambiente em Ponta de Pedras no arquipélago do Marajó. A primeira é a que o autor acaba dando grande destaque pelas modificações no campo que vem por parte dos opressores na figura da família Coutinho, para eles aquela terra, os rios, os recursos e as pessoas, tudo que está incluso ali os pertence e qualquer forma de contestação ou risco de perda é uma ameaça a sua autoridade e riqueza. Já o segundo lado vem por parte dos oprimidos, que também modificam o ambiente, mas em escala diferente, pois estes não são donos de grandes cabeças de gado que agridem o solo, aumentam os índices de poluição e exigem quantidades enormes de água para seus cuidados. O uso da terra pelos menos abastados em Marajó (1992) está voltado para a subsistência, a pesca, o cultivo que, ao que parece, são práticas que necessitam da aprovação do próprio Coronel Coutinho para serem exercidas.

Não se é deixado de lado trabalhos contemporâneos que já apresentaram essa abordagem antes mesmo da grande crise dos paradigmas históricos que aconteceu quase no final do século XX, pois como o próprio Donald Worster afirma, a escola dos *Annales* já demonstrava se interessar pela presença do meio ambiente, autores como Marc Bloch, Lucian Febve e Fernand Braudel, pegando como demonstração este último que possui uma obra de grande influência intitulada *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*, que traz como o ponto chave o papel do ambiente nas transformações e vivências do ser humano, explana Worster (1991):

Para Braudel, o ambiente era as fommas da terra – montanhas, plarucies, mares –, um elemento quase fora do tempo agindo na moldagem da vida humana nos processos de longa duração (*longue durée*).<sup>85</sup>

---

84 THOMAS, 2010, p. 27.

85 WORSTER, 1991, p. 200.

Buscando vislumbrar o surgimento da nova história, Alfredo Lopes (2010)<sup>86</sup> delimita importantes traços que foram definidos por novas demandas sociais e políticas que impactaram fortemente o âmbito científico. Evidencia o panorama de produção dos Annales, que já na primeira geração, trouxeram diálogos interdisciplinares, não se contentando com a forma infatigável do historiador em relação a neutralidade sob fontes, sendo essas novas formas impulsionadas por eventos como a Grande Depressão e as duas Grandes Guerras, que não seria viável explicá-las apenas por meio do viés político. Estes acontecimentos que cercaram influência em várias sociedades também trouxeram novas maneiras de se pensar o meio ambiente, por exemplo, o caso da bomba atômica e, na guerra fria, uma ameaça de destruição da existência humana por meio da guerra fria, nesse caso, o ser humano passou a refletir mais ferrenhamente sobre sua perpetuação no mundo, o que foi semelhante a chegada do homem na lua, momento em que se percebe o quão pequeno é o nosso mundo e o quão misterioso é o universo<sup>87</sup>.

Também, no mesmo momento em o mundo se deparava com os estragos causados por guerras e com novas demandas políticas é que houve uma presença maior da consciência de parâmetros ecológicos. Vale ressaltar que quando menciono o termo ecologia, não me refiro a uma única maneira de se pensá-lo, e sim que existem várias linhas de pensamento dentro desse, exemplificando, a ecologia natural, social, conservacionismo e ecologismo<sup>88</sup>, do qual as duas primeiras pertencem mais ao campo científico, já as duas últimas, as atuações sociais e políticas que cercaram as décadas finais do século XX. As diferentes linhas que cercam os caminhos da ecologia são demasiadas variadas. O autor Carlos Sant'ana Diegues (2008)<sup>89</sup> detalha duas abordagens em torno do pensamento ecológico, sendo elas formas de se notar as premissas em torno da natureza a partir da bandeira da ecologia. Em primeiro lugar vem a eco ou biocêntrica, que insere o homem na natureza como qualquer outro ser vivo, tornando claro que todos os componentes que formam ela são independentes dos usos e utilidades para os seres humanos, enquanto a outra abordagem tem um caráter mais antropocêntrico

---

86 LOPES, A. R. S. **História Ambiental: Uma demanda contemporânea.** Cadernos de Pesquisa do CDHIS (Online), v. 23, p. 483-496, 2010.

87 Ibid., p. 488.

88 PÁDUA, José Augusto; LAGO, Antônio. **O Que é Ecologia.** 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. v. 1. 108p. Formato Kindle

89 DIEGUES, Carlos Sant'Ana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada.** São Paulo: Hueitee: Nupaub-USP/CEC, 2008.

que dispensa a comparação ou igualdade entre seres humanos e natureza, dando aos homens e mulheres o direito e controle sobre o meio ambiente.<sup>90</sup> A primeira abordagem é a que mais se aproxima dos historiadores ambientais que reforçam como há uma influência mútua entre seres humanos e natureza, tornando evidente que estes ainda continuam sendo animais pertencentes ao seu meio.

Através da ecologia natural temos o estudo de funcionamento e equilíbrio de um ecossistema e, também, de sua composição essencial para o que temos como ecosfera, já na ecologia social, o estudo é voltado para as relações do ser humano e natureza, ganhando mais visibilidade os desequilíbrios causados pela atuação humana de forma desmedida, de todo modo, as diferentes abordagens dentro da ecologia não apagam uma relação e cooperação entre elas, pois é a partir da atuação de todas que a luta se tornou cada vez mais notada pela sociedade e autoridades políticas.<sup>91</sup>

Por meio da ecologia, da história e educação ambiental, podemos retirar um pouco do pedestal o homem, quebrando algumas partes dessa sólida estrutura criada pelo determinismo divino e pelo pensamento de fontes inesgotáveis da sociedade capitalista. Perceber que nossas atitudes não afetam a natureza, afetam também a nós mesmos, pois fazemos parte dela, estamos incluídos na ecosfera. Mesmo que de uma maneira bem mais distribuída se comparada aos outros seres vivos, ainda dependemos dessa relação com o nosso ecossistema, percebendo que o nosso tempo social também é determinado pelo tempo geológico.<sup>92</sup> As condições fornecidas pelos ecossistemas são primordiais para compreensão da dinâmica social e ocupacional que existe em nossa sociedade.

Contribuindo para conhecermos um pouco das relações dessa relação do humano e ecossistemas ao longo da história, o autor Alfred Crosby<sup>93</sup> analisa como as sociedades da Europa se espalharam pelo globo e, também, comenta quais fatores foram fundamentais para essas escolhas e fixações. As diferenças e semelhanças climáticas, para Crosby (2011) estão em um dos pontos principais na ocupação desses locais chamados pelo autor de Neoeuropas, possuindo climas mais temperados, além disso, também, há influência das plantas, animais e a

---

90 DIEGUES, 2008, p. 44.

91 PÁDUA, 1984, p. 118. et. seq.

92 BITTENCOURT, C. M. F. Meio Ambiente e Ensino de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 9, p. 37-62, out. 2003

93 CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica na Europa, 900-1900** / Alfred W. Crosby. São Paulo: Companhia das Letras 2011.

precipitação anual de chuva entre 50 a 150 centímetros<sup>94</sup>. Estes fatores proporcionaram uma maior ocupação europeia na América do Norte, já na América do Sul, os países como Brasil, Argentina e Chile possuem suas especificidades através das mesmas condições.

Outro ponto para elucidar um pouco desse envolvimento, apropriação e manipulação do ser humano com os recursos naturais pode ser através do viés da revolução verde que fazia parte da nova conjunção industrial agrária forneceu outras formas de produção e objetivos. Em seus destaques de inovação nos métodos e técnicas temos a implantação de novas sementes que eram desenvolvidas por multinacionais, possuindo o intuito de ajudar países considerados menos desenvolvidos a fim de eliminar a fome, porém:

A adoção destes pacotes pelos agricultores colaborou para a degradação ambiental e transformou a vida dos agricultores tradicionais. O fim da fome, que era o ponto chave do discurso dos países desenvolvidos, não ocorreu. Além de não solucionar o problema, aumentou a concentração fundiária e, sucessivamente, o êxodo rural.<sup>95</sup>

É importante observar o desenvolvimento de tal linha, também, a partir do trabalho do autor José Augusto Drummond<sup>96</sup>, que traz em sua produção um pouco dessa introdução e origem dos estudos de historiadores ambientais, dialogando bastante, inclusive, com o próprio Donald Worster. É válida sua menção sobre temporalidade das ciências humanas e naturais ao longo do século XIX e XX, como essa noção foi se alterando e, aos poucos, redirecionando os olhares para a natureza. De acordo com o autor, que concorda com a ideia de Donald Worster, não podemos falar de história sem citar a natureza, é necessário se incluir o ser humano a natureza, e foi com tal ideia que este campo passou a ser desenvolvido<sup>97</sup>.

Um dos pontos positivos no estudo da história ambiental, comentados por José Drummond (1991), é a possibilidade de investigar diversas fontes que ainda não foram tão chamativas para os historiadores, sendo elas, também, das mais diversas áreas como geografia, antropologia, biologia, entre outras.<sup>98</sup> Ou seja, além de fontes escritas, o historiador ambiental pode se aventurar pela história oral que

---

94 Ibid., p. 17.

95 LOPES, 2010, p. 488.

96 DRUMMOND, José Augusto. A HISTÓRIA AMBIENTAL: temas, fontes e linhas de pesquisa. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**. vol. 4, n.8. 1991, p.177.197

97 DRUMMOND, 1991, p. 181.

98 Ibid., p. 183.

contém mitos e lendas de povos não letrados como etnias indígenas e povos que não costumam fazer registros documentais como os “pré-históricos”. Já neste trabalho, mesmo se tratando de uma fonte escrita, o livro do autor Dalcídio Jurandir sob uma análise da perspectiva ambiental é um ponto pelo qual esta obra ainda não foi investigada, um diálogo que percebemos ainda estar nos primeiros passos, sendo este proposto pela Nova História. Neste seguimento, a história ambiental pode contribuir muito para a compreensão do passado e cultura por meio do estudo de processos sociais e espaço vivido por diversos grupos humanos, enfocando suas formas de relação com a natureza, não distante metodologicamente das práticas mais “tradicionais” do fazer história, porém, retirando limites de perspectivas que privilegiavam apenas os grandes sujeitos e seus feitos.

É neste quadro que Donald Worster (1991) nos propõe observar os diferentes níveis do fazer para o historiador ambiental. O primeiro é o da natureza propriamente dita, onde se busca observar sua organização e funcionamento como o de aspectos orgânicos e inorgânicos, também incluindo o organismo humano neste quadro. Já o segundo nível vem por meio do entendimento sócio-econômico da natureza, formas que envolvem a exploração e apropriação de recursos ou sociabilidades onde a natureza está presente na relação, como o trabalho, as ferramentas e as interações geradas através destes. O terceiro nível é no sentido de entender o que é mais intangível dessa relação, o imaginário e as formas de se estabelecer as crenças, mitos e ritos a partir da influência do meio em que se vive.

Desse modo, podemos nos atentar a um âmbito específico proporcionado pela história ambiental, que é o seu diálogo com a literatura, fonte que pode ser tão bem proveitosa quanto qualquer outra convencional utilizada pelos historiadores, porém, com uma liberdade maior em relação às descrições existentes em determinadas localidades.

### **2.3 História Ambiental e a Literatura**

Esta tríade – História, Literatura e Natureza – pode proporcionar grandes informações significativas para a historiografia, ainda se tratando de um campo a ser desbravado pelos historiadores, a extração de história ambiental de uma obra literária é o ponto onde pretende-se chegar com este trabalho. Alguns autores como

Catarina Oliveira de Buriti e José Otávio de Aguiar<sup>99</sup>, Geraldo Magella de Menezes<sup>100</sup> e Sandro Dutra e Silva<sup>101</sup> desenvolveram específicas pesquisas que seguem essa linha, ou seja, pesquisam obras literárias a partir da perspectiva ambiental.

No trabalho dos autores Catarina de Oliveira Buriti e José Otávio Aguiar é feita uma análise sobre as várias significações sobre o ambiente do sertão com o clima do semiárido, este ponto sendo muitas vezes utilizado por determinado meio como um dos principais fatores de imigração dos homens do “sertão”, nesse sentido, os autores demonstram como não apenas o meio ambiente foi motivo de tal ocasião, e sim desigualdades sociais devido a centralização de poder das elites que sempre acarretava em mais miséria para grande parte da população que ali vivia<sup>102</sup>. Logo no início os autores demonstram como as paisagens do semiárido nordestino não tiveram espaço para contemplação ou apreciação na representação oficial do Brasil, o que é um grande equívoco já que a caatinga reúne uma série de ecossistemas de grande biodiversidade, onde se agregam biotas raras sendo formadoras de um cenário onde ocorreram encontros, lutas, invenções e movimentação. Essa proposta dos autores vem por meio da análise de informações através da literatura regional do Nordeste brasileiro dos anos de 1930, com o objetivo de atingir historicidades que apresentam os modos como as comunidades da região interagem com os fenômenos climáticos e com a natureza do semiárido<sup>103</sup>. Dalcídio Jurandir apresenta no romance *Ilha* uma forma semelhante em relação às dificuldades enfrentadas pela população mais pobre representada por pescadores, agricultores, seringueiros, não sendo propostos a miséria apenas pelo ambiente, mas sim, pela classe de fazendeiros e latifundiários locais que acabam instituindo um monopólio dos recursos existentes, o grupo dos menos abastados acabam por sofrer represálias e lutam cotidianamente para sobreviver. Seguindo essa ideia, Buriti e Aguiar (2012) afirmam que essas problemáticas enfrentadas pelos trabalhadores nordestinos não eram causadas apenas pelas dificuldades climáticas, e sim pelo egoísmo e desprezo da elite local que buscava impor o seu projeto de “modernização” e, para isso, seria

---

99 BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR, José Otávio. **Secas, Migrações e Representações do Semi-árido na Literatura Regional**: por uma história ambiental dos sertões do Nordeste Brasileiro. Roraima: UFRR, 2012. p.7-31.

100 MENEZES NETO, Geraldo Magella de. *História Ambiental e Literatura: o seringal nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral*. **Tempos Históricos**, Belém – PA, 2011.

101 SILVA, Sandro Dutra e et al. O cerrado goiano na literatura de Bernardo Élis sob o olhar da história ambiental. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, n.1, jan.-mar. 2017, p.93-110.

102 BURITI; AGUIAR, 2012, p 8.

103 BURITI; AGUIAR, loc. cit.

necessário retirar a imagem de miséria transmitida pela população menos favorecida, que acabavam se tornando um peso e alvos de programas de migração ou marginalizados.

O trabalhador rural do Nordeste brasileiro, ao longo da história, lutou, cotidianamente, contra as adversidades provocadas pelo clima, escassez de água e alimentos, carência econômica ou insensibilidade política. Ademais, a seca decantada e utilizada estrategicamente pelas elites locais, é apenas uma faceta da problemática, não obstante sociólogos, agraristas e antropólogos afirmarem não ser problema conviver com a situação, uma vez que é possível criar mecanismos que possibilitem uma relação harmônica com as intempéries.<sup>104</sup>

Os retirantes mencionados no trabalho de Buriti e Aguiar (2012) se constituem de técnicas necessárias para sobreviverem nas dificuldades do semiárido, assim como os povos do Círculo Polar do Ártico se adaptaram ao gelo e os graus negativos que enfrentam cotidianamente, ou os povos da Amazônia desenvolveram utensílios e maneiras para lidar com a mata, os rios e doenças. A migração dos nordestinos é vista pelos autores como uma forma de resistir a penúrias, miséria e doenças, mas, também, para se esquivar do sistema elitista local que tanto desprezava o bem-estar desses trabalhadores.

Já se tratando do autor Geraldo Magella de Menezes Neto, é feita a busca dos valores atribuídos aos seringais da Amazônia nas primeiras décadas do século XX, isso tudo a partir de uma obra intitulada “A Selva” de Ferreira de Castro e, também, dois folhetos de cordel do Firmino Teixeira do Amaral<sup>105</sup>. Dessa maneira, o interessante de se perceber no trabalho do referido autor, é a utilização de duas fontes literárias – Um livro e um folheto de poesia –, algo que esse campo da literatura e história ambiental pode proporcionar muito bem, onde duas perspectivas diferentes são postas lado a lado para uma análise de apenas um específico assunto. Nesse sentido, a floresta amazônica brasileira também foi alvo de certos estereótipos ao longo das décadas, sendo alguns deles: cenário de pobreza, inferno verde ou grandes oportunidades, eldorado, entre outros. Dalcídio Jurandir transmite essa ideia no romance ilha sobre a ilusão estabelecida para trabalhadores na mata que chegam em busca de oportunidades, mas o que encontram é um ambiente hostil, sendo sujeitos a trabalhos exaustivos por dívidas impagáveis. O pai da

---

104 BURITI; AGUIAR, 2012, p. 14.

105 Cf. MENEZES NETO, 2011.

personagem Guíta é um exemplo das decepções e precariedades enfrentadas por trabalhadores da Amazônia, este atua como madeireiro para o Coronel Coutinho:

Veio para Ponta de Pedras com os dois zinhos e a Guíta nos braços, a convite do Coronel que o conheceu num porto de lenha em Muaná. Armou barraca e foi para a lida dos paus com o seu machado batalhador. Fosse contar as árvores que abateu podia dizer que abatera uma floresta. Puxava os toros num rolar lento pelos caminhos encharcados, ora na terra firme, ora varando cipoais, rolando, ele e os filhos, roídos de saúvas, golpeados de espinhos, e urtiga e frieira, estropiados.<sup>106</sup>

As relações entre trabalhador e patrões também é evidenciada pelos escritores analisados por Menezes Neto (2011), trazendo um encargo de insatisfação e manifesto contra as atitudes que só tornavam a vida dos que estavam ali vivendo nos seringais cada vez mais difícil, atribuindo aos seringalistas o caráter de “caniceiros” e, além de lidar com as mazelas do ambiente e patrões carrascos, percebia-se a falta de empatia dos próprios colegas<sup>107</sup>.

Para Menezes Neto (2011) os dois autores contribuem, também, para compreender o processo de produção da borracha nos seringais em pleno início do século XX, sendo importante lembrar que ambos possuíram experiências reais como seringueiros na Amazônia. Afirma,

As obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral descrevem o contexto da produção da borracha, com um enfoque especial no seringal, abordando o cotidiano do seringueiro. Os dois possuem em comum o fato de terem vivido a mesma experiência como migrante nos seringais da Amazônia no início do século XX, sendo que Castro era europeu e Amaral era nordestino.<sup>108</sup>

Dalcídio Jurandir oferece uma proposta semelhante ao pensarmos que sendo um autor nascido em 1909, cresceu vivenciando o período pós-boom da borracha na Amazônia, dando uma característica de ruínas para os seus livros que compõem o Ciclo do Extremo Norte. No caso do Marajó (1992), temos um enfoque mais voltado para os campos de Cachoeira e Ponta de Pedras, mesmo assim, esse declínio na economia da borracha afeta não apenas Belém, cidade que anteriormente havia demonstrado ter usufruído bastante dos lucros e exportações da borracha, mas, também, as regiões rurais. Trabalhadores abandonando o espaço e procurando

106 JURANDIR, 1997, p. 74

107 MENEZES NETO. 2011, p. 164.

108 Ibid., p.163.

oportunidades em outros locais, sendo taxados como traidores pelos grandes proprietários do campo, desemprego e falta de oportunidades se juntam ao domínio dos fazendeiros, o que complica ainda mais a possibilidade de sobrevivência dos menos abastados:

Olhava pensativamente o povo esvaziando Ponta de Pedras, em lenta e triste migração. Trabalho mais não havia. Em Belém, era o apito das fábricas chamando pessoal de todas as vilas abandonadas do interior.  
 – Só fica a baixa categoria de gente. Ninguém mais.<sup>109</sup>  
 Olhou o céu da vila, as estrelas murchas, o silêncio que exalava de tudo. Teve um desejo do muito longe, das outras distâncias que o mato fechava. Agora a vila pobre lhe parecia boa e macia como rede de embalo. O pio das corujas era como acalanto. Como estava ficando sem gente.<sup>110</sup>

O romance de Bernardo Élis é analisado no trabalho de Sandro Dutra e Silva que tem como objetivo estudar o cerrado goiano, o autor que foi devidamente reconhecido por destacar várias vezes a natureza e ambiente ao redor dos personagens em sua literatura<sup>111</sup>. Neste contexto, podemos observar que o anteriormente mencionado autor se atenta bastante na relação entre ser humano e natureza – algo que é fundamental para o estudo da história ambiental, pois se trata de uma ciência humana<sup>112</sup>–, possuindo vários cenários que compõem o cotidiano de homens e mulheres que vivem no sertão goiano em fronteira oeste do Brasil, há uma certa ênfase nesse debate em torno do domínio da natureza e expansão territorial no âmbito social e político,

Paisagens, sociabilidades e sensibilidades características da relação do homem com a natureza estão presentes na composição da visão de mundo expressa nos contos de Élis, que valorizam o ambiente como cenário dos dramas humanos nos rincões do Brasil. É a partir desse lugar de isolamento apresentado por Élis que nos propomos a realizar uma análise que aproxima a história ambiental e a literatura.<sup>113</sup>

Sandro Dutra e Silva (2017) evidencia várias formas de se perceber a natureza ao explorar o romance, apontando uma enorme quantidade de informações relevantes para o historiador ambiental debruçar-se. Inicialmente, aponta para os espaços apresentados por Bernardo Élis, sendo eles espaços com uma presença de

109 JURANDIR, 1992, p. 40.

110 Ibid., p. 46.

111 Cf. SILVA, 2017.

112 PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. In: Estud. av. [online]. 2010, vol.24, n.68, pp 81-101.

113 SILVA, op. cit., p. 94.

elementos da natureza que trazem as vivências do sertão goiano como campos, rios, fazendas, pastagens, buritizais e florestas<sup>114</sup>. No romance *Marajó* (1992), Dalcídio Jurandir também fornece ao leitor uma gama de cenários bem específicos da região, sendo eles rios, mangues, fazendas, vilas e praias, também mencionando, em alguns momentos, a cidade de Belém com um tom de comparação ou contradição entre duas realidades existentes. É por meio desses cenários que os autores descrevem os dramas vivenciados pelos personagens, trazendo suas percepções em torno das relações entre a natureza e os povos que vivem, para Bernardo Élis, no cerrado goiano, já para Dalcídio Jurandir, no *Marajó dos campos*.

Para o autor Sandro Dutra e Silva (2017), Bernardo Élis traz uma linguagem sucinta, ágil e, além disso, demonstra ser interessado por uma representação minuciosa do ambiente físico em que os personagens estão se locomovendo, “fazendo conviverem a linguagem realista e uma separação tênue entre o real e o imaginário”<sup>115</sup>. É desse modo que o pesquisador, através de Élis, percebe a peculiaridade da relação entre diferentes grupos com a natureza

O título de *Ermos e gerais* é eloquente acerca da centralidade do ambiente físico na conformação dos dramas vividos por seus personagens: os “ermos” definem lugares distantes, ainda em grande parte desabitados e compostos por terras devolutas, e somam-se às “gerais”, forma coloquial de referir-se ao cerrado. Ambos dizem respeito tanto a uma paisagem quanto a uma condição humana. A diversidade dos personagens, pertencentes a diferentes estratos sociais, não apaga, entretanto, a imposição do ambiente natural sobre todos.<sup>116</sup>

Ou seja, para Sandro Dutra e Silva a natureza presente no romance se impõe e afeta todos os grupos, sejam os mais pobres ou ricos, nenhum deles está isento de sofrer os fenômenos decorrentes, porém, a diferença é na maneira que cada um deles reage e sofre nestes cenários. Os mais pobres acabam sendo mais penalizados devido a falta de estrutura, condições financeiras ou falta de conhecimento. Para exemplificar, o autor se utiliza de uma família que busca por novas terras e oportunidades para subsistência, e logo essa encontra refúgio em uma beira de rio mas, ao mesmo tempo que encontram um espaço para viverem, também são ameaçados por doenças, pelas enchentes e, igualmente perigoso,

---

114 Ibid., p. 95.

115 SILVA, 2017, p. 99.

116 SILVA, loc. cit.

outras pessoas<sup>117</sup>. Sandro e Dutra (2017) nota o desfecho maior por parte da preponderância da natureza em Bernardo Élis que é desencadeado por uma noite de cheia que traz consigo a morte da família de imigrantes que estavam a beira do rio, e um ponto interessante enfatizado pelo autor é o fato de Élis estar atribuindo ao rio características humanas enquanto a mãe, filho e filha estão sendo levados pela força d'água:

No universo metafórico de Élis (2005, p.12), enquanto a família é arrastada passivamente pela correnteza, o rio é associado a imagens humanas que remetem a experiências de dramaticidade, terror e morte: “A água barrenta e furiosa tinha vozes de pesadelo, resmungo de fantasmas, timbres de mães ninando filhos doentes, uivos ásperos de cães danados. Abriam-se estranhas gargantas resfolegantes nos torvelinos malucos e as espumas de noivado ficavam boiando por cima, como flores sobre túmulos”.<sup>118</sup>

Nesse quesito, também é perceptível uma semelhança entre Bernardo Élis e Dalcídio Jurandir ao se tratar dessa representação metafórica da natureza. O autor de Ponta de Pedras costuma, em seu romance ilha, utilizar muito do imaginário popular para expressar certas sensações, medos e mistérios. Tanto que mais a frente haverá um trecho específico apenas para falar da representação dos animais e o imaginário popular.

Estes três trabalhos nos apresentam uma enorme quantidade de informações para quem tem intenção de se deleitar na pesquisa da história ambiental e literatura, são alguns dos estudos que podem sugerir uma margem significativa para desenvolver metodologias em cima de novas obras. Nesse caso, busco analisar a relação do ser humano e natureza nas narrativas que são expostas por Dalcídio Jurandir pela forma que o escritor materializa através das palavras o cenário dos campos localizados no arquipélago do Marajó, pela inflada quantidade de expressões populares, diferentes olhares voltados para a natureza, no geral, possui uma grande carga de informações sobre a cultura de povos na Amazônia. Essa proximidade entre os dois campos – História Ambiental e Literatura – traz um novo olhar sob obras que já foram em vários momentos investigadas por historiadores, sociólogos, filósofos, críticos literários, no entanto, muitas vezes essa leitura acaba por despertar apenas interesses no âmbito político e problemáticas sociais, a natureza passa despercebida, algo que foi bem comum no desenvolver da historiografia, como aponta Donald Worster<sup>119</sup>, isso não cabe apenas para o trabalho

---

117 DUTRA E SILVA, 2017, p.101.

118 Ibid., p. 102.

119 WORSTER, 1991, p. 201.

com a literatura, e sim com os mais variados documentos, que em grande parte das situações, os historiadores insistiram em observar a sociedade de modo independente, como se o homem fosse um ser superior ou distante do ambiente em que vive:

Há ainda outro problema não resolvido nessa tradução da ecologia para a história. Poucos cientistas encaram os homens ou as sociedades como partes integrantes dos seus ecossistemas. Eles preferem deixá-los de fora, como digressões ou fatores imponderáveis. Mas os homens são o principal objeto de estudo dos historiadores; consequentemente, a tarefa dos historiadores é juntar o que os cientistas separam.<sup>120</sup>

Vejo que Dalcídio Jurandir, muito além de um romance sobre os povos e suas lutas no Marajó, também busca dar voz ao meio ambiente que não está passivo a ação humana, é bem pelo contrário, em determinadas situações ela acaba por anteceder certas interpretações e ações humanas, sendo evidente de modo ferrenho em momentos de expressões religiosas e práticas cotidianas dos personagens, algo que pode ser percebido ainda hoje por alguém que já teve a oportunidade de conhecer as ilhas do Marajó. José Augusto Drummond<sup>121</sup> pode contribuir neste debate ao mencionar em seu trabalho sobre o campo da história ambiental, destacando que as várias possibilidades de novas fontes e reutilização de fontes antes já utilizadas. É se apropriando dessa lógica que o professor José Marcos Froehlich (2000)<sup>122</sup> propõe o estudo com o ângulo da história ambiental na obra do renomado autor, várias vezes alvo de pesquisa, Gilberto Freyre, partindo da premissa de que o sociólogo teve uma parcela de contribuição nos estudos socioambientais na literatura nacional. Neste quesito, o autor demonstra determinadas modalidades que podem ser encaixadas em parâmetros semelhantes ao que fazem os historiadores ambientais, por exemplo, ao quebrar a barreira de mentalidade sobre a sociedade e o homem como um caso isolado do mundo,

Uma ruptura, portanto, com o pressuposto Durkheimiano fundador da “ciência” social, de que os fatos sociais só podem ser explicados por outros fatos sociais, e com as resistências das ciências sociais, em suas diversas vertentes, em aceitar explicações da cultura através da biologia ou de qualquer outra ciência natural. Trata-se, em suma, de reconhecer e colocar a sociedade na natureza ou a natureza na história.<sup>123</sup>

---

120Ibid., p. 206.

121 Cf. DRUMMOND, 1991.

122FROEHLICH, J. M.. Gilberto Freyre, a história ambiental e a rurbanização. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 283-304, 2000.

123 Ibid., p. 2

Nesse seguimento, Froehlich (2000) demonstra como, para Gilberto Freyre, a noção de espaço social foi essencial para compreender determinadas áreas geográficas e regiões, com diversidades étnicas e culturais, que acabaram sendo unificadas socialmente pela escravidão, patriarcalismo e monocultura, mas o interessante é perceber que o escritor se isentava de ideias deterministas, e sim acreditava em um condicionamento ocasionado pelo contexto natural – botânico ou físico-geográfico – em volta de cada sociedade, acabando por se adaptarem a essas condições.<sup>124</sup> É interessante se perceber os métodos utilizados por Gilberto Freyre, que se aventurou em outros campos como botânica, psiquiatria, patologia, além de também desbravar fontes de cunho antropológico, histórico, social e geológico. Para exemplificar ainda mais estes fatos, o professor Froehlich (2000) utiliza de 3 obras freyreanas, cada uma delas possuindo formas diferentes de se contribuir para um estudo ecologia social ou socioambiental, enfatizando que mesmo não sendo o ponto central, a natureza para Gilberto Freyre foi um dos principais pilares de construção na representação ambiental e social de suas narrativas.<sup>125</sup>

Um dos exemplos mencionados que contém informações riquíssimas para os pesquisadores são os relatos de viajantes naturalistas<sup>126</sup> que ao se aventurarem em busca de novos ambientes para explorar recursos, acabavam descrevendo detalhes de forma bem minuciosa dos animais, vegetação e rios em sua escrita, e é justamente por este fato que os registros de viajantes se tornam uma boa opção de fonte para os historiadores ambientais. Uma questão importante citada por José Augusto Drummond, é também a possibilidade de se trabalhar com mitos e lendas de determinados povos que são relatados por viajantes ou antropólogos, até mesmo dados coletados em trabalhos de campo<sup>127</sup>, vejo que nesse ponto as obras literárias, como as Dalcidianas, possuem ambos os quesitos para o historiador vasculhar, já que é notável a grande presença de seres que circulam a mata no imaginário popular, animais encantados e que causam tensão e superstição nos personagens, estes elementos podem ser encontrados ainda hoje, tanto na capital quanto em regiões mais distantes, chamados popularmente de interiores.

---

124Ibid., p. 3

125FROEHLICH, J. M, 2000, p. 5.

126DRUMMOND, 1991, p. 184.

127 DRUMMOND, 1991, p.183.

O historiador e crítico Raymond Williams<sup>128</sup> pode ser um grande exemplo no que tange certas aproximações e diálogos entre história ambiental e literatura. O primeiro ponto é que o autor utiliza como objeto de análise poemas para compreender a modificação de paisagens que os ingleses estavam enfrentando no século XVIII com o período da Revolução Industrial. Nesse quesito, o autor vai delimitando as mais variadas expressões do imaginário surgidos pelas pessoas que são divididas em algumas diferentes dinâmicas, as que romantizam a relação com o campo, sendo expressas pelo gênero bucólico, e as que desejam uma representação mais realista do que, de fato, acontece no cotidiano dos camponeses – que não se trata da harmonia e beleza o tempo todo –, sendo definido, então, como um discurso antibucólico. Pode-se dizer que essas transformações do ambiente são a principal problemática que o autor destaca, nesse caso, vejo uma linha que pode ser relacionada ao que temos na obra *Marajó* (1992) de Dalcídio Jurandir, pois os personagens acabam por vivenciar este conflito entre vida na capital – ou cidade – e vida no interior – campo –, sendo a vida no interior bem mais detalhada na obra, já que o romance se passa em na vila de Paricatuba e outros cenários de atuais municípios.

Missunga, personagem principal do mesmo livro citado, é um jovem que se encontra neste grande dilema de seguir os estudos na cidade grande ou assumir os negócios do pai na fazenda e campos pertencentes a ao seu pai, Coronel Coutinho, um possuidor de extensa quantidade de terras na região de Ponta de Pedras e Cachoeira. Nesse sentido existem diferentes maneiras em notarmos a vida na cidade e a vida no campo, pois o protagonista – Missunga – é visto em momentos monótonos, ao mesmo tempo que há presença de conflito interno, o cenário traz a calma, o silêncio, a brisa, porém, ao retratar a vida do Coutinho filho na cidade, demonstra euforia, ambiente cheio de conturbações. Existe, no romance, as duas espécies de bucolismo que desejo trabalhar de modo mais aprofundado, pois a natureza é refúgio, ao mesmo tempo é penúria, é posse, é espaço de lutas e contradição. Tudo isto sendo apresentado em registro pela escrita e narrativas de Dalcídio.

Um exemplo é a questão do bucolismo voltado para a nostalgia, que é bem presente na obra *Dalcidiana*, já que o autor foi bastante apaixonado pela sua terra e

---

128WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

seu povo, tanto que fazia questão de carregar esta bandeira em lutas políticas. Personagens que desprezam a vida no campo, geralmente são apresentados com certa antipatia, mas os que valorizam, geralmente são os principais, como exemplo, Alaíde, que em alguns momentos pensou se a vida na cidade seria melhor, mas na mesma hora reconsiderou a partir da falta que sentiria dos banhos de rio, rede e peixe fresco. Da mesma forma como já mencionado, o personagem Missunga que muitas vezes foi pego neste mesmo impasse:

Pudessem os rios correr para o sol com o sonho dos homens, a força das árvores e o espanto e a curiosidade dos bichos! Ficara estirado nas águas como um peixe-boi envenenado no timbó. Bem podia pensar, dentro de sua inércia, sob o vago rumor daquele remo tão ágil e flexível na água, nalguma namorada de Belém, o rosto subitamente belo de uma desconhecida, a voz de alguma antiga amante, o grito das mulheres do mundo num beco, à noite, entre bêbados e cães ladrando. A terra lhe transmitia uma espécie de estupidez amorosa e invencível, lama gostosa na alma, o hálito de Alaíde, calor, frutas rachadas no chão.<sup>129</sup>

Neste trecho, podemos observar certa dúvida e nostalgia de Missunga ao nadar em um rio de Paricatuba e pensar na sua vida na cidade, entretanto, logo no final é apontado também certo encanto pela vida no interior – campo – que também o remetia a pureza de sua incansável tentativa de conquista a personagem Alaíde, em contraposição, o âmbito da cidade para Dalcídio Jurandir já traz um caráter hostil, ambiente de boemia e impureza, sendo essas coisas que despertavam também bastante interesse em Missunga, personagem que tem uma postura de garanhão sempre querendo se envolver com várias mulheres ao mesmo tempo.

Outra contribuição para compreender um pouco deste debate entre campo e cidade ou campo e modernização, é o trabalho de Claiton Marcio da Silva<sup>130</sup>, ao analisar entrevistas registradas de projetos extensionistas rurais que tinham como objetivo consolidar nos interiores de Minas Gerais, a partir de 1950, práticas tecnológicas que pudessem potencializar a produção de pequenos agricultores com características ancestrais. E nesse passo, o autor discorre de maneira a elucidar como estes cidadãos do campo eram vistos pelos engenheiros, agrônomos e participantes do projeto, de maneira subjugada, pertencentes a práticas inválidas, atrasadas, que os únicos que ainda demonstravam potencial de adequação e

129 JURANDIR, 1992, p. 13.

130 SILVA, C. M.. Os outros são o atraso: populações rurais e modernização agrícola em Minas Gerais (1950-1960). In: Sandro Dutra e Silva; Dominichi Miranda de Sá; Magali Romero de Sá. (Org.). **Vastos Sertões: História e Natureza na Ciência e na Literatura**. 1Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2015, v. 1, p. 111-126.

aprendizado eram os jovens do campo. Neste sentido, o autor enfatiza como as entrevistas e narrativas registradas não são representações de uma realidade, do que ocorreu, e sim uma perspectiva de um lado, que é o lado da modernização já que os entrevistados foram os funcionários do projeto.

As formas que encontraram para estabelecerem o processo extensão rural foram variadas, mas algumas são especificadas por Silva (2015), principalmente se tratando da utilização de resultados positivos através de atitude dos jovens:

No entanto, de forma diferente do pensamento de orientação racial predominante principalmente até o final da Segunda Guerra Mundial, essas populações não estavam condenadas ao fracasso. A categoria social "juventude rural", por exemplo, é representada como um instrumento privilegiado para romper com as técnicas primitivas, mesmo que estivessem "sob o influxo permanente da herança cultural dos pais, a qual, geralmente, é constituída de conhecimentos limitados e compreender técnicas primitivas e rotineiras."<sup>131</sup>

Nesse sentido, os jovens rurais passaram a fazer parte de grupos que tinham como objetivo a propagação dessas técnicas, ou seja, que ensinavam práticas agrícolas com aparatos tecnológicos como milho híbrido ou bomba de veneno contra formigas que devastavam as plantações<sup>132</sup>, e com isso, passavam a ter resultados superiores se comparados com as pessoas mais velhas que ainda se baseavam em técnicas "tradicionais". Porém, estes relatos de bons resultados com as novas tecnologias fornecidas pela modernização eram uma forma, também, de promover o projeto. O autor compara o olhar destes sujeitos que compunham a equipe responsável com o dos viajantes do século XIX, mas a diferença é que, neste momento não seriam apenas objeto de observação, e sim de transformação dos hábitos "ultrapassados"<sup>133</sup>.

Pode-se constatar, da mesma forma, ao decorrer do romance, conflitos envolvendo diferentes grupos com realidades distintas, e é nesse ponto que percebemos o olhar de figuras como a do fazendeiro em relação a população mais pobre, como se estes fossem sujeitos selvagens, não pertencentes ao mundo da civilização – representados por homens de cargo público, fazendeiros e ligações com a cidade de Belém. Situação que se assemelha, também, à perspectiva dos viajantes do século XIX se deparando com os povos não europeus. Missunga se

---

131 SILVA, C. M, 2015, p. 114.

132 Ibid., 118.

133 Ibid., 122.

encontra no transitar dessas duas realidades enquanto tenta resolver seus conflitos internos, vez ou outra apresenta alguma empatia, em outros casos traz consigo o privilégio de ser filho da figura de poder local – Coronel Coutinho –, como em alguns momentos ousa utilizar também desse poder para impor domínio sob outras pessoas. Além disso, a posição de Missunga é, em grande parte, de um jovem que tem a última palavra, que contém o poder de decisão em quaisquer que sejam os meios e situações cotidianas. É o que acontece em um episódio onde o comerciante Calilo está prestes a entregar um tabaco com excelente qualidade para as moças, entretanto, a condição foi de que elas comprassem um peixe pirarucu que estava podre, desse jeito o menino Coutinho toma a seguinte atitude:

Missunga ergueu-se rápido, silenciosamente, apanhou os restos do peixe podre e atirou na lama onde os porcos fossavam. Calilo não fez mais um só gesto. As mulheres entreolharam-se no espanto geral. O rapaz encaminhou-se para o trapiche, o sírio o alcançou.

— Doutor, eu estava brincando com elas. Eu não ia vender, não, não ia.

Missunga bateu-lhe, de leve no ombro:

— Não foi nada. Estava podre, não estava?

Afinal seu pai era culpado, ele, como filho, também culpado. De resto, gostaria que Alaíde tivesse assistido à cena, e Guíta, e os amigos de Belém que o aplaudiriam. Já no rio, sentia vergonha daquele impulso sem platéia, daquele gesto inútil.<sup>134</sup>

No final do trecho em destaque pode-se notar um pouco do arrependimento do rapaz ao notar que fez um gesto tão nobre e heróico sem público algum para prestigiá-lo e poder usufruir do ato, no caso de Alaíde e Guíta, conquistá-las ou despertar algum tipo de prestígio, ao mesmo tempo que também há um teor de culpa já que grande parte dessa miséria e sujeição vem por parte da opressão que seu pai acaba exercendo sobre os menos favorecidos. Em outras oportunidades o protagonista acaba agindo do mesmo modo, sempre procurando formas de acabar com o seu tédio e satisfazer o seu desejo de fantasias amorosas com personagens da vila.

Transitando entre críticas sociais também podemos perceber em passagens como essa a forma de representação da natureza, sendo empurrada em sua podridão, derruída aos mais pobres, pelas mãos de classes mais favorecidas como o comerciante que detém toda a mercadoria da vila. O resultado disso é a constante humilhação cotidiana, e Missunga aparece em certos momentos como o fator de mudança, porém, fica visível que não o faz sem segundas intenções.

<sup>134</sup> JURANDIR, 1992, p. 65-66.

Existem trabalhos que ao discutirem sobre a dinâmica social de povos do Marajó, acabam permeando ou dando atenção para uma natureza que está presente na escrita de Dalcídio Jurandir. Mesmo não se identificando como, ou utilizando abordagens específicas da história ambiental, o autor Agenor Sarraf Pacheco<sup>135</sup> traz uma série de problematizações e reflexões em torno da relação desses povos do arquipélago com as florestas, campos e rios que ali estão presente, usando em sua análise os romances de Dalcídio Jurandir e Sylvia Helena Tocantins, ambos demonstrando em suas narrativas como se dirigem as vivências cotidianas da região.

Segundo Sarraf-Pacheco (2009), é imprescindível observar estas manifestações culturais e sociais dos povos marajoaras sem entender que existe uma série de fatores influenciando tais movimentos, e um deles são os rios. Pois eles determinam o tempo de colher, de pescar rezar, viver e morrer, ao mesmo tempo que também é impedimento de passagem, cancelamento de projetos e perigos desconhecidos como foi para grande parte dos viajantes do século XIX<sup>136</sup>. É pelo fato dessa enorme importância que os rios possuem para grande parte dos povos no Marajó que os dois romancistas tanto o trazem em passagens de suas produções:

[...] Foi no lidar com movimentos de enchentes e vazantes que Dalcídio Jurandir e Helena Tocantins, romancistas do século XX, reconheceram, em suas composições literárias, os marajoaras como autênticos construtores e guardiões de patrimônios materiais e imateriais necessários à sustentabilidade e equilíbrio da região.<sup>137</sup>

Explicita, Agenor Sarraf Pacheco, que devido a sua experiência ao viver em Cachoeira do Arari por 12 anos, Dalcídio Jurandir se tornou um maestro na orquestra das águas, ao fazê-las se movimentarem entre os seus personagens e paisagens, além de acrescentar os saberes e falares regionais que demandaram não apenas a experiências pessoais, mas, também, constante pesquisa através de relatos enviados em cartas por sua esposa e irmão<sup>138</sup>. Esse movimento dos rios é

---

135 SARRAF-PACHECO, Agenor. História e Literatura no Regime das Águas: Práticas Culturais Afroindígenas na Amazônia Marajoara. **Amazônica: Revista de Antropologia**, v. Vol. 1, p. 406-441, 2009.

136 SARRAF-PACHECO, 2009, p. 414

137 SARRAF-PACHECO, 2009, p. 414

138 SARRAF-PACHECO, 2009, p. 412-413

não é apenas uma presença qualquer, é um elemento que impõe dinâmicas, que se destaca dentre outros, afirma Paulo Nunes (2001),

Desde que me debrucei sobre Chove nos campos de Cachoeira, rebento primogênito do ciclo do Extremo Norte, percebi uma obra repleta de encharcados, uma estética do romance que mostra a supremacia do elemento aquático sobre os demais elementais da natureza.<sup>139</sup>

À vista disso, podemos perceber quão ricos são os escritos de Dalcídio Jurandir para uma análise composta por abordagens da história ambiental, é nesta linha que venho discorrer na próxima seção onde apresento vários olhares sobre a obra Marajó (1992) que podem colaborar com o nosso entendimento de específicas relações entre os povos marajoaras e a natureza, olhares que constituem uma cultura mestiça de ancestralidade afroindígena e, também, da cultura ocidental letrada e cristã.

---

139NUNES, Paulo. **Aquonarrativa ou Encharcar-se na Poética de Dalcídio Jurandir**. Belém: I Colóquio Dalcídio Jurandir, nov. 2001.

### **3 HISTÓRIA E NATUREZA: AMBIVALÊNCIA, BICHOS E ANTIBUCOLISMO**

Ler Dalcídio Jurandir não se trata apenas de compreender e aprender sobre a cultura marajoara e as vivências na Amazônia, como é muitas vezes apontado e jogado na caixinha do regionalismo por tratar de um recorte espacial específico. O autor pode contribuir para a compreensão de vários fatores que estão presentes em diversas áreas e processos históricos no Brasil, por exemplo, a instituição do sistema agrário que é altamente conflituoso, a presença dos animais não humanos na dinâmica social e, também, a própria forma do autor de se posicionar sobre os usos da natureza trazendo-a para seu contexto narrativo.

Ao longo da seção, que será destinada exclusivamente as interpretações de análise do segundo romance de Dalcídio Jurandir, perceberemos algumas possibilidades para que a história ambiental possa extrair informações importantes sobre os usos e influências da natureza pelos povos que vivem na região dos campos do Marajó, sempre deixando claro que é um livro da primeira metade do século XX, assim como o seu contexto narrativo.

Vale lembrar que não é minha intenção demarcar e fechar os espaços para se trabalhar história e natureza em Dalcídio Jurandir, e sim apontar alguns caminhos que pude analisar através da minha leitura. Desse modo, a primeira subseção retrata das diferentes maneiras de usos e valores que são divididas entre dois grupos, os mais pobres e os que detém o poder e riqueza, tornando assim um espaço de conflitos e opressões constantes. Na segunda subseção trato como fonte a presença dos animais não humanos que demonstram influência em algumas perspectivas sociais, inclusive no campo mítico, indo muito além do uso apenas para alimentação ou locomoção. Estes comportam diversos significados que podem variar também de acordo com determinado grupo – mais pobres ou a elite regional –. Já na terceira subseção venho com a ideia de analisar o papel lírico do autor relacionado ao conceito de antibucolismo trabalhado por Raymond Williams, aproximando a literatura de Dalcídio Jurandir a este gênero que buscou diferenciar-se do bucolismo que apresentava uma natureza abundante, com uma relação harmônica entre os seres humanos, pois o antibucolismo se utilizava da natureza em narrativas como uma forma de denunciar mazelas que envolviam conflitos sociais.

Sendo assim, a proposta da seção é colocar em prática as questões levantadas pelo campo da História Ambiental através da produção literária do autor de Ponta de Pedras Dalcídio Jurandir, sendo o seu segundo romance um dos que mais demonstra a vivência de povos que ainda residem nos municípios do Marajó.

### 3.1 Natureza Ambivalente: Diferentes relações com a terra entre oprimidos e opressores

Deixando evidente os conflitos sociais entre dois grupos que residem nos municípios de Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari, o autor demonstra como este dualismo representado pelos oprimidos e opressores traz consigo diversos pontos de partida de uma estrutura que demanda esforço constante, controle e violência para continuar firme, sem violações. Os fazendeiros, representados pela família Coutinho, possuem relações, costumes e atividades que acabam cercando a todo momento a identidade de poder, assegurando seu direito – legado de seu pai, que herdou título coronel e propriedades do mesmo modo – sobre a terra e as pessoas. O que sobra para essa gente oprimida pelos fazendeiros é encontrar formas de resistência em um espaço que não se sujeitar aos moldes da família Coutinho, se iguala ao pisotear de sua honra, invadindo e demarcando uma propriedade particular.

Por termos diferentes realidades imbuídas de saberes e fazeres igualmente diferentes, o romance do autor Dalcídio Jurandir apresenta peculiaridades dessa população menos favorecida em comparação com a elite agrária, pois os processos de apropriação e formas de se relacionarem com a natureza demonstram características interessantes e que dizem muito sobre como essa dinâmica do ser humano com o seu meio pode corroborar e desencadear conflitos, que é o caso dos moradores da vila de Paricatuba, representados por homens e mulheres que pescam, caçam e plantam.<sup>140</sup>

A riqueza dos Coutinhos é percebida na leitura do romance ao vermos, por exemplo, os tipos de regalias que o protagonista recebe, tanto que Missunga passou um período estudando no Rio de Janeiro à custa do pai, que pensava ter futuramente um filho que retribuiria resolvendo suas questões e problemas judiciais dos negócios da fazenda, por esse motivo, nunca mediu esforços para sempre proporcionar as melhores condições e qualquer outra coisa que ajudasse o rapaz em sua jornada acadêmica. Sua maior vontade era ver o diploma e comprar o anel

---

<sup>140</sup>Porém, como já havia comentado anteriormente, Dalcídio atribui um destaque, neste romance, para a figura da mulher na representação dos oprimidos, tanto no quesito de dificuldades quanto na resistência destes.

de bacharel em direito do filho, ter a felicidade do filho advogando para a família e para os réus amigos.<sup>141</sup>

O que Coronel Coutinho não imaginava era que seu dinheiro enviado para Missunga acabaria por bancar apenas o luxo, bebedeira e as boas notas fraudadas para ser aprovado em disciplinas durante o curso na faculdade. O Coutinho filho percebeu em algumas ocasiões de desespero alheio a oportunidade de usar o que sua família tanto se esforçava para manter, a riqueza. Em uma delas, o professor responsável pela disciplina mais difícil do curso de Direito passava por maus bocados, pois sua esposa estava lutando contra o câncer e vivendo complicações financeiras, já que o custo do tratamento era alto.<sup>142</sup>

Além da riqueza, o personagem herdou a malícia do pai. Em suas investidas para receber mais dinheiro, mentiu sobre notícias horríveis para a família inventando doenças que nunca tivera, fazendo com que seu pai, cada vez mais, enviasse quantias exorbitantes, uma delas foi a dita congestão cerebral que trouxe grande susto ao Coronel Coutinho e Dona Branca – seus pais. A cena transmite este enorme susto, a esposa de Coronel pulando da cadeira para a rede sentindo falta de ar, as “criadas” abanando leques e leques para o patriarca assinar, ligações para médicos, avisando que se for necessário o mandará até a Suíça o filho na vontade de que este tenha o melhor tratamento.<sup>143</sup>

O pilar de noitadas, de todo o luxo e do seu “sucesso acadêmico” era sustentado pela maior atividade dos Coutinhos. Mesmo se apropriando de grande parte das terras que compunham os habituais municípios de Ponta de Pedras e Cachoeira, evitando que outras pessoas utilizassem dos seus recursos, o destaque da grande movimentação de riqueza da família de fazendeiros gira em torno da pecuária, expressa Coronel ao falar do fracasso de Missunga:

— Tamanha vadiação me comeu não sei quantas barcadas de gado, repetia Coronel, em suas habituais confidências, ao primo Néilson que se consolava um pouco porque seu filho era igual — igual.<sup>144</sup>

A resposta do primo Néilson no trecho acima traz a principal perspectiva dos sujeitos de poder – representados pelos fazendeiros – no romance em relação à

---

141 JURANDIR, 1992, p. 21.

142 Ibid., p. 32.

143 Ibid., p. 22.

144 JURANDIR, 1992, p. 33.

natureza, apontando-a como sua fonte de riqueza, e essa riqueza sendo destinada a sustentação de luxos dos filhos desses sujeitos.

Uma das atividades econômicas mais vistas nessa região campestre do Marajó, ainda hoje, é a pecuária, prática que fez parte da introdução de processos produtivos dos invasores europeus e ainda é possível notar estes resquícios na contemporaneidade.<sup>145</sup> Coutinho pai representa estes traços coloniais nas narrativas do romance devido a sua postura de fazendeiro, branco que descende dos portugueses e que sempre encontra maneira de subjugar os moradores mais humildes da vila que, em sua maioria, são negros e mestiços, ou seja, se encaixa em um ideal da oligarquia agrária portuguesa. Nunca foi militar, mas a partir da morte de seu pai herdou o título de Coronel, as terras e o prestígio fornecido pela classe em que se encontrava.

Em processos econômicos desenvolvidos durante séculos na Amazônia pela colonização europeia, destacam-se, no debate do trabalho, o sistema agrário colonial (1498-1823) e o ciclo econômico da borracha (1824-1950), ambos podendo ser percebidos nas entrelinhas elaboradas por Dalcídio Jurandir, mas em um contexto de decadência e contradição, pois a vila de Paricatuba e os campos de Ponta de Pedras e Cachoeira encontram-se cada vez mais esvaindo-se de sua gente, fato que muitos atribuíam a uma suposta dificuldade de adequação a natureza, porém, o romance demonstra que o verdadeiro empecilho do povo é uma desigualdade estabelecida há séculos juntamente ao desenvolvimento dos ciclos econômicos mencionados anteriormente.

Um outro ponto que nos interessa desses resquícios deixados pelo processo de colonização é a relação dessa região dos campos do Marajó com o abastecimento da capital – Belém, Pará –, tanto em mão de obra quanto em alimentos, e dessas pessoas que se deslocaram para a cidade, muitas acabaram por se alocarem as margens do rio Guamá em palafitas.<sup>146</sup> Neste sentido, encontramos uma nos Coutinhos uma relação com a elite urbana existente na cidade de Belém, onde estes geralmente, como Missunga em determinados trechos, frequentam quadras de tênis, clubes caros e compras de utensílios luxuosos. Coronel Coutinho também abastece com suas cabeças de gado os açougues da capital.

---

145 SOUZA, Armando Lirio de. Evolução do sistema agrário do Marajó: uma perspectiva sociohistórica. **Cadernos CEPEC**, v. 3, p. 1-28, 2014.

146 SOUZA, 2014, p. 48.

Segregando as realidades existentes neste lado do Marajó, a identidade dos fazendeiros traz consigo uma gama, um arsenal de características impostas no cotidiano que oportunizam manter-se em posição de privilégios, tanto no âmbito socioeconômico quanto em questões judiciais e políticas, destaca Armando Lírio de Souza (2014):

Na região dos campos naturais, os grandes fazendeiros direcionaram sua produção pecuária para a criação do búfalo, e assim garantiram uma estabilização em seus ganhos econômicos e consolidaram a importância deste sistema produtivo ao longo da segunda metade do século XX. Nas áreas de floresta densa, houve a negociação da titularidade e posse de grandes áreas de terras, fruto das antigas sesmarias, por empresas ou proprietários individuais. A agricultura de subsistência manteve-se no interior das áreas das florestas de várzea e áreas de terra firme com um sistema produtivo tradicional de queimada e rotação de cultura, predominantemente centrada na produção da mandioca. É importante ressaltar que duas das características mais marcantes, ao longo desse período (1824-1950), foram a ausência do Estado e a fragilidade das municipalidades na promoção de infraestrutura econômica e social, particularmente nas áreas rurais.<sup>147</sup>

Essa “ausência do Estado e a fragilidade das municipalidades” que menciona Armando Souza (2014), causam alguns dos desafios encontrados por homens e mulheres que dependiam da agricultura de subsistência no Marajó, que é o predomínio das leis regidas pela elite local, acabando por desconsiderar necessidades dos que estão em situação de vulnerabilidade, sendo muitas vezes manipulados, sofrendo coerções e, até mesmo, atos violentos por parte das figuras de autoridade local. Por isso, pode-se perceber como a escrita de Dalcídio Jurandir (1992) consegue desnudar os atritos sociais que percorrem anos e deixam suas marcas em tantas lutas por terras em municípios como Salvaterra e Soure, lugares que há presença de comunidades remanescentes quilombolas que sofrem com os cercados de grandes propriedades estreitando e sufocando-os cada vez mais.

O esquema exposto por Dalcídio Jurandir (1992) no sentido das propriedades do Marajó é derivado dos mesmos processos encontrados séculos antes na forma de constituição da terra no espaço rural no Brasil ao longo de seu desenvolvimento. O processo de concessão Sesmaria, por exemplo, tornava a posição dos sesmeiros como inquestionável, autoridades que mantinham sua soberania feito senhores feudais que criavam novas autorizações de ocupação se apropriando das terras devolutas, expandindo, assim, sua demarcação de terra.<sup>148</sup> Porém, com a chegada da lei 601, de setembro de 1850 nomeada Lei de Terras, o esquema de doação das

---

<sup>147</sup> Ibid., p. 60.

terras devolutas chegou ao fim, exigindo que houvesse uma comprovação legal da terra para que seu nome fosse registrado, mas outras brechas foram encontradas pela elite agrária que de todo modo conseguiu estabelecer formas de usufruírem das terras afastadas de cidades, onde poderiam facilmente continuar exercendo seu papel de detentor das leis:

Neste momento, a estrutura fundiária do país se consolida, ao mesmo tempo que nas áreas onde a autoridade não conseguia exercer o seu poder os conflitos pela posse da terra se intensificam, assim como as fraudes e a grilagem, em especial nas terras públicas devolutas. Nas áreas mais inóspitas do país, onde as dificuldades de comunicação são, por vezes, intransponíveis, como na região Amazônica, áreas de difícil acesso e de escassa fiscalização se tornaram o palco de conflitos pela posse das terras, que, em certos casos, reproduz em pleno século XXI o cenário de lutas do século XIX.<sup>149</sup>

A figura do Coronel Coutinho simboliza muito desse período onde um esqueleto das formas de apropriação ilegais de terras no Brasil se formavam e ainda pode-se notar suas marcas até hoje. No caso das atividades ilegais no romance, o tabelião Lafaiete que sempre está lidando corriqueiramente com as escrituras para a família de fazendeiros revela bastante do caráter e uma das formas que são feitas as tomadas e ocupações de propriedades, que é por meio da falsificação de documentos, aliás, muito da profissão e função do próprio Lafaiete durante a narrativa, com exceção das investidas românticas contra Alaíde, é de fato cuidar da “papelada” para o Coronel.

Esta problemática é enfrentada por muitas comunidades quilombolas nos municípios de Salvaterra, Cachoeira e Ponta de Pedras que reivindicam e buscam, reafirmar, a todo momento, seu direito por espaço nas terras em que alocam-se. Para os grupos hegemônicos – sendo empresas, bancada ruralista, agropecuária e os fazendeiros –, a existência dessas comunidades se torna um empecilho no desenvolvimento de expansão das suas posses, este ponto foi mais consolidado ainda com a Constituição de 1988 que garantem os direitos dos remanescentes quilombolas sobre as terras.<sup>150</sup> A hostilidade e violência é uma das características mais perceptíveis nas respostas do personagem Coronel Coutinho as pessoas que acabam “invadindo” suas fazendas e terras que foram legadas e extorquidas ao

148 GOUVÊA, D. C.; ÁVILA, P. C.; RIBEIRO, S. B. A regularização fundiária urbana na Amazônia legal. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 11, n. 2, 2009.

149 Ibid., p. 77

150 CARDOSO, L. F. C. E.. Reconhecimento, desrespeito e organização política quilombola na luta por território na Ilha do Marajó (PA). **A REVISTA CRONOS**, v. 14, p. 93-107, 2013.

longo de suas rondas pelos campos, suas opiniões e palavras de cunho pejorativo em relação aos mais pobres é tão intensa que a todo momento alerta Missunga que se envolver com uma cabocla dali é o mesmo que estragar sua vida.

Limpava tranqüilamente a virgem e custosa espingarda. O pai sustentava: não ficava bem que seu filho se demorasse tanto na vila, dando liberdade ao povinho. Perdia o ar de necessário respeito e distância que deve haver entre pessoas de categorias diferentes. Também a presença de Missunga não só o tolhia um pouco nas suas liberdades em Marajó — e ate mesmo no seu a vontade com Ermelinda — como o humilhava o povinho mais de perto ver, maldosamente, o fracasso do filho.<sup>151</sup>

Essa relação conflituosa entre fazendeiros e os povos, comunidades ou famílias que acabam se estabelecendo ao redor de grandes propriedades ganhou mais intensidade no processo oficial de liberdade dos negros escravizados, porém, havia também uma relação de “harmonia”, que na verdade se tratava de uma reciprocidade negativa, quase uma dependência,<sup>152</sup> algo que designou em relações de compadrio, pequenos auxílios em troca do serviço braçal, da submissão que fica bem evidente na maneira como Dalcídio Jurandir (1992) expõe as relações de Coutinho com as suas afilhadas e afilhados, com os homens e mulheres que precisam constantemente de ajuda, permissão para desenvolverem suas atividades que trarão a oportunidade de sobrevivência. O romance ilha revela que Coutinho não enxerga os nativos daquela região como pessoas dignas de serem equiparadas ao seu lugar, e sim como parte de sua propriedade, eles são vistos quase como cabeças de gado, mão de obra para seus serviços necessários, e é nesse sentido que o fazendeiro procura educar seu filho, de que precisa procurar coisa melhor do que ficar lidando com estas pessoas.

O protagonista entende sua posição e de seu pai, sabe que ser um Coutinho é sinônimo de domínio não apenas das fazendas e gados, mas, também, da gente que tanto sofre. Não procura entender o que levou tudo a ficar como está presentemente apresentado para a sua realidade, mas em alguns momentos demonstra entender, como quando reflete “O mato, a gente com a sua miséria, a bicharada, tudo isso pertencia ao Coronel Coutinho, Senhor seu Pai”.<sup>153</sup> O valor que é colocado as pessoas, na visão de grupos pertencentes a elite agrária, é quase

---

151 JURANDIR, 1992, p. 30.

152 CARDOSO, op. cit., p. 100.

153 JURANDIR, 1992, p. 69

como se fossem parte de seu gado, tanto que para eles, a quantidade de terras precisa ser equiparada a quantidade de gente em sua posse,

Coronel queria ter o povo na mão. Terra por terra ele tinha que enjoava. Queria terra que tivesse povo. Povo ficava agarrado a ele como turu dentro do pau, dizia seu Felipe que, com seu desalento, procurava entre as folhas da Bíblia, o pequeno e já apagado retrato de D. Branca.<sup>154</sup>

A relação perniciosa em Marajó (1992) torna explícita a ambição recorrente do grande proprietário, visto que, para este, o seu valor, a sua personalidade está ligada ao acúmulo de terras e quantidade de gado, mas para chegar a isso, precisa da sujeição de terceiros ao seu redor. Em todos os cantos da vila de Paricatuba e Ponta de Pedras encontram-se pessoas que prestam serviços para a família Coutinho – como o já mencionado Lafaiete –, os diálogos entre eles exprimem uma sobreposição da vontade do protagonista e seu pai, estes não conseguem se enxergar como parte da natureza, mas conseguem encaixar as outras pessoas aos seus usos, o próprio sistema de padrinhado mencionado anteriormente torna evidente a maneira que o patriarca enxerga o Outro, os homens como bois para o trabalho duro, e as mulheres como vacas que serviam apenas para aumentar o seu rebanho.<sup>155</sup>

Discursos regados de supremacia racial fazem parte do processo de marginalização proposto pela figura de poder local, evoca uma culpa nas mazelas enfrentadas pelos trabalhadores e trabalhadoras do campo que cabe apenas aos mesmos, se eximindo de qualquer colaboração de fardos alheios. Raros momentos expressam uma “solidariedade” sem interesse por parte do Coronel, principalmente se tratando de seus negócios e mulheres. Dalcídio Jurandir (1992) transmite como o Marajó é um mundo privado para estes fazendeiros, limitando o uso da natureza para famílias que dependem dessa, além disso, há também a ideia de propriedade moral, pois qualquer ato que suavize o poder sob terras e vaqueiros, é também um ato de invasão as propriedades do Coronel.<sup>156</sup>

É interessante se perceber como o grupo hegemônico entende e se apropria da natureza para conseguir, cada vez mais, continuarem reproduzindo o mesmo sistema de poder e riquezas. Esse sentido ao meio ambiente que é preponderante

---

154Ibid., 35.

155 JURANDIR, 1992, P. 12

156 Ibid., p. 28

devido a construção de propriedade feita pela família Coutinho é um dos pontos que desencadeia uma possível análise das relações sociais e produtivas propostas pela presença de uma natureza que a todo momento está marcando sua presença em linhas escritas pelo autor. E é por este caminho que percebemos as transformações do ambiente através dos modos de produção.<sup>157</sup>

A maneira como se colocam marcantes traços da degradação dos recursos naturais em Paricatuba, Ponta de Pedras e Cachoeira no romance equivale ao processo de acúmulo de terras e prática desmedida da pecuária que é composta pelo extenso agronegócio gerenciado pelo Coutinho, sendo que, ainda assim, o personagem demonstra deboche, desconhecimento e indiferença quanto aos impactos causados por suas práticas ao falar que aumentar suas terras e seu rebanho era uma atitude que não ofendia a Deus e nem ao próximo, mas o narrador explicita que ganhar muito com o menor esforço era a maior de suas faceirices.<sup>158</sup>

O trecho revela a verdadeira intenção do fazendeiro que projeta futura intensificação de suas riquezas se isentando de qualquer responsabilidade socioambiental. Essa forma de desconsiderar os fatores de impactos ambientais, traz a tona o autor John Bellamy Foster (2015)<sup>159</sup> através da perspectiva ecossocialista<sup>160</sup>, uma mentalidade sistemática capitalista que vem por meio do imaginário de uma natureza que é o obstáculo da produção e arrecadação de capital, ao mesmo tempo que apresenta fontes inesgotáveis de recursos, que tudo aquilo encontrado nela e utilizado para que se faça assim, riqueza, é um brinde.

Desse modo, pode-se ver como a questão do gado é fortemente ligada no que constitui diretamente a riqueza e poder do Coronel Coutinho, mas vale ressaltar, também, como assegurar esses espaços e mantê-los inacessíveis para outros usos é igualmente importante, dado que os casos de violência e até morte são resolutas do que o patriarca levou como invasão de suas terras. Para contornar essas supostas invasões, geralmente apresenta capangas armados que fazem serviços de proteção e penalizam aqueles que se aventuram no mundo privado de Coutinho pai, tanto que mandou prender três homens que nadavam em “seus rios”.<sup>161</sup>

---

157 Metodologia do segundo nível de análise da História Ambiental direcionado pelo autor WORSTER, 1991, p. 202

158 JURANDIR, 1992, p. 12

159 FOSTER, Bellamy, John. Marxismo e Ecologia: fontes comuns de uma Grande Transição. São Paulo: **Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais**. v. 19, n. 35 (2015).

160 Termo utilizado por Foster (2015) para definir o seguimento do marxismo ecológico.

161 JURANDIR, 1992, p. 6

Esta enorme restrição vivida pelos pequenos proprietários e pescadores transmite a noção de privação do meio ambiente, prática que é muito recorrente na demarcação de terra, com a perspectiva comercial dos recursos naturais, propondo assim maior conforto para a elite agrária. O quadro se assemelha, de certo modo, ao que viveram os rebeldes da floresta de Windsor quando se depararam com a Lei negra de 1723, que constituiu 50 formas de delitos provenientes dos sujeitos que buscavam recolher recursos existentes do meio ambiente que eram necessários para sua sobrevivência:

O principal conjunto de infrações era a caça, ferimento ou roubo de gamos ou veados, e a caça ou pesca clandestina de coelhos, lebres e peixes. Eram passíveis de morte se os infratores estivessem armados e disfarçados, e, no caso dos cervos, se os delitos fossem cometidos em qualquer floresta real, estivessem os delinquentes armados e disfarçados ou não.<sup>162</sup>

Percebemos, então, que estes sentidos atribuídos aos usos da natureza acabam se conflitando e divergindo quando deparados em diferentes interesses, isto é, na dialética dos processos naturais que informa o autor John Bellamy Foster (2015).<sup>163</sup> A floresta não é só um lugar desprovido de organização ou apenas uma área selvagem, e sim possuidora de uma complexidade econômica devidamente própria, pois fornece recursos que são capazes da multiplicação dos povoados, ou seja, a regulamentação da lei negra vai muito além da preocupação com os negros que eram vistos como desordeiros, é vista como uma necessidade de manter as regalias e costumes dos monarcas, além, claro, dos interesses econômicos.<sup>164</sup>

A designação dessas pessoas que apresentam um risco para Coronel Coutinho é de cunho criminalizante, do mesmo modo que os negros de Waltham acabam sendo vistos como ameaça em potencial. E é por tanto reafirmar sua necessidade de defesa das terras e rios para os seus capangas que os campos do Marajó, em relação aos menos favorecidos socialmente, acabam se tornando um campo minado, onde, a qualquer momento, você pode estar pisando em um espaço perigoso.

No que cabe aos injustiçados, oprimidos e menos favorecidos, a grande representação vem por parte de personagens como Guíta, Ormindá e Alaíde, análise

---

162 THOMPSON, E.P. **Senhores e Caçadores**. Trad. Denise Bottmann, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

163 FOSTER, John Bellamy, 2015, p. 87.

164 THOMPSON, E. P. op. cit., p. 33-34

já expressada por alguns estudos<sup>165</sup>, porém, essas moças não são apenas as formas de Dalcídio abordar as lutas sociais que estão imensamente presentes em seus romances, mas, também, expressam maneiras de como os mais pobres que tendem a ter práticas de agricultura de subsistência e extrativismo passam a se relacionar com a natureza.

Formas de resistência em Marajó (1992) estão acopladas no conflito agrário, demonstrando possíveis desdobramentos das vontades senhoriais impostas por Coronel Coutinho que é quase uma figura onipresente quanto ao domínio dos campos e rios. Alaíde, uma de suas supostas afilhadas, é uma mulher forte, trabalhadora, dedicada aos interesses do povo que compartilha de sua vivência. Constantemente podemos ver sua relação íntima com a natureza em trechos como:

Alaíde descarnava os peixes. Brillavam escamas até pelo cabelo, de vez em quando ela passava o braço na boca, suas mãos hábeis trabalhavam, distraídas, tratando o peixe com aquele amoroso vagar com que fazia as panelas e pratos de barro de sua barraca.<sup>166</sup>

A maneira como as escamas entrelaçam e brilham em seu cabelo representa uma proximidade não incômoda com essas atividades que, pelos Coutinhos, são vistas como penosas, sujas, não dignas do homem branco de sua posição. Mesmo não letrada, demonstra saberes que são extremamente úteis a composição daquela realidade que não é de nenhum modo fácil, o fato de pescar, andar pela mata, coletar lenha, preparar o peixe, traz o encargo da quebra do socialmente construído na hegemonia colonial onde a mulher encontrava-se apenas em uma posição de fragilidade, proposta as vontades dos patriarcas. Suas habilidades são, inclusive, atribuídas por Dalcídio como um dom, sendo este capaz de causar inveja aos outros:

Alaíde caminhava pelo mato, silenciosa. Seus pés farejavam, olhavam, ouviam, apalpavam os caminhos entrançados na selva como os fios do mistério e da solidão. Pés com a memória das raízes e dos bichos, vagando de noite por baixo e por cima da terra. Muito caçador invejaria aqueles pés bem nascidos, ágeis e videntes, duros e belos pelo tamanho, pela resistência, deixando leve rastro, quase nenhum vestígio, pelos imbaubais e andirobais. As feras sentiam naquele rastro qualquer coisa que lhes era familiar e intrépido.<sup>167</sup>

---

<sup>165</sup> Sobre o papel da mulher em romances dalcidianos, consultar trabalhos de autoras como Marli Tereza Furtado e Alinnie Oliveira Andrade Santos.

<sup>166</sup> JURANDIR, 1992, p. 87.

<sup>167</sup> Ibid., p. 350.

O desejo e obsessão que Missunga tem pela cabocla o faz querer vê-la mais distante dos aparatos braçais que Alaíde não se importa, em momento algum de exercer, é uma indicação de que o protagonista procura torná-la mais aceitável para o grupo social do qual pertence. No entanto, o protagonista também apresenta um certo fetichismo por essa forma de ser da moça, pois traz consigo aquele sentido do campo mítico, imaginado e estereotipado dos povos indígenas como selvagens, excêntricos. Comenta que levaria Alaíde até a América do Norte onde ela seria apresentada nua, nadando com peixes no aquário e com uma pena na cabeça.<sup>168</sup>

Não somente Alaíde, Guíta também era associada por Missunga aos momentos de intimidade com a natureza. Uma moça extremamente doce e cheia de empatia pelo jovem fazendeiro que sempre se meteu em encrenca. Falava de elementos encantados, cuidava das brincadeiras sapecas quando crianças, foi uma das maiores companheiras de infância do protagonista. Por motivos como esse o rapagão acaba considerando um possível romance com Guíta. Essa personagem, escreve Jurandir (1992), se apresenta na infância do rapaz entre saúvas e goiabeiras, brincava com os peixes e sua presença tinha o gosto da goiaba bichada, ou seja, era mais doce.<sup>169</sup>

A personagem traz um aspecto semelhante ao de Alaíde em relação ao contato com uma natureza constante ao seu redor “O periquito brincava no seu colo. Passava gente de Mangabeira carregando leite e mangaba nos jamaxis.”<sup>170</sup> Suas atividades juntamente a de sua família acabam criando a necessidade de que ambos adentrem constantemente na mata.

Filha de mestre Amâncio que presta serviços ao Coronel, a personagem se encontra presa em uma contínua rotina de trabalhos para os homens de sua família – tem dois irmãos que trabalham junto ao pai na mata –, a garota que antes era dona de vários sonhos, alegre e gentil, se vê no árduo cotidiano dos trabalhos braçais que sustentam sua família. Amâncio veio do nordeste na promessa de encontrar trabalho como seringueiro, mas acabou se deparando com a tarefa de extrativismo da madeira para a família Coutinho, sendo levado a desconsiderar a necessidade para suprir o lucro que era imposto pela prática, tanto que Dalcídio

---

168 JURANDIR, 1992, p. 88

169 Ibid., p. 86

170 Ibid., p. 150

Jurandir (1992) expõe a intensidade dessa extração ao falar “Fosse contar as árvores que abateu podia dizer que abatera uma floresta”.<sup>171</sup>

A passagem remete à forma intensa da qual a família de Guíta trabalha diariamente na extração de madeira em Cachoeira do Arari ao comparar a quantidade de árvores que estes derrubaram com o tamanho de uma floresta inteira, tudo isso para abastecer o arsenal dos Coutinhos, seja na construção de barracões ou canoas. Como já mencionado anteriormente, a possibilidade das atividades nos campos do Marajó que são demarcados por grandes propriedades de fazendeiros, são sempre em volta das necessidades deles, o que acaba trazendo, de toda maneira, poucas possibilidades de ascensão e muita fadiga aos trabalhadores do campo. Amâncio não demonstra mais ter esperanças de se livrar daquela realidade, porém, os filhos acabam trazendo em alguns momentos um desejo de sair dessa sofrida vida que os empurra cada vez mais para o esgotamento físico e mental:

Aqueles paus lhes pesavam na costa, entravam por dentro de seu destino e aí ficavam apodrecendo. Amolavam o machado como se amolassem aquele desejo de fuga. O seu desejo ficava tão agudo, tão amolado, tão cortante como os machados. As árvores tombavam aos golpes do machado. Só os obstáculos da sonhada viagem para Belém, para Manaus, não tombavam aos golpes do seu desejo.<sup>172</sup>

Guíta costuma levar as refeições e cuidar dos afazeres domésticos enquanto o pai e irmãos trabalham no abate das árvores. O desfecho final da personagem traz um grande peso nesse quesito, pois a personagem morre com o último golpe de machado do pai que derruba a árvore em cima da moça, demonstrando como seu destino ali não havia saída.

Orminda, filha de Sá Felismina – ama de leite do protagonista Missunga – vem de uma família que passou por diversos perrengues durante a vida, pois a mãe perdeu filhos para o crime e para a guerra. A família da moça possui semelhanças na forma de viverem em torno das necessidades dos fazendeiros, pois Sá Felismina, além de amamentar os filhos dos brancos, faz ótimas redes com os bons materiais que são enviados para ela, porém, ainda assim, a rede em dorme é feita com fios da sacola de arroz. Em sua infância, a personagem Orminda traz uma vivência nada saudável, uma dor em torno da pobreza que a acompanha.<sup>173</sup>

---

171 JURANDIR, 1992, p. 74.

172 Ibid., p. 132.

173 JURANDIR, 1992, p. 259.

Com a sua beleza e personalidade forte, desperta interesse de vários sujeitos em Ponta de Pedras, características que a fazem ser alvo de especulações em torno do seu contato, também, com o meio ambiente. Uma personagem que esteve ao longo da vida sempre nadando em rios, criação parecida com a de Alaíde.<sup>174</sup>

Ponderando este panorama, a dinâmica da realidade exercida pelas três personagens e suas famílias demonstra o quão influente é a presença do capitalismo agrário<sup>175</sup> existente em zonas rurais como Ponta de Pedras e Cachoeira, e o quão forte o poder de modificação em suas relações com a natureza. Os modos de produção – criação de gado, privatização da terra, entre outros – impostos pelos grupos hegemônicos introduziram não apenas uma reorganização social, mas sim uma reorganização do mundo natural, que é o pilar produtivo da sociedade.<sup>176</sup>

Este fato desencadeou uma série de degradações ambientais e sociais<sup>177</sup> nos campos do Marajó devido a visão mercantilizada dos fazendeiros perante a terra, que acabavam por obrigar a população das florestas e beiras de rios a se adequarem às novas demandas. A necessidade passou a ser superada pela ambição e enriquecimento dos fazendeiros que se tornaram grandes fontes de recursos para empresas externas a ilha:

Enquanto os mercados se desenvolviam e os transportes melhoravam, os agricultores concentravam cada vez mais suas energias na produção de um número cada vez menor de produtos agrícolas para venda rentável. Eles se tornaram, em suma, especialistas em produção, até ao ponto de virtualmente nada produzirem para seu próprio consumo pessoal e direto.<sup>178</sup>

Francisco, filho de Sá Felismina e irmão de Ormindia expressa um pouco da indignação dos menos favorecidos a esse sistema de sujeição a vontade senhorial dos figurões dos campos, pois já não aguentava mais o seu trabalho árduo ao longo dos dias apenas com o objetivo de enriquecer uma classe que tanto dificultou a vida de sua família. Reclamava das possibilidades que eram oferecidas em na vila de Paricatuba, que só restava apanhar açaí e ser eleitor do Coronel Coutinho.<sup>179</sup>

A coleta de açaí é uma das atividades mais comuns na região de Ponta de Pedras e não possui uma característica intensa de depredação se comparada às

174 JURANDIR, 1992, p. 81.

175 Para mais informações, consultar FOSTER, John Bellamy (2015).

176 WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história.

**Ambient. soc. [online]**. 2003, vol.5, n.2, pp.23-44.

177 Rios sem peixes, queimadas, doenças, fome, entre outros.

178 WORSTER, 2003, p. 35.

179 JURANDIR, 1992, p. 49.

transformações causadas pela monocultura de empresas e fazendeiros que se alocam nos interiores dos municípios do Marajó, pois a sua prática é de acordo com a sazonalidade, ou seja, com as estações que proporcionam maiores e menores quantidades.<sup>180</sup> Já o extrativismo da madeira, como exemplo da família de Guíta, é diferente no quesito de desgaste ambiental, como esteve apontado anteriormente, a necessidade da coleta da madeira é o trabalho que vem por meio das necessidades de Coronel Coutinho, assim como menciona na realidade do Marajó a autora Marília Carvalho Brasil (1993):

As formas de exploração dos recursos naturais não dependem exclusivamente da vontade do morador, do ribeirinho: é o que ocorre tanto na extração de madeira como nas atividades derivadas do açazeiro. Com relação à madeira, não é o morador quem determina que espécies serão comercializadas, esta decisão fica a cargo das empresas aviadoras, que de acordo com o ramo de atividades desenvolvida por elas (construção civil, compensados, fósforos, exportações, etc.), vão determinar que espécies deverão ser extraídas, pois apenas estas serão compradas.<sup>181</sup>

Sendo assim, pode-se notar que o sentido comercial da natureza e as características da agricultura de subsistência acabam se esbarrando com a proporção mais avantajada para os grupos que compõem a elite local em Ponta de Pedras e Cachoeira, sendo estes representados pela família Coutinho. Homens e mulheres que estão cada vez mais deslocados de uma realidade onde podem usufruir do seu trabalho e dos recursos fornecidos pela natureza que está tão próxima, ao mesmo tempo que se torna distante devido às restrições veementemente empurradas, encontram-se nas ruínas e memórias de um tempo que mais parece um sonho neblinado para os mais pobres da região, perdendo-se a cada gota de suor, a cada febre diária.

### 3.2 Bichos e Lendas no romance do arquipélago

No decorrer das transformações e ressignificações em que a historiografia vem se inserindo, percebemos algumas novas metodologias que estão sendo propostas para conhecermos as mais diferentes realidades sociais de quem foi deixado de fora das narrativas dos grandes eventos, e é com este sentido que serão

---

180 BRASIL, Marília Carvalho. **Marajó:** em busca da sobrevivência. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG. 1993.

181 BRASIL, 1993, p. 347.

analisados, nesta subseção, o devido papel de lendas e animais que aparecem no romance de Dalcídio Jurandir.

Assim como as árvores e rios, estes também possuem história, e constantemente os seres humanos, durante sua existência, tem dependido desses.<sup>182</sup> Na escrita de Marajó (1992), os animais marcam presença e não deixam de demonstrar sua devida importância nos valores culturais, sociais e econômicos dos povos marajoaras, mesmo se tratando dos mais pobres aos mais ricos, assim como lendas que são comuns na Amazônia paraense que trazem certos vínculos com o ambiente natural que cerca a vivência da população, o que pode ajudar na análise do terceiro nível da história ambiental que é proposto pelo autor Worster (1991) onde percebemos os tipos de interação unicamente humana:

Aquele tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significações se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza<sup>183</sup>

Neste rumo, as interações entre seres humanos e animais não humanos resultam, também, no surgimento de certas crenças que acabam influenciando diretamente no cotidiano de pescadores, vaqueiros, fazendeiros, homens, mulheres e crianças, ou seja, dos moradores de Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari.

Vale ressaltar, inicialmente, por mais que haja uma proximidade de ambos os lados – oprimidos e opressores – com os animais, ainda há um certo diferencial nos modos em que estes interagem com eles, sendo relações distintas a partir das suas finalidades: alimentação, domesticação ou comércio. Já apontado anteriormente, os Coutinhos possuem um interesse econômico na área da pecuária, onde há uma enorme quantidade de gado.

Sobre a tendência de criação de gado Alfred Crosby (2011)<sup>184</sup> salienta uma série de fatores que foram desencadeados pela expansão da colonização europeia nas Américas, sendo uma delas, o transporte de animais já comuns em práticas pastoris em seus continentes, o que facilitou sua adaptação nos processos de alocação no Novo Mundo – inclusive menciona o fato dessa facilidade ter superado

---

182WORSTER, 1991, passim.

183Ibid., p. 202.

184CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico**: a expansão biológica da Europa 900-1900. Tradução: José Augusto Ribeiro, Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

a do próprio colono.<sup>185</sup> Estes antecedentes coloniais acabaram criando uma certa herança para o campesinato que pode ser vista até hoje, que é esta prática da criação de animais como o boi ou búfalo – no caso de alguns municípios do Marajó<sup>186</sup>. Entretanto, com o surgimento da nova demanda capitalista e aumento do contingente populacional, perdeu-se em grande parte a característica apenas de alimentação familiar para o fator do enriquecimento.<sup>187</sup>

O estabelecimento desses animais nas Américas também não foi simples, mesmo assim, certas compatibilidades acabaram por facilitar. Um dos critérios para o sucesso da criação de gado em regiões tropicais, como a da floresta amazônica, está vinculado a resistência do boi em se adequar ao clima, possuindo capacidade de lidar bem com a luz do sol, em segundo caso, se comparado ao porco, que conseguia digerir e se nutrir com alimentos que não são tão essenciais para o ser humano – relva, folhas e brotos –, além de todos os benefícios autossuficientes do animal, há o fato deste servir como um animal de tração, contribuindo para as atividades humanas.<sup>188</sup>

Fora o bovino, outro animal que também tem sua devida importância nos campos do Marajó é o cavalo, principalmente para vaqueiros e fazendeiros que galopam em busca de novas terras em seus alazões. O cavalo passa a ser inserido e se propaga rapidamente, até mesmo nas regiões quentes do Brasil, tanto que no final do século XVI já se podia ver uma grande quantidade na região, em comparação com o boi ou os porcos que dificultaram um pouco por terem retomado a sua hostilidade instintiva ao se espalharem mais pelas florestas, o cavalo demonstrava seu benefício na rapidez.<sup>189</sup> Tanto que Crosby (2011) enfatiza que os animais do velho mundo se saíram bem melhores nas neoeuropas do que em seus antigos “lares”.<sup>190</sup>

No que concerne a interação entre humanos e animais não humanos, também é válido reforçar o olhar de Keith Thomas (2010)<sup>191</sup> que não descarta os elementos emocionais e afetivos ao indagar as motivações que vão trilhando essas

---

185Ibid., 181.

186Em Soure, por exemplo, percebemos que esse animal faz parte tanto do consumo de carne quanto das atividades turísticas e mobilização da polícia local.

187FREITAS, Décio. O Capitalismo Pastoril. Porto Alegre: **Ensaio FEE**, 1993.

188CROSBY, op, cit. 186.

189CROSBY, 2011, p. 192.

190Ibid., p. 197.

191THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais (1500-1800). Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

mudanças em relação ao contato entre os dois seres que, numa perspectiva teológica esboçada pelo autor, estavam em posições díspares, e claro, os humanos, pela determinação divina, em condição de usufruir da forma mais cabível do mundo não humano.

Mesmo com premissas definidas pela forte voz do cristianismo no ocidente, para exemplificar, os ingleses nos primórdios da modernidade não levavam tão a sério o fato de estarem ocasionalmente separados do mundo natural, estes possuíam criações de bois, ovelhas, patos e aves que estavam veementemente inseridos no seu dia a dia.<sup>192</sup> No entanto, Thomas (2010) vai mais além quando retrata de forma minuciosa os laços que camponeses e populações urbanas passaram a desenvolver com várias espécies, apresentando o lado mais emotivo e outras significações imbricadas nessa aproximação.

É por meio de Keith Thomas (2010) que podemos identificar e analisar as formas das quais pobres e ricos estão constantemente atribuindo específicos valores para diferentes animais não humanos no segundo romance de Dalcídio Jurandir, sejam eles sociais, comerciais ou afetivos. Concomitantemente com isto, percebemos mais a frente as crenças e comparações de representatividade que a narrativa expõe com os animais.

Logo de início, observa-se Missunga em um de seus passatempos favoritos que é a caça. No entanto, uma questão interessante é perceber a presença de seu companheiro Famaleal, um cão que o ajuda em suas aventuras como caçador na vila de Paricatuba:

A terra parecia subir pelos homens, bichos e árvores com o calor.  
Solidão.  
Famaleal farejava entre as folhas moídas. Missunga voltou.  
O casarão do Paricatuba, com o seu escuro telhado entre coqueiros e bacabeiras, lhe dava uma impressão de fadiga e de quase ressentimento.  
— Bem que podia comer carne de cotia hoje. Não sei como tirar esta caninga.  
Benedito já vinha ao seu encontro e Famaleal caçava borboletas.<sup>193</sup>

Neste sentido, o cão traz consigo um significado muito além de companheirismo, pois se trata de uma representação que mais a frente torna-se explícita no romance, que é a do caráter das atividades reais de um príncipe:

---

<sup>192</sup>Ibid., 130.

<sup>193</sup>JURANDIR, 1992, p. 9.

Missunga, com efeito, encaiporava os matos. Tinha medo das aturiás onde moravam as sucurijus, dizia ele, e ao mesmo tempo que desejos de ir até lá! Atiçava os cães atrás de caça que ninguém via. Para caçar, a bicharada toda se escondia e mandava os pássaros bem-te-vi e cancan ficarem de aviso nos caminhos. O Príncipe não havia de comer um tatu com a bala de sua espingarda. (Benedito ouvira Coronel dizer: — Lá vai o Príncipe para as suas caçadas reais, ele pensa que é no tempo das Cortes de França...) Os bichos perdiam o tempo brincando com o Príncipe aparando as balas com as folhas das árvores. Caçadores da redondeza não se podiam conter, desolados, ouvindo tanta munição se perder. Lhe traziam, no aturá, veado gordo, cotia, paca.<sup>194</sup>

Essa é uma das formas que Dalcídio personifica a posição em que se encontram os Coutinhos, como reis nos campos do Marajó. Keith Thomas (2010) elucida a maneira pela qual os cães foram relevantes na cultura europeia, principalmente no quesito da caça a qual eram submetidos, já que passaram a ser companheiros de reis e príncipes na Inglaterra do século XVII, sendo mais bem tratados do que os próprios servos – em alguns casos eram os primeiros a comer no retorno da caça, recebiam parte de heranças e apareciam nas pinturas ao lado de seus donos.<sup>195</sup> Entretanto, é importante destacar um dos pontos que podem mais encaixar-se no contexto do romance que é o fato dos cães de caça serem um símbolo aristocrático, principalmente os de raça comum dos fidalgos rurais e os esportistas aristocráticos onde, por meio de mascotes e outros valores, passavam a distinguir-se de classes mais pobres que ao lado só tinham os “cães uivadores”, “vadios de beco”.<sup>196</sup>

Mesmo atribuindo o sentido da realeza para os Coutinhos, neste trecho sendo Missunga o nome da vez, Jurandir (1992) não deixa de representar, também, a falta de habilidade e a forma desajeitada do protagonista em operar com estes costumes de caça na mata de Paricatuba, e a natureza torna-se um agente ativo quando vemos o deboche feito quanto a falta de mira do rapagão, tanto que os próprios bichos brincavam usando as folhas como escudo e aparando as balas. A ineficiência de caça do Missunga é tanta que o narrador destaca que ele não “havia de comer um tatu com a bala de sua espingarda”, e para compensar sua falta de sucesso, outros caçadores acabavam se indignando com a quantidade de munição desperdiçava ao ponto de levarem o resultado de caças para o príncipe, que ainda se enfurecia “— Vocês são uns curados, seus diabos!”<sup>197</sup> E para firmar mais ainda o

---

194Ibid., 1992, p. 32.

195THOMAS, 2010, p. 145.

196THOMAS, 2010, p. 150.

197JURANDIR, 1992, p. 32.

insucesso do Coutinho filho, este expressa seu incontentamento culpando os próprios cães pelo azar de não conseguir acertar um tiro sequer:

"Aposto que esses cachorros têm culpa. São empanemados. Mulher prenha comeu embiara deles, aposto.

Foi quando os cachorros grevaram. Deixaram o Príncipe sozinho com as suas caçadas nos bosques reais. "Ele nos desonra e nos culpa! Sua caça é aquela, aquela..." — Benedito, às risadas, divertia os companheiros, ousou mesmo contar sua história a Alaíde, com quem tinha liberdades e acabou foi ela bem achando graça.<sup>198</sup>

Um detalhe crucial do trecho acima é perceber como Dalcídio Jurandir (1992) acaba direcionando ações humanas aos animais que não deixam de relatar suas revoltas através de uma greve e do desabafo sobre a desonra que o príncipe dos campos comete ao culpá-los pelo seu fracasso. A diversão exposta através de Benedito – faz tudo do Coronel – e Alaíde transmite um certo ar de visão boba, quase vergonha do garoto que é filho de fazendeiro, cresceu pelos campos mas não consegue ter a sagacidade que os caboclos do Marajó desenvolvem ao adentrar no mato caçando, pescando e se locomovendo. É por questões como essa que os vaqueiros e pessoas que estão constantemente envolvidas com a vida nas matas e rios não são vistas como civilizadas, é o caso do faz tudo dos Coutinhos “– Benedito é um índio no remo –”.<sup>199</sup>

Em contrapartida, no que envolve a utilização de cavalos e bois nas atividades humanas, Gilberto Freyre (2004)<sup>200</sup> exhibe um arcabouço desses animais na região do Nordeste do século XIX, onde encontramos diferenças em seus tratamentos, suas finalidades no campo e, sobretudo, nas denominações em que se enquadram as classes sociais. Permitindo, então, estruturar uma análise sobre este protagonismo dos animais que são demasiadamente importantes – se tornando ainda mais elucidado nas narrativas de Marajó (1992).

Os seres humanos causam transformações na natureza, e com o implantar dos processos econômicos da cana-de-açúcar, houve uma separação entre pessoas que trabalhavam diretamente no campo e as que gerenciavam estes trabalhos, mas não somente isso, os animais também sofreram uma distinção semelhante, sendo os cavalos as figuras mais recorrentes para os fazendeiros que se submetiam aos

---

<sup>198</sup>Ibid., p. 33.

<sup>199</sup>JURANDIR, 1992, p. 12.

<sup>200</sup>FREYRE, Gilberto, **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. São Paulo: Global, 2004.

moldes cavalheirescos, desbravando os campos com a cabeça empinada e complementando os costumes senhoriais, enquanto os bois destinavam-se apenas ao trabalho árduo do campo, as práticas desprezadas pelos estimados proprietários.<sup>201</sup> Ou seja, para o cotidiano dos campos no Marajó oriental que produziam a cana-de-açúcar, os dois animais não humanos continham significações e simbologias intrínsecas as personalidades das populações rurais, dando mais privilégios para o cavalo que tinha uma melhor alimentação e maiores cuidados quanto a sua higiene.<sup>202</sup>

Os municípios de Soure, Cachoeira do Arari e Ponta de Pedras – Marajó –, apresentam extensas atividades pecuaristas, possuindo a enorme presença do animal pertencente à família dos bubalinos. Os búfalos são uma das principais fontes de renda desses municípios, contribuindo para a produção do leite e da carne<sup>203</sup>, na facilitação do transporte e o turismo, contribuindo para uma excitação econômica da região. Especula-se que a chegada desse animal na Amazônia se deu por meio de foragidos de embarcações da Guiana Francesa em torno de 1890, e futuramente, em 1906 havendo grandes importações para os campos do Marajó, como a mais conhecida delas para a fazenda do advogado e folclorista Vicente Chermont de Miranda.<sup>204</sup> Os municípios citados se destacam na criação de búfalos no Brasil, possuindo conjuntamente 38,12% da produção nacional dos bubalinos em 2013.

Partindo neste seguimento, os usos dos respectivos animais podem configurar as questões de classe. Figuras de cavalos e búfalos no segundo romance de Dalcídio contornam as alusões feitas por Freyre (2004), onde o cavalo é o principal meio de locomoção dos fazendeiros e vaqueiros, mas as formas que o narrador se dirige a estes animais é diferente quando, por exemplo, percebemos o lado do Coronel Coutinho, que traz consigo a soberania de sua posição como fazendeiro:

Coronel atravessando currais e porteiras, boiadas, cavalarias, feitorias de pesca, mondongos, lagunas, procissões nas vilas, condução de foliões,

---

201FREYRE, 2004, p. 97 et seq.

202Ibid., 104.

203CARVALHO, L. O. D. de M.; NASCIMENTO, C. N. B. do; LOURENÇO JÚNIOR, J. de B. **Sistema de produção de bubalinos para leite e carne**. Belém: EMPRABA-CPATU, 1981.

204SANTIAGO, Alberto Alves. Introdução dos Búfalos no Brasil. [S.l.]: ABCB, 2016

onde erguia a cabeça de seu alazão era para laçar nos ranchos e na beira do rio, entre as lavadeiras, a assustada moça donzela.<sup>205</sup>

Percebe-se que o termo “alazão” é usado para transpor a elegância do cavalo de um fazendeiro rico, logo depois, o narrador acaba reforçando a questão do caráter conquistador daquele que está montado no animal, o Coronel Coutinho, em suas práticas de se aventurar atravessando os campos, laçando os búfalos e tomando novas terras. A forma de prepotência tanto do pai de Missunga, quanto do seu cavalo, pode ser detectada no “onde erguia a cabeça” do trecho, que remete a postura de superioridade.

Outra mesma situação que se enquadra nas representações do cavalo das casas senhoriais é quando o protagonista se aventura pela mata e pelos campos do Marajó atrás da caça, acompanhando o laçar do gado com os vaqueiros que demonstram um abismo de diferença nas habilidades em relação ao jovem aspirante a fazendeiro. É o único momento no romance em que o termo “alazão” se porta em um cavalo que não seja o que está carregando o Coronel.<sup>206</sup>

Se tratando dos búfalos, o livro do autor de Ponta de Pedras descortina seus usos e interações com os humanos, e novamente, assim como evidencia Gilberto Freyre (2004) sobre os bois e os trabalhadores do campo<sup>207</sup>, os bubalinos acabam por ter maiores contatos com os vaqueiros que trabalham para os Coutinhos, sendo que os últimos tornam-se apenas responsáveis pelas relações comerciais e pelo lucro devido à venda dessas cabeças de gado. Ou seja, os vaqueiros são vistos como intermediadores da relação entre búfalos e fazendeiros:

Agora a galope ao lado dos caçadores de búfalos. São homens que aparecem no Arari, nada sabem do mundo, o seu lugar é o mondongo, onde o gado bravo se espalha e urra espantando e ao mesmo tempo excitando as onças e as cobras soltas nos atuarias. Mundo dos búfalos que se tornaram selvagens como os jacarés, as sucurijus, os negros patos reluzentes sobre os lagos.<sup>208</sup>

As informações que são expostas por este trecho são importantes ao fragmentarmos alguns aspectos que perpassam a vivência dos vaqueiros e, ao mesmo tempo, um olhar senhorial que agrega estes a situações próximas dos búfalos de Cachoeira. “Nada sabem do mundo” é uma forma de manifestar a

205JURANDIR, 1992, p. 68.

206Ibid., 1992, p. 205.

207FREYRE, 2004, p. 104

208JURANDIR, 1992, p. 207.

contradição desta ideologia senhorial, pois como a maioria dos vaqueiros são mestiços, descendentes de pessoas escravizadas e analfabetos, os Coutinhos e as figuras de autoridade da região os olham com desprezo, como uma subcategoria, porém, é o conhecimento dos trabalhadores do campo que sustenta a riqueza dos sujeitos de cima. Os vaqueiros são empurrados para a característica selvagem que é delimitada quando destacam que o lugar deles é nos mondongos<sup>209</sup>, ambiente onde os búfalos brabos se misturam entre o restante dos animais vistos como hostis e selvagens.

No contato entre os trabalhadores das fazendas, bois e vacas é que surgia este repúdio dos senhores que estavam em posição mais privilegiada na região do arquipélago, pois, havia uma ideia de que atividades como essa eram indignas, já que em muitos momentos estes homens se sujeitam às necessidades dos animais não humanos. O sucesso e a segurança na criação dos búfalos estavam totalmente a cargo dos vaqueiros, que, inclusive, se arriscaram constantemente para salvá-los em períodos de cheias, tanto que o protagonista até mesmo se assusta com os perigos enfrentados no cotidiano do trabalho no campo:

Rios e lagos engrossavam a voz na trovoada, no ronco dos jacarés que desciam das cabeceiras. De madrugada, os vaqueiros saíam a galope para salvar os bezerros atolados. Dezenas de reses morriam na inundação. Os búfalos soprando n'água, imóveis e negros, assustavam os jacarés. Sucuriju ia apanhar os patos e rondar as crianças nos jiraus das fazendas.<sup>210</sup>

Fica exposto, neste momento, mais do que o perigo para os bezerros e búfalos que ficavam presos no meio da f ria dos rios e lagos, sucurijus<sup>211</sup> se movem arredores das fazendas e jiraus<sup>212</sup>, o que deixa o fator de insegurança para as crianças e, também, adultos desatentos no meio da noite e em águas escuras. O trecho deixa mais evidente qual a realidade dos cavalos e búfalos, pobres e ricos da região estão propostos: o cavalo em seu estábulo bem alimentado e recebendo cuidados mais dignos do que os trabalhadores dos senhores de fazenda, o búfalo no meio da mata na condi o de convivência com os animais selvagens, e os vaqueiros com a responsabilidade de se mobilizarem para garantir a sobrevivência dos

209  reas em que há uma espécie de alagamento em períodos de cheia, o que ocorre comumente em Cachoeira do Arari. Foi uma das inspira es que levou Dalcídio Jurandir a escrever seu primeiro romance intitulado de Chove nos Campos de Cachoeira lançado em 1941.

210 JURANDIR, 1992, p. 260.

211 Espécie de serpente conhecida popularmente na região, também, como Sucuri.

212 São arma es de madeiras que ficam para fora da janela, sendo utilizados para lavar e secar louças de casas no Marajó.

bubalinos, enquanto os fazendeiros ficam apenas observando, seguros em suas casas.

Íntimas ligações entre humanos e não humanos é uma característica da vida no arquipélago do Marajó ao longo do tempo, destacam-se em passagens que disseminam um inseparável cotidiano das pessoas com a natureza na região dos campos. No decurso de brincadeiras, perigos e alimentação, são apresentados alguns laços de afetividade que podem ser comparados com o que coloca o autor Keith Thomas (2010) ao mencionar nomes humanos em animais e a tentativa de conversa das pessoas com os seus animais.<sup>213</sup> Para retratar como isto acontece no romance, logo no início podemos perceber o quão próxima a natureza está dos personagens:

As antigas folhinhas que seu pai deixava marcando um tempo morto nas paredes, entre as aranhas e as osgas tão tranquilas e íntimas, como pessoas da família; ver as mangueiras, como se tivessem amadurecido os frutos subitamente; o cachorro dormindo nos velhos alguidares cheios de raízes e ervas, feito animal fabuloso e os negros braços, ao sol, de Rosália, a cozinheira, partindo lenha com o seu indolente vagar.<sup>214</sup>

Destaco, nessa passagem, o fato de as “osgas tão tranquilas e íntimas, como pessoas da família”, em poucas palavras o autor define o que torna a natureza no romance tão presente, de uma maneira tão original e sensível no enredo de Marajó (1992), demonstrando a relação entre seres humanos e pequenos animais. O romance apresenta a dinâmica que, para quem mora em regiões como a do Marajó Oriental, é comum com espécies pouco consideradas pela maioria da sociedade e que se fazem presentes em cômodos de casas a exemplo da osga, e muitas vezes costumam ser desprezadas. No que cerca as informações sobre as tão íntimas ligações com os animais, trago Dona Rosália que, logo nas primeiras páginas, já aborda com tal delicadeza o cotidiano íntimo dos povos do Marajó com os animais que estão rodeando a todo momento suas residências:

De olhos fechados, muito bom ouvir sá Rosália bater carne cantando, apelar as galinhas, conversar com os carneiros tão sujos, ensinar nome feio ao periquito, ralhar, batendo o pé, com o vento que, mexendo nas mangueiras, vinha tirar a roupa das cordas.<sup>215</sup>

---

213 THOMAS, 2010, p. 134.

214 JURANDIR, 1992, p. 10.

215 Ibid., p. 10.

O fato de dar apelido as galinhas, dialogar com os carneiros e ensinar palavras de cunho ofensivo para o periquito, traz um certo ar de características humanas aos animais, em certo sentido, representa também uma posição dos seres humanos que apresentam-se quase, aparentemente, como adultos e os bichos, como crianças que estão aprendendo. É a ratificação de Keith Thomas (2010) quando explica que esta é uma forma de não posicionar em pé de igualdade esses animais as pessoas<sup>216</sup>, por isso é comum percebermos pessoas que, ao falarem com os seus mascotes, geralmente se dirigem como se estes fossem crianças ou bebês de colo.

Em outra passagem, há este mesmo modo de tratar e nomear, agora, as vacas, entretanto, com nomes “semi-humanos”<sup>217</sup> ou geralmente elementos ligados à natureza local ou aspectos que são relacionados aos seus sentimentos, Missunga então lembra de sua infância quando passava a se empolgar em ver as vacas que, Dalcídio Jurandir esboça, quase uma situação de encontro entre amigos.

Era boi de canga no inverno, puxava os “jacarés”, cascos e montarias carregados de frechais, farinha, carne e couro de búfalos rebocados pelos bois que rompiam o aguaçal. Boi Querubim aparecia também nos fins de tarde na fazenda carregado de marrecas. Via as vacas a que dera nome: Saudade, Estrela da Meia Noite, Borboleta, Ananaí. Ritinha gritava: — Olhe, papai, a Ananaí. A Saudade. Me monte no Querubim, ande.<sup>218</sup>

Cabe, neste momento, evidenciar as funções que a natureza vem exercendo nas crenças que são constantemente vividas e respeitadas no dia a dia dos personagens. Lendas, utensílios de proteção, mau agouro, dentre uma diversidade de significados incorporados aos seus universos mentais desencadeados, portanto, pela representatividade de animais estão de forma imbricada às tomadas de decisão, em medos, conquistas amorosas e fracasso nos negócios.

O romance do arquipélago, tal como procede, evoca uma série de ocasionalidades derivadas dessas percepções para compor desfechos ou caracterizar personagens íntimos e mais ligados a este mundo amazônico cheio de mistérios. Existem diferentes contrastes que remetem ao período colonial<sup>219</sup>, onde concepções do meio ambiente se dividem entre os que descendem dos indígenas,

---

216THOMAS, 2012, p. 161.

217THOMAS, loc. cit.

218JURANDIR, op. cit., p. 238.

219A casa senhorial, o trabalho sem remuneração e de caráter quase escravizado, elementos como a cana-de-açúcar, entre outros.

africanos e os que se enxergavam como europeus – feito os Coutinhos –, ao mesmo tempo que percebemos também que ambos carregam suas maneiras de codificar elementos não humanos aos entendimentos de seu meio. José Augusto Drummond (1988)<sup>220</sup> demonstra tal aceção a partir dos povos ameríndios no Brasil:

Os ameríndios brasileiros cabem na qualificação de "míticos" no que toca às suas crenças religiosas e à sua apreciação dos elementos naturais. Fauna, flora, terra, rios, florestas e montanhas pertencem simultaneamente ao mundo sagrado e ao mundo do profano. A paisagem contém elementos naturais positivamente valorizados e codificados em lendas, rituais e entidades. A paisagem é "sagrada" ou, no mínimo, contém elementos "sagrados".<sup>221</sup>

Cabe, ao historiador, a partir da perspectiva ambiental, considerar a importância dos elementos naturais que estão presentes por meio da cultura do meio social. Feito isso, os animais não humanos passam a ter um papel representativo e de suma importância nas mais variadas dinâmicas sociais encontradas em Ponta de Pedras e Cachoeira, sendo utilizados como simbologias de sorte, azar, fertilidade ou virilidade. Jurandir (1992) importa-os para além da mata, dos quintais e os apresenta, no romance, como componentes do íntimo campo psíquico tanto dos pobres, quanto dos fazendeiros. Diferentemente daquela ideia onde costuma-se haver um distanciamento entre humanos e animais não humanos<sup>222</sup>, percebemos que, no romance Marajó, estes passam a ser vistos em determinados trechos com uma certa intimidade, servindo até como exemplo para elogiar qualidades.

A morte de Coronel Coutinho traz um primeiro passo para a caracterização de atribuições animais aos seres humanos, pois este acaba morrendo em momentos de intimidade com uma moça:

Missunga tinha a garganta seca. Apesar do alívio — aquela súbita sensação de ruína iminente — viu a moça desgrenhada despojando-se daquele subitamente cadáver, velho e gordo, que pesou sobre ela. Um fim conveniente a um Coutinho. A morte o apanhara em flagrante, o búfalo morrerá por força da própria vitalidade.<sup>223</sup>

---

220DRUMMOND, J. A. L.. O Jardim Dentro da Maquina: Breve Historia Ambiental da Floresta da Tijuca.. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. I, n.2, p. 276-298, 1988.

221Ibid., p. 281.

222NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. Rio de Janeiro: Novos **Cadernos NAEA**. v. 14, 2011.

223JURANDIR, 1992, p. 303.

Percebemos que o búfalo, neste momento, passa a indicar e intensificar a ideia de um grande potencial, virilidade e vitalidade do Coronel que morreu pela própria força. O interessante da comparação é o modo que o búfalo passa agora a ser um animal digno de atribuição ao fazendeiro que, no decorrer do romance, é mais comum subjugar-lo ao contexto dos vaqueiros em campos e matos “selvagens” ou mondongos.

O Coutinho pai também expressa seu respeito pelas crenças populares sobre os santos. O narrador faz questão de relatar a indistinção social dos moradores de Ponta de Pedras em respeitar e se submeter aos moldes das crenças que estavam presentes ali,

Tenório acreditava nas histórias da santa que as velhas sabiam contar à porta da igreja, à noite nas esteiras dentro das barracas tempo das grandes chuvas. Ninguém podia duvidar daquilo que só os santos sabiam fazer. Nem os graúdos da terra poderiam descrever dessas histórias. Coronel Coutinho, um graúdo, um branco, quando chegava o Divino na fazenda, carregava a Coroa, colocava-a no oratório cheio de velhas imagens, açucenas e rosas.<sup>224</sup>

Tanto que mais a frente o Coronel aponta o motivo de seu cuidado quanto ao desrespeito dos santos que puniam dos mais pobres até os fazendeiros, é o caso do surgimento de doenças do gado, a terra infértil e até mesmo o nascer de um dente no meio da boca que causou a morte de um dos grandes proprietários da região, onde este deixou crescer uma “barba de amaldiçoado”<sup>225</sup>. E como forma de apresentar seu respeito, o patriarca pedia para que sangrassem os reses já que afirma não querer complicações com os santos.

Outro animal que acaba influenciando no cotidiano dos moradores, é o boto. Há, na Amazônia, a lenda em que a figura desse animal é vista como um ser de encantaria onde se transforma em homem e passa a seduzir moças em regiões próximas de praias, e geralmente essas mulheres acabam engravidando do ser encantado que após se relacionar, retorna ao seu estado animalesco e some nas águas.<sup>226</sup> Essa lenda teve diversos papéis ao longo do tempo na Amazônia, casos de infidelidade é um dos mais comentados, quando o pescador ao passar um período

---

224Ibid., p. 174.

225Ibid., p. 175.

226 ASSIS, Rosa Maria Coelho de; ASSIS, Rosa Maria Coelho de. A Lenda do Boto: mais um ‘causo’ Amazônico.. **Asas da Palavra** (UNAMA), BELÉM, v. 03, 1995.

longe de casa, era surpreendido ao retornar e encontrar sua esposa grávida, desse jeito, se mencionava que o caso era de encantaria do boto.

No romance, notamos que a lenda amazônica do boto se destaca em determinados trechos. Em casos de partos dificultosos onde há presença de parteiras e pajés, existem suposições que estas mulheres estejam sofrendo durante a gestação por carregarem uma criança que surgiu a partir do boto:

As parteiras, o tabelião e o pajé não esqueciam a história dos lacraus. Será criança mesmo na barriga da mulher? As parteiras discordavam nas suas suposições: quisto, filho atravessado, filho morto, falta de puxo, Capitão Lafaiete falava em albumina, em parto fora de tempo. O pajé, que a mulher tinha ficado grávida de boto e não de homem, se o filho nascesse devia ser logo atirado no rio, embora tivesse semelhança de gente.<sup>227</sup>

Também pode-se ver em outros momentos quando personagens passam a ser entendidos como encantados pelos outros moradores da vila de Paricatuba. É o caso de Ormindá, moça que possui uma beleza que chama bastante atenção de todos os caboclos, inclusive do próprio Missunga que, inicialmente, tinha a filha de dona Sá Felismina como uma provável presa amorosa em seu diverso leque de aventuras românticas. Devido ao fato de sua beleza irresistível, Ormindá passa a receber comparações com a figura do boto:

Ormindá era mulher para andar nas histórias, ficar nas modinhas, na beira dos trapiches, na lembrança dos homens, pensava o sírio. Lenda que não se podia esquecer mais. Também ouvira uma vez um canoeiro soltar no trapiche a mesma confissão surpreendente e misteriosa:  
— Ormindá é boa que só bota. Da feita que um infeliz cai naquele bicho só arrancando à força.<sup>228</sup>

Ela também é vista como um ser encantado de forma positiva pelas especulações em torno do seu nascimento e de sua possível outra mãe, que vem por meio de um ser encantado da floresta amazônica, a Mãe D'água. Contavam que a moça foi encontrada na praia pela Sá Felismina.<sup>229</sup> As lendas como a do boto, neste sentido, acabam por contribuir para a compreensão de aspectos sociais, como o caso de ressignificação da figura do animal não humano na composição de se viver e entender seu meio.

<sup>227</sup>JURANDIR, 1992, p. 173.

<sup>228</sup>Ibid., 1992, p. 187.

<sup>229</sup>Ibid., 1992, p. 86.

Outra moça que utiliza da figura do boto para expressar formas de encantaria, mas nesse caso, como uma forma de debochar do descaso é Alaíde. Ela acaba por ficar grávida do protagonista Missunga e é pressionada a fazer um aborto através da ingestão de quantidades excessivas da cachaça. Após o infeliz caso, quando ocorre um diálogo sobre o filho que poderiam ter, a moça trabalhadora e engajada na melhoria de condições de vida do povo solta desabafa e questiona o protagonista sobre se ao negar que o filho era dele, vai acusar como um caso de gravidez do boto.<sup>230</sup>

Não somente na questão da sedução a figura do boto aparece, mas, também, com outros sentidos que são representados pelo Missunga e a dona Branca – sua mãe biológica do rapaz. Essa senhora presenteia seu filho com um colar que contém no pingente o dente de boto, tal qual o rapaz carrega constantemente acreditando em seus poderes mágicos:

O menino acreditava nos poderes do dente de boto. Já o primeiro dente que sua mãe lhe colocara no pescoço até hoje não sabia como perdeu. Sem o dente podia apanhar quebranto. Mariana lhe falava muito nisso. Nhá mãe Felismina, era o que conversava, e Missunga sentiu o medo do quebranto aumentar. O segundo dente, o bonito dente de tanta estimação de Guíta, ele também perdeu. Ficou assim como quem anda pelos balcedos sem ser curado de cobra.

Neste sentido, o colar passa a servir como proteção contra doenças como o quebranto – que é uma suposta ação maligna ocasionada por feitiço –, dando a sensação de segurança para Missunga. O animal, neste meio, passa a estar ligado diretamente nessas relações sociais que, mesmo não estando presente fisicamente, ainda habita no campo imaginário dos moradores da vila de Paricatuba.

O irmão de Ormindá, Marcelino, vivencia no romance uma espécie de encantaria desde quando foi flechado. A flechada significa uma forma de feitiço ruim causado por bicho do fundo que toma esta atitude quando há um desrespeito do caboclo que não pede licença para entrar na mata, pescar nos rios ou simplesmente por ser uma pessoa ruim.<sup>231</sup> Desse modo, o azarado Marcelino, após sofrer com essa temível flechada, não conseguiu retomar a vida do mesmo jeito:

---

230 JURANDIR, 1992, p. 187

231 MAUÉS, R. Heraldo. Medicinas populares e pajelança cabocla na Amazônia. In: Paulo César Alves; Maria Cecília S. Minayo. (Org.). **Saúde e Doença**: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 1994, p. 73-81. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/tj4g> último acesso em 3 de Janeiro de 2021.

Seu irmão Marcelino padecia daquele ataque continuamente. Como pegara a doença? Sina de pescador. Todas as noites pescava, sozinho, voltando pela madrugada. Uma noite, pirarucu boiou perto da montaria, a água se arrepiou, teve um brilho que Marcelino desconhecia e o peixe, três vezes boiando, três vezes olhou fixamente o pescador. O olhar do pirarucu o flechou. Quando Marcelino sofre o ataque, pede, no transe, para levarem ao rio, é o peixe quem o chama. Só mestre Jesuíno, o tão falado pajé de Condeixa, poderia curar Marcelino. Orminda queria levá-lo, bem cedo o levaria. Assim pudesse.<sup>232</sup>

Essa punição pelo desrespeito da mata é, muitas vezes, transmitida pelos próprios animais. O medo que acompanha os caçadores, os fazendeiros que estão usufruindo e explorando de forma intensa os recursos naturais, se torna uma das maneiras de Dalcídio se posicionar contra essas medidas. Pois a natureza também encontra formas de revidar, fazer os seres humanos lidarem com as consequências de suas próprias atitudes, como o caso das onças que trazem quase um sentido de vingança do extrativismo demasiado “O medo dos homens é a desforra da floresta contra os madeireiros que a devastam. As onças esperam longas e longas noites o rastro do medo”<sup>233</sup> O trecho em destaque remete a ideia de dificuldade como a do explorador europeu que encontrou na floresta amazônica várias dificuldades, dependendo inclusive dos povos indígenas para determinadas expedições nos períodos coloniais.

Assim, no romance, os animais não humanos desencadeiam uma série de problemáticas e soluções para as necessidades desses povos, não deixando de se mostrarem como portadores de história e protagonismo, então, também como fontes para a História Ambiental. Na escrita de Jurandir (1992) encontramos vários exemplos dessa reação da floresta contra a grande intervenção humana, e é neste ponto que será seguida a próxima subseção ao focar nas denúncias literárias encontradas das narrativas do autor em seu segundo romance, entendendo a sua forma proposital de descrever os campos e as relações sociais na região do Marajó. Pegando como título de exemplo, o bucolismo que é um gênero literário que possui grande conexão com o campo e ambiente natural, ao mesmo tempo em que esteve proposto a diversas significações e ressignificações de seu sentido original. Desse modo, é possível notar aproximações relevantes para a pesquisa do historiador ambiental ao trabalharmos com essa perspectiva.

---

232JURANDIR, 1992, p. 127-128.

233Ibid., 173.

### 3.3 O Antibucolismo em Dalcídio Jurandir

O romance da ilha homônima, até então, nos demonstra ter informações de enorme potencial para que o historiador se debruce. Com o seu teor documental, como apontam os autores Willi Bolle (2011)<sup>234</sup> e Olinda Batista Assmar (2003)<sup>235</sup>, possibilita, cada vez mais, novas perspectivas para que estudiosos desenvolvam trabalhos de relevância acadêmica em relação às escrituras do autor de Ponta de Pedras.

Para Bolle (2011), o segundo livro de Dalcídio Jurandir é o que possui a maior quantidade de informações sobre a cultura dos povos do Marajó, sendo motivo de sua grande aproximação aos estudos históricos e sociais<sup>236</sup>, também não podemos esquecer do empenho que o escritor teve em representações do espaço presente no cotidiano desses povos. Para elucidar mais ainda o caráter ambiental na escrita do romance-ilha, o seguimento em diante vai por um viés onde o diálogo com a literatura se intensifica no quesito de análise, vasculhando cada vez mais as nuances que estão nas entrelinhas da produção do autor.

Neste sentido, o apoio virá por parte do esquema elaborado pelo autor Raymond Williams (1990)<sup>237</sup> que traz um estudo sobre o gênero literário campestre nomeado de bucolismo em suas transformações ao desenvolver da história, demonstrando, com isso, diversos olhares, contextos e motivações para que os poetas e escritores acabassem por elaborar em suas obras uma determinada linha de relação com a natureza. Em Marajó (1992) podemos notar, também, uma semelhante situação em relação aos personagens que estão por compor a realidade de Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari, impulsionados por uma natureza grandiosa, ao mesmo tempo que estão por sofrer sob os malefícios causados pelo domínio rural dos fazendeiros. Desse modo o Marajó traz consigo uma manifestação que o autor utiliza a relação do ser humano e o meio ambiente como forma de expressar um posicionamento referente às causalidades sociais e, concomitantemente com isso, um discurso que expressa também a realidade da

---

234BOLLE, Willi. A escrita da história de Marajó, em Dalcídio Jurandir. **Novos Cadernos NAEA**. v. 14, p. 43-78, 2011.

235 ASSMAR, Olinda Batista. **Dalcídio Jurandir: um olhar sobre a Amazônia**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2003.

236BOLLE, 2011, p. 44.

237WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

degradação de ecossistemas que estão presentes e se fazem necessários no cotidiano dos povos do arquipélago.

As ligações em que podemos associar a conjuntura social exposta pelo autor em sua obra é algo muito destacado por vários pesquisadores de escritos dalcidianos. Olinda Batista Assmar (2003) procura reiterar que não há uma distinção colossal do caráter ficcional e documental na literatura de Dalcídio Jurandir, pois ambas dimensões se entrelaçam na maneira em que o literato reforça a realidade com material ficcional, e nesse sentido, há um terceiro elemento permeando entre estes dois, que é o imaginário.<sup>238</sup> Trabalho escravo, condições de insalubridade, desigualdade social, supostas evicções, entre outras coisas, são temáticas exploradas em trabalhos que investigam os conflitos sociais na Amazônia, principalmente se tratando de povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas. Não é por menos que a autora Olinda Batista Assmar (2003) exemplifica em seu estudo que a natureza se tornou “palco da solidão e sofrimento do amazônida”.<sup>239</sup>

Em passagens peculiares do romance Marajó, percebemos um transitar entre as duas classes que se separam entre opressores e oprimidos. Bolle (2011) destaca que há uma linha tênue entre os dois âmbitos a partir do personagem Missunga que em determinado momento se identifica com os mais pobres e entende como seu pai complica a vida das pessoas em Ponta de Pedras, porém, mais a frente acaba por desconsiderar o que anteriormente entendeu e decide apenas reforçar a manutenção das mesmas estruturas que antes já existiam, e assim, também ocorrendo a transposição entre a cultura iletrada dos caboclos para o leitor culto.<sup>240</sup> Ao mesmo tempo, o autor Willi Bolle (2015), assim como Olinda Batista Assmar (2003), fala sobre a necessidade de quebrar determinadas barreiras impostas por paradigmas ultrapassados que elaboram visões dicotômicas, mas dessa vez, entre áreas do conhecimento – História, Antropologia, Sociologia etc. –, impedindo que haja, assim, uma análise conjunta que possa contribuir mais ainda para o entendimento e relevância da obra.<sup>241</sup>

São por questões como essa que pesquisadores da história ambiental buscam caminhar por campos não tão confortáveis para aquela velha história dos grandes acontecimentos, onde o indivíduo não pertencente aos grupos privilegiados

---

238ASSMAR, 2003, passim.

239ASSMAR, 2003 p. 47.

240BOLLE, 2015, p. 49.

241BOLLE, 2015, p. 50-51.

acabava ficando de fora das suas narrativas. É por isso que Bolle (2011), mesmo não sendo historiador, enfatiza a forma que Dalcídio Jurandir contribui para o conteúdo político e social, dando espaço de fala para os sujeitos anteriormente mutados, mesmo que no romance estes estejam na posição de oprimidos e vivendo as mazelas da vida nos campos do Marajó, não deixam também de apresentar as formas de se impor e resistir ao sistema senhorial dos Coutinhos e outros grandes proprietários:

O que pode parecer apenas um relato de derrotas, é também uma história de lutas contra a ordem dominante, e o próprio fato de o autor dar voz aos vencidos não deixa de ser uma forma de resistência e uma vontade de mudar a escrita da história.<sup>242</sup>

As vozes que propagam, acusam e reclamam suas reivindicações são provindas dos mais pobres: pescadores, agricultores, mulheres, negros e indígenas, mas não podemos esquecer, que junto a estas também surge a voz das árvores e animais não humanos que acompanham subitamente a trama do romance. Esse quase ou definitivo protesto que mais me parece um suposto encargo do papel dos menos favorecidos tem muito a dizer para os historiadores ambientais. Para refletir sobre isso, vale ressaltar um gênero literário que surgiu e se apropriou bastante da cultura campestre.

O bucolismo teve seu papel novamente destacado na história a partir da redescoberta de Virgílio pelos renascentistas<sup>243</sup>, onde se buscou trazer todo um formato comum aos textos que expressam a vivência e realidade pastoril, porém, há também uma linha de raciocínio do autor Raymond Williams (2011)<sup>244</sup> que menciona os poemas idílicos de Teócrito como uma base para o que futuramente teríamos como o gênero do bucolismo.

Williams (2011) retrata o quão problemático foi o desenrolar desse gênero ao longo dos séculos, passando por ressignificações e transformações do seu papel anteriormente estabelecido na antiguidade clássica, que era uma representação realista da vida no campo, feita inclusive pela proximidade dos poetas com o cotidiano campestre<sup>245</sup>, principalmente se tratando dos poemas que estavam

242BOLLE, 2011, p. 50

243MARNOTO, Rita. **Raízes do Bucolismo de Pero de Andrade Caminha**: Desdobramento e Reidentificação. Coimbra: APEC, 1999.

244WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

245WILLIAMS, 2011, p. 29.

inseridos na realidade de sujeitos que viviam em áreas propostas a evicção ou em lidar cotidianamente com os atos autoritários dos grandes proprietários. Não obstante disso, os poetas procuraram segmentos mais diversos, através da sua arte, para manifestar seus sentimentos, juntamente aos elementos do meio ambiente que os rodeava, sua indignação em torno das investidas por essas ameaças advindas de regimes senhoriais. Mas, para isso, uma análise minuciosa precisa ser feita, pois os versos que pareciam simples, eram carregados de denúncia.

A relevância da antiguidade clássica torna-se uma influência importante neste surgimento da idade moderna, sendo expressado até mesmo na vertente dos primeiros textos jesuíticos em caracterização da natureza onde se havia a intenção de descrição.<sup>246</sup> No seguimento da produção de textos descritivos, havia intencionalidade representativa sobre a natureza encontrada nas Américas, onde o “exótico” ou diferente passaram a despertar grande curiosidade, ocasionando o surgimento de métodos empíricos. Tanto que estes jesuítas passam a receber os rótulos por alguns outros pesquisadores como botânicos, zoólogos, médicos, entre outros.<sup>247</sup>

Outro ponto que, também, é válido destacar, chega por grande parte dessas poesias e textos literários desenvolvidos no neobucolismo acabam escondendo muito do que realmente acontecia com os camponeses, estes perdendo o seu espaço no campo e na literatura para figuras da elite agrária que passavam a elaborar narrativas elegantes e de harmonia em relação ao ser humano e natureza, porém, por trás da elegância havia a violência que sustentava toda uma relação do capitalismo agrário e dos camponeses, uma degradação do meio ambiente que impactava ferrenhamente a dinâmica da sociedade.<sup>248</sup> O surgimento de um antibucolismo se dá justamente pelo incontentamento dessas narrativas hiperbólicas e disfarçadas com interesses de classe, onde os povos do campo passam a ser, nos poemas, apenas um entretenimento aristocrático, e a casa senhorial do campo é vista como salvadora, lugar de abundância e conforto, desconsiderando o trabalho dos mais pobres por trás das cortinas que caçam, limpam e cozinham, e a exploração dos recursos naturais que são tidos como inesgotáveis e imensuráveis, propostos sempre a servirem as necessidades humanas.<sup>249</sup> Aliás, Williams (2011)

---

246 PINHO, L. G.. A imagética jesuítica em zona de contato: textos jesuíticos sobre a flora e a fauna brasileiras no século XVI. *Locus* (UFJF), v. 17, p. 189-215, 2011.

247 *Ibid.*, p. 193.

248 WILLIAMS, op. cit., *passim*.

249 WILLIAMS, 2011, p. 60-62.

deixa evidente que estas perspectivas de sobreposição da realidade senhorial sobre o trabalho no campo só é possível porque os hóspedes e poetas que escreviam tais poemas estavam em posição semelhante, apenas usufruem do trabalho duro exercido pelos mais pobres.<sup>250</sup>

Não procuro, de maneira alguma, definir a escrita de Dalcídio Jurandir como bucólica ou antibucólica, e sim buscar e notar as aproximações que tangem narrativas sobre a natureza e as transformações desta, sofrida pelos conflitos agrários anteriormente apresentados na análise do romance *ilha* (1992). Por meio dos personagens e do narrador, o autor expressa características peculiares encontradas no *Marajó*, seja na movimentação de animais, rios e plantas ou nos resquícios de interações humanas com o meio ambiente que deixaram marcas.

Para elucidar, neste momento, é válido comentar que, no romance analisado neste trabalho, os campos de Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari encontram-se em ruínas pela gestão da elite agrária local, o autor faz questão de evocar este sentimento de depredação em várias passagens, sempre reiterando que as mazelas sofridas pela população menos favorecida não é devido aos empecilhos naturais, e sim, as transformações humanas:

A família caminhava. As poucas árvores se enchiam de cinza, amarelavam no campo ardido. O fogo lavrara aqui e ali. A terra negra e queimada, fumegando. Caminhavam meio sufocados, com as labaredas, o mormaço, o vento levantava a cinza negra e envolvia-os. A criancinha aos berros, tinha desmancho, se vazando toda. Para onde foi o gado? Para que queimavam as pastagens?<sup>251</sup>

O teor de dominação pelos fazendeiros e vaqueiros através de queimadas, caçadas e demarcação de campos é o que acaba por expulsar e impulsionar a migração de muitas famílias para outros municípios ou capital do Estado do Pará – Belém – em busca de outras oportunidades, mesmo isso significando abandonar toda aquela vivência anteriormente estabelecida no antigo lar. Coronel Coutinho e seus capangas estão constantemente se preocupando em buscar de novos espaços para agregar ao seu arsenal de terras, não se importando com pessoas, animais não humanos ou vegetação, enfatizando tal degradação no processo de ocupação e liberação do campo para o boi:

---

250WILLIAMS, 2011, p. 59.

251JURANDIR, 1992, p. 242.

Ardiam os campos no fulvo esfumaçado do crepúsculo morno. O gado descia das lonjuras fugindo ao fogo das queimadas e ia beber no rio e no lago. Os vaqueiros caçavam búfalos e reses bravias no Mocoões onde também os caçadores de jacarés esperavam fazer uma grande matança.<sup>252</sup>

Em determinados trechos, para acusar esta investida dos fazendeiros contra as famílias, os animais e a mata, Jurandir se utiliza de personagens como Ramiro, um tocador de chulas que costuma animar a festa do povo em Ponta de Pedras e Cachoeira. O artista traz consigo muito da revolta contida em grande parte pelos menos favorecidos que, em determinadas situações, não enxergam outra saída a não ser se sujeitarem com as opressões impostas pelos grandes proprietários. Neste sentido, Ramiro aparece como um lugar de fala para os que estão vivenciando a miséria:

Ramiro galopa na terra rachada e queimada. Viu em torno de um lago quase seco muito e muito animal vindo de toda a parte, tuiuiú, passarão, a borboleta por cima daquelas podres águas lamacentas. Pousavam ali os bichos juntos, mansos, irmãos, bebendo. Havia passarinhos que não abandonavam nos ninhos distantes os pelados filhotes que morriam. E sobre aquele chão de terroadas onde pelos buracos as cobras se escondiam, Ramiro continuava a galopar. Sobre as palmeiras que o fogo devorava, as lagunas secas, as cobras que espiavam das rachas, a lua também queimada.<sup>253</sup>

Este trecho expressa o impacto e devastação que o ecossistema vem sofrendo nos campos do Marajó, “Sobre as palmeiras que o fogo devorava”, novamente tocando no tema das queimadas, é o ponto onde percebemos as atividades de pecuaristas em preparação da terra para a implantação dos seus devidos sistemas de produção no mundo do capitalismo agrário<sup>254</sup>, sem se preocupar com os distúrbios sociais e naturais a serem desencadeados nos arredores dessas propriedades onde residem outras pessoas e animais não humanos. A questão das queimadas se faz presente nos municípios do arquipélago até hoje, onde comunidades ribeirinhas, quilombolas e indígenas acabam sofrendo a consequência de atividades madeireiras e pecuaristas da região.

Através da sua arte, o tocador de violão, viola e violino, traz consigo uma manifestação e incontentamento com a proibição da pesca imposta pelo grupo hegemônico da região, impulsionando, assim, a perspectiva de que a natureza já

<sup>252</sup>JURANDIR, 1992, p. 330.

<sup>253</sup>JURANDIR, 1992, p. 330.

<sup>254</sup> Cf. FOSTER, John Bellamy (2015).

não possui mais sua autonomia, agora é gestada pela vontade senhorial dos fazendeiros:

Foi-se, lhe dissera Ramiro, o tempo em que pescar a flecha fazia gosto. Os caboclos desciam da montaria ou do cavalo e cercavam os cardumes, saltando, muitas vezes, sob a pontada elétrica do puraqué. Nos lagos próximos onde há peixe, o rifle dos fazendeiros está na mão do vigia atento. Recolhia a linha de anzóis com isca de pitomba e nem um aracu, um apapá. Os donos do rio não eram mais os peixes nem as cobras grandes, mas Coronel Coutinho, Capitão Guilherme, Sinhuca Arregalado.<sup>255</sup>

Neste seguimento, o personagem transpõe um sentido de nostalgia ao mencionar “o tempo em que pescar”, reiterando a ideia de que estas causalidades da pobreza que gera fome, doença e morte, em Cachoeira e Ponta de Pedras, são ocasionadas pela apropriação e privatização dos rios e campos, acabando com atividades que eram comuns aos moradores, expressando um período em que o domínio dos fazendeiros ainda não estava totalmente concretizado na região e podia-se pescar. Esta forma que o violeiro expressa suas indignações é reconhecida e muito valorizada pelos demais que se enquadram na mesma situação de luta pela sobrevivência que se encontra o personagem. Porém, para os sujeitos que detém o poder e as fontes de riqueza, a presença de Ramiro é um incômodo, tanto que este acaba sendo expulso das fazendas em que visita.<sup>256</sup>

As produções literárias do final da primeira metade no século XX, sendo elas produções nacionais, possuem uma característica e tendência do realismo naturalista, onde podemos encaixar Dalcídio Jurandir.<sup>257</sup> No que cabe às retratações da paisagem, Dora Shellard Corrêa (2012)<sup>258</sup> alerta que há uma variedade conceitual e metodológica nas definições do que seriam essas representações, mas que os historiadores econômicos e ambientais costumam atribuir a paisagem uma materialidade objetiva.<sup>259</sup>

O literato paraense utiliza suas vivências e pesquisas do cotidiano tornando assim, cada vez mais, a sensação do realismo naturalista presente em sua escrita, o que para a análise da história ambiental pode servir como uma relevante fonte de

255 JURANDIR, 1992, p. 261.

256 JURANDIR, 1992, p. 244.

257 HARDMAN, F. F. **A Amazônia como Voragem da História: impasses de uma representação literária.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 15, p. 207-221, 2007.

258 CORRÊA, Dora Shellard. **História ambiental e a paisagem.** História Ambiental Latinoamericana y Caribenha, v. 2, p. 47-69, 2012.

259 Ibid., p. 56.

informações. Percebendo os conflitos agrários, a difícil vivência em Ponta de Pedras onde nasceu e Cachoceira do Arari onde morou por anos, trouxe a carga necessária para denunciar através da sua escrita estas questões. Estas investigações literárias já eram validadas no âmbito político, social, histórico e cultural, e agora, acresce a estes mais uma linha que é a da análise ambiental com propósitos de evidenciar possíveis intervenções humanas e medidas de proteção dos meios naturais que estão sofrendo, gradativamente, os empecilhos de consequências das práticas humanas que desconsideram a ideia de degradação do meio ambiente.<sup>260</sup>

É ratificando a relevância que se configura o meio ambiente na nova história que surge a partir da década de 70 e se firma a partir da última década do século XX que Dora Corrêa (2012) explica ser comum a descrição geográfica dos espaços estudados, como uma forma de reafirmar a legitimidade do relato pelo ato de acrescentarem eventos em cenários e discuti-los, entretanto, hoje estes cenários tornam-se centrais para a compreensão de processos históricos, que, inclusive, é uma das metodologias da História Ambiental.<sup>261</sup>

Como dito inicialmente, Missunga, filho de Coronel Coutinho esboça um transitar entre as duas realidades em conflito no romance, em determinado momento isto se prova até mesmo como um “beber do próprio veneno” já que o rapagão se aventura pela mata em caças sem sucesso, tentando preencher a vaguez na monotonia da vila de Paricatuba. Estes trechos que se estabelecem na calma da mata, também transportam uma certa agonia e perturbação interna do jovem aspirante a fazendeiro por não saber que caminho trilhar no seu, ainda, nebuloso futuro:

Soprou a preguiça e estirou os braços na manimolência da tarde. Longas sextas na rede cor de ouro do Ceará. Suas caçadas, a pesca de onde voltava sem um camarão no fundo da montaria, os robes de D. Ermelinda, com o seu ar a família e a serralho, tentando parecer uma boa e verdadeira madrasta, o separavam ainda mais de Paricatuba, das goiabas bichadas, das lembranças de Guíta, do colo de Mariana e lhe aumentavam a solidão.<sup>262</sup>

Não se preocupar com a fome, ter acesso às terras e tempo livre para investir em seus romances com as personagens Alaíde, Ormindia e Guíta é um fator que o

---

260CHAVES, Teresinha Gema Lins Brandão. A relação homem e natureza: O contexto ambiental na literatura. **Revista Crioula** (USP), v. Único, p. nr.1, 2007.

261CORRÊA, 2012, p. 52.

262JURANDIR, 1992, p. 29.

leitor pode notar na realidade do rapaz, não é por menos que em trechos como este acima o seu conflito se dá em meio a tardes calmas, com pesca por hobby e sem sucesso. Diferentemente dos que estão constantemente lutando pela farinha, peixe e açaí do dia a dia, enfrentando as doenças, a febre do mato. Ainda por cima vivenciam as cobranças feitas pelos comerciantes como o vigarista Calilo.

Como exemplo a situação do pequeno proprietário Tenório, que herdou as terras do pai, mas também acabou por herdar as incontáveis dívidas. Perde a filha e esposa e se vê na mais lamentável condição, pois já sofria enormes pressões por parte de Calilo que tinha interesse em partes de sua fazenda. Na tristeza e miséria de Tenório, o Coronel Coutinho, Lafaiete e Calilo surgem para uma negociação de suas terras para quitar as dívidas existentes. O viúvo, assustado, doente e confuso, retruca os sujeitos afirmando que não sabia ler:

Tenório só sabia ler quando Capitão Lafaiete assinava o nome dele no livro de eleitores. O tabelião assinou o papel, a firma reconheceria depois. Calilo e Coronel no terreiro conversavam sobre a necessidade de educar os caboclos a obedecer leis. Tenório, num caixote, olhava o chão, uma formiga passeava num pedaço de miriti. Lembra-se do sítio de D. Mariazinha que Coronel também tomou. A mulher aparecia na vila variada do juízo. Coronel falava na Suíça, na educação da Suíça. Aquilo sim, é que é país!<sup>263</sup>

O sítio de dona Mariazinha “que Coronel também tomou” remete à prática comum da desapropriação de terras, descartando qualquer possibilidade de pequenos posseiros ascenderem pelos campos do Marajó. Esta forma de evicção se assemelha aos lamentos de camponeses em poemas analisados por Williams (2015)<sup>264</sup>, que acabam pagando o preço pela guerra, modernização ou casas senhoriais que engoliam outras propriedades menores.

Coronel Coutinho sua posição em relação ao cercamento de campos e rios por meio de comentários desdenhosos quanto ao restante da população, sempre puxando discursos de cunho pejorativo em relação às culturas indígenas e africanas para reforçar a segregação de sua classe:

O vigia tinha ordem para assustá-lo, dizia o Coronel. Foi um tiro de rifle mal calculado. A gente lastima. Mas de que modo se pode ensinar esse povo a respeitar a propriedade, a deixar de ser índio?<sup>265</sup>

---

263JURANDIR, 1992, p. 59.

264WILLIAMS, 2011, p. 29 et seq.

265JURANDIR, op. cit., p. 68.

O caráter acusativo em que Dalcídio Jurandir se aproxima do antibucolismo torna-se mais explícito quando referências ao trabalho abusivo, praticamente escravo, é revelado como pilar de luxúria dos Coutinhos e outras figuras de poder. Da natureza privada, o que sobrou foi o sol quente, as picadas de bicho, a febre que se engana com a cachaça, “Na cidade, longe da vila, quanta noite de champanhe, espremido do suor e do sangue daqueles caboclos, dos vaqueiros que fediam a couro e a lama ouvindo nos campos os tambores do Espírito Santo”.<sup>266</sup>

Constata-se a decadente e penosa condição das inacessíveis fontes de subsistência dos moradores da vila de Ponta de Pedras e Cachoeira no decurso do romance quando há uma reflexão de um passado ou uma projeção do que seria a região se não fossem os cercados e o intensivo agronegócio estabelecido socialmente ao longo dos anos. Jurandir (1992) demonstra como torna-se inerente aos conflitos sociais a depredação do ambiente natural, mesmo estes sendo díspares em sua forma.

Os momentos de fartura se tornaram tão raros que fica visível a surpresa dos vaqueiros e pescadores ao conseguirem ter êxito nas suas caças e pescarias em rios distantes dos domínios senhoriais, jogando suas redes e gritando de felicidade ao perceberem que havia presença de peixes ao recolherem estas do fundo do rio.<sup>267</sup>

Ao mesmo tempo, os moradores dos campos acabam por expressar, no romance, o descontentamento contínuo do esgotamento e resultado da demarcação de terras que estavam sob domínio dos fazendeiros, já que nelas estes não eram permitidos executar atividades de plantação ou pescar em rios, e os que estavam à sua disposição, eram apenas aqueles que não serviam como fonte alguma:

Missunga ouvia sempre as mesmas histórias. Marajó devastado, as lagunas secas, os campos vazios de caça, adeus fartura. Para onde foram as marrecas, o pato brabo, passarões da beira do Arari? Só o lago Arari era que se enchia de redes e tarrafas com os pescadores aos gritos, cercando os peixes.<sup>268</sup>

Percebe-se o enorme tom de denúncia do trecho de maneira recorrente quando se leva em conta o “sempre as mesmas histórias”, dando a sensação de que já havia um cansaço de ouvir sempre as reclamações dos menos favorecidos. Ao

---

266 JURANDIR, 1992, p. 18.

267 Ibid., p. 129.

268 Ibid., p. 104.

mesmo tempo que se há uma mentalidade que os lagos do Arari são os únicos que ainda proporcionam a disponibilidade de peixes para encher as redes, montarias e tarrafas, porém, já sabemos que estas terras de Cachoeira são alvo das investidas de domínio dos Coutinhos, tanto que há passagens onde o Coronel está cavalgando pelos campos de Arari atrás de cabeças de gado, terras que deseja apropriar, praticando matança de jacarés que comem as reses<sup>269</sup>, e conquistando mulheres para se tornarem suas amantes

Dessa forma, a escrita de Dalcídio se distancia daquela ideia romântica, da natureza abundante, fonte inesgotável de recursos para serem úteis aos seres humanos. O autor não mede esforços para denunciar as mazelas sofridas pelas famílias de pescadores e pequenos agricultores que se encontram pelos campos do Marajó, mesmo comportando uma natureza grandiosa e que ainda consegue fornecer minimamente condições de vida, essa violência que é causada pela ganância dos grandes proprietários e grupos hegemônicos da agroindústria está cada vez mais levando a maior parte da população, que vive em miséria, para outras cidades. O antibucolismo se aproxima na ideia de retratar a sua produção de forma mais realista possível, e nunca deixando, também, de dar voz aos animais e árvores conhecidos pelos povos do arquipélago. Mencionando a natureza assim como o bucolismo, porém, com a intenção de denunciar problemáticas sociais existentes nestes municípios. O livro *Marajó* (1947), então, é uma importante maneira de compreender e analisar as relações com a natureza dos povos de Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari na primeira metade do século XX.

---

269Os animais quadrúpedes que estão destinados a alimentação dos humanos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram apresentados, ao longo do trabalho, alguns pontos que nos fazem refletir sobre a presença não apenas dos conflitos sociais e políticos presentes na literatura de Dalcídio Jurandir, mas, também, que a natureza desenvolve um importante papel no desenrolar de suas narrativas. Ou seja, pelo simples fato das várias interpretações que já foram trabalhadas dos escritos do autor paraense, já percebemos a riqueza de sua literatura. O papel do presente trabalho foi perceber as relações entre seres humanos e natureza ao longo do tempo por meio do seu segundo livro, e como esta natureza foi expressa pelo autor, e assim, apontar a relevância de Dalcídio Jurandir para a História Ambiental. Portanto, os aspectos encontrados em minha análise não esgotam as possíveis formas de se perceber a natureza no romance que utilizei, e nem em outros que o autor escreveu, pois ainda se trata de um autor a ser estudado pelos historiadores que se dedicam às interpretações ambientais.

Podemos notar, durante a leitura do romance, que os animais, as árvores e rios estão em presença constante, pois os açázeiros são bailarinos, os cães fazem greve e ganham voz e os rios são calma e força, além de possuírem seus mistérios. As relações estabelecidas entre seres humanos e natureza no romance são diversas e ainda se fazem presente no arquipélago do Marajó até hoje, há constantes reivindicações, por exemplo, das comunidades remanescentes quilombolas pelo reconhecimento de terra e ameaça pelas cercas dos fazendeiros, estes últimos buscando aumentar suas riquezas na perspectiva mercantilizada da natureza. Lendas que Dalcídio Jurandir escrevia na primeira metade do século XX, e que já se faziam presentes anteriormente, continuam a compor o cotidiano dos povos no arquipélago do Marajó, principalmente em comunidades mais distantes das cidades.

Dentre as várias vozes que ecoam nos romances dalcidianos, insere-se a natureza e cabe ao historiador perceber o que esses elementos estão a dizer, assim como os povos escravizados e silenciados pelos documentos que privilegiavam os grandes nomes. Búfalos, cães, peixes, árvores e rios encontram na literatura um espaço para se pronunciarem, retirando a natureza como um simples cenário

passivo das atividades humanas, como é o caso do Coronel Coutinho que se esforça para transformar aquele espaço em sua propriedade.

Diferentemente do pai de Missunga, famílias menos favorecidas como a de Alaíde, Ormindá, Guíta e Ramiro buscam apenas, cotidianamente, formas para sobreviverem em meio às opressões exercidas pelos Coutinhos. Como já havia dito anteriormente, não foi minha intenção apontar que os oprimidos no romance possuíam uma relação harmônica com a natureza, mas fica evidente que estes degradam em escala muito menor se comparados com os grandes proprietários, dando espaço para que florestas campos e rios possam se recuperar, o que não acontece na prática dos pastos e da pesca excessiva.

Denunciando as mazelas sociais e ambientais existentes nos municípios de Ponta de Pedras e Cachoeira, Dalcídio Jurandir ainda contribuirá bastante para a compreensão destas relações dos seres humanos e natureza no Marajó na primeira metade do século XX, já que estas dinâmicas se fazem presentes ainda em dias atuais. Em outras palavras, demonstra sua enorme relevância para ampliar nossa compreensão de processos históricos que acabam não sendo tão perceptíveis nas demais documentações tão estimadas pelos historiadores.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ASSIS, Rosa Maria Coelho de; ASSIS, Rosa Maria Coelho de. **A Lenda do Boto: mais um 'causo' Amazônico..** Asas da Palavra (UNAMA), BELÉM, v. 03, p. XXX-XXX, 1995.

ASSMAR, Olinda Batista. **Dalcídio Jurandir: Um olhar sobre a Amazônia**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2003.

BOLLE, Willi. **A escrita da história de Marajó, em Dalcídio Jurandir**. Novos Cadernos NAEA, v. 14, p. 43-78, 2011.

BRASIL, Marília Carvalho. **Marajó: em busca da sobrevivência**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG. 1993.

BURITI, Catarina de Oliveira. AGUIAR, José Otávio. **Secas, Migrações e Representações do Semi-árido na Literatura Regional: por uma história ambiental dos sertões do Nordeste Brasileiro**. Roraima: UFRR, 2012. p.7-31.

BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza. **A Concepção de Natureza na História**. IHAB: Fortaleza, 2007.

CARDOSO, L. F. C. E.. **Reconhecimento, desrespeito e organização política quilombola na luta por território na Ilha do Marajó (PA)**. A REVISTA CRONOS, v. 14, p. 93-107, 2013.

CARVALHO, L. O. D. de M.; NASCIMENTO, C. N. B. do; LOURENÇO JÚNIOR, J. de B. **Sistema de produção de bubalinos para leite e carne**. Belém: EMPRABA-CPATU, 1981.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAVES, Teresinha Gema Lins Brandão. **A relação homem e natureza: O contexto ambiental na literatura**. Revista Crioula (USP), v. Único, p. nr.1, 2007.

CORRÊA, Dora Shellard. **Historia ambiental e a paisagem**. História Ambiental Latinoamericana y Caribenha, v. 2, p. 47-69, 2012.

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico**: a expansão biológica na Europa, 900-1900 / Alfred W. Crosby; Tradução José Augusto Ribeiro, Carlos Afonso Malferrari. – São Paulo: Companhia das Letras 2011.

DRUMMOND, J. A. L. **Por que estudar a história ambiental do Brasil?** - ensaio temático. *Varia História* (UFMG. Impresso), Belo Horizonte, v. 26, n. jan 2002, p. 13-32, 2002.

DRUMMOND, J. A. L.. **O Jardim Dentro da Maquina**: Breve Historia Ambiental da Floresta da Tijuca.. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. I, n.2, p. 276-298, 1988.

DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental**: temas, fontes e linhas de pesquisa. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*. vol. 4, n.8. 1991, p.177.197

SILVA, Sandro Dutra e et al. **O cerrado goiano na literatura de Bernardo Élis sob o olhar da história ambiental**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.24, n.1, jan.-mar. 2017, p.93-110.

FOSTER, Bellamy, John. **Marxismo e Ecologia**: fontes comuns de uma Grande Transição. São Paulo: *Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais*. v. 19, n. 35 (2015).

FREITAS, Décio. **O Capitalismo Pastoril**. Porto Alegre: Ensaio FEE, 1993.

FREYRE, Gilberto, **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. São Paulo: Global, 2004.

FURTADO, M. T. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. *Sínteses* (UNICAMP), v. 1, p. 169-180, 2004.

GOUVÊA, D. C.; ÁVILA, P. C.; RIBEIRO, S. B. **A regularização fundiária urbana na Amazônia legal**. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 11, n. 2, 2009.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **A importância da história e da cultura nas leituras da natureza**. *Inter-ação* (Goiânia), v. 33, p. 89-112, 2008.

HARDMAN, F. F.. **A Amazônia como Voragem da História**: impasses de uma representação literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 15, p. 207-221, 2007.

JURANDIR, Dalcídio. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19092/dalcidio-jurandir>>. Acesso em: 07 de Jan. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 3ª. ed. Belém: CEJUP, 1992.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Marques Editora, Belém – Pará, 2016.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

LOPES, A. R. S. **História Ambiental: Uma demanda contemporânea**. Cadernos de Pesquisa do CDHIS (Online), v. 23, p. 483-496, 2010.

MAIA, Maíra Oliveira. **Para além da decadência** – A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História) - Instituto de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, p.296. 2017.

MARNOTO, Rita. **Raízes do Bucolismo de Pero de Andrade Caminha: Desdobramento e Reidentificação**. Coimbra: APEC, 1999.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **Os historiadores e o meio ambiente**. Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, p. 11-26, 2006.

MAUÉS, R. Heraldo. **Medicinas populares e pajelança cabocla na Amazônia**. In: Paulo César Alves; Maria Cecília S. Minayo. (Org.). Saúde e Doença: um olhar antropológico. 1ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/tdj4g>, 1994, v., p. 73-81.

NETO, Geraldo Magella de Menezes. **História Ambiental e Literatura: o seringal nas obras de Ferreira de Castro e Firmino Teixeira do Amaral**. Tempos Históricos, Belém – PA, 2011. p. 155-178.

NUNES, Benedito. **O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura**. Rio de Janeiro: Novos Cadernos NAEA. v. 14, 2011.

NUNES, Paulo. **Aquonarrativa ou Encharcar-se na Poética de Dalcídio Jurandir**. Belém: I Colóquio Dalcídio Jurandir, nov. 2001.

PÁDUA, José Augusto; Lago, A. **O Que é Ecologia**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. v. 1. 108p. Formato Kindle

PÁDUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental**. In: Estud. av. [online]. 2010, vol.24, n.68, pp 81-101.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura**. Pelotas: UFPel, 2003, p.

PINHO, L. G.. **A imagética jesuítica em zona de contato: textos jesuíticos sobre a flora e a fauna brasílicas no século XVI**. Locus (UFJF), v. 17, p. 189-215, 2011.

PRESSLER, Gunter K.. **O Comunista e o Escritor Dalcídio Jurandir**. Princípios (São Paulo), v. 102, 2009.

SALLES, Vicente. **Chão de Dalcídio**. Asas da Palavra: Revista de Graduação em Letras, v. 13, n. 26, 1996.

SANTIAGO, Alberto Alves. **Introdução dos Búfalos no Brasil**. [S.l.]: ABCB, 2016

SANTOS, A. O. A. **O Feminino em Dalcídio Jurandir: entre a opressão e a subversão**. In: XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2015, Florianópolis. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2015. v. 1.

SARGES, Maria de Nazaré. **A árvore das patacas secou: o comércio português em Belém no primeiro quartel do século XX**. Brasil-Portugal: Pontes sobre o Atlântico. p. 99-109, 2017.

SARRAF-PACHECO, Agenor. **História e Literatura no Regime das Águas: Práticas Culturais Afroindígenas na Amazônia Marajoara**. Amazônica: Revista de Antropologia (Impresso), v. Vol. 1, p. 406-441, 2009.

SEABRA, Silvana. **De vizinhas tricoteiras a companheiras distantes? Alguns apontamentos sobre o debate entre História e Literatura**. Juiz de Fora: Locus, 2011.

SOUZA, Armando Lirio de. **Evolução do sistema agrário do Marajó: uma perspectiva sociohistórica**. Cadernos CEPEC, v. 3, p. 1-28, 2014.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)**. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1983].

THOMPSON, E.P. **Senhores e Caçadores**. Trad. Denise Bottmann, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

WEINHARDT, Marilene. **Ficção e História: retomada de antigo diálogo**. Curitiba: UFPR. 2002. p.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

WORSTER, Donald. **Para fazer História Ambiental**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, Vol. 4, n. 8, 1991.

WORSTER, Donald. **Transformações da terra**: para uma perspectiva agroecológica na história. *Ambient. soc.* [online]. 2003, vol.5, n.2, pp.23-44.